

*Os (Re)Desenhos e Memórias da igreja Senhor do
Bonfim no Alto do Cruzeiro, na cidade de Feira de
Santana - Bahia entre os anos de 2012 e 2023*



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Departamento de Letras e Artes

Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade **UEFS**



TANIELY DA SILVA SANTOS

**OS (RE)DESENHOS E MEMÓRIAS DA IGREJA SENHOR DO BONFIM
NO ALTO DO CRUZEIRO, NA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA –
BAHIA, ENTRE OS ANOS DE 2012 E 2023**

FEIRA DE SANTANA/ BAHIA

2024

TANIELY DA SILVA SANTOS

**OS (RE)DESENHOS E MEMÓRIAS DA IGREJA SENHOR DO BONFIM
NO ALTO DO CRUZEIRO, NA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA –
BAHIA, ENTRE OS ANOS DE 2012 E 2023**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana, na **Área de Concentração** Desenho, Registro e Memória Visual, **Linha de Pesquisa** Patrimônio Cultural, Representação e Memória, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade, sob a orientação da Profa. Doutora Lívia Dias de Azevedo.

FEIRA DE SANTANA/ BAHIA

2024

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Santos, Taniely da Silva
S239r Os (re)desenhos e memórias da igreja Senhor do Bonfim no Alto do
Cruzeiro, na cidade de Feira de Santana – Bahia, entre os anos de 2012 e
2023/ Taniely da Silva Santos. - 2024.
139f.: il.

Orientadora: Livia Dias de Azevedo

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, 2024.

1. Desenho. 2. Igreja. 3. Igreja Senhor do Bonfim. 4. Memória.
5. Patrimônio. I. Azevedo, Livia Dias de, orient. II. Universidade Estadual
de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 74:282(814.22)



FOLHA DE APROVAÇÃO

TANIELY DA SILVA SANTOS

OS (RE)DESENHOS E MEMÓRIAS DA IGREJA SENHOR DO BONFIM NO ALTO DO CRUZEIRO, NA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA – BAHIA, ENTRE OS ANOS DE 2012 E 2023

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade, avaliada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. Livia Dias de Azevedo –Orientadora –Coordenadora-PPGD/UEFS, Profa. Dra. Neivalda Freitas de Oliveira – UNEB e Prof. Dr. Pedro Augusto Vieira Santos – UEFS

BANCA EXAMINADORA

Livia Dias de Azevedo

Profa. Dra. Livia Dias de Azevedo –Orientadora –Coordenadora- PPGDCI/UEFS

Documento assinado digitalmente



NEIVALDA FREITAS DE OLIVEIRA
Data: 19/05/2024 11:10:29-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Neivalda Freitas de Oliveira - UNEB

Documento assinado digitalmente



PEDRO AUGUSTO VIEIRA SANTOS
Data: 17/05/2024 19:25:03-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Pedro Augusto Vieira Santos - UEFS

Aprovada em: dezesseis de maio de dois mil e vinte e quatro.

FEIRA DE SANTANA/ BAHIA

2024

Dedico este precioso trabalho ao meu Pedro (filho), minha mainha (Dete), ao meu bem (Francis) e a todos os paroquianos da igreja Senhor do Bonfim que fizeram e fazem parte da sua história.

AGRADECIMENTOS

Como é gratificante o desenvolvimento e concretização de um trabalho, saber que foram de mãos que acreditam na força e na importância do conhecimento, que acreditam na importância da sua disseminação para que outras pessoas também tenham acesso e no potencial que ele representa em nossas vidas e para a sociedade.

Primeiramente, desejo agradecer ao meu Bom Deus por ter me abençoado com a aprovação no Programa de Pós- Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade (PPGDCI), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), instituição que muito valorizo, onde fiz minha graduação em Licenciatura em Geografia, minha Especialização em Supervisão Escolar e que me propiciou galgar muito além do que eu imaginava. Ele sabe todas as coisas e faz tudo no tempo certo. Obrigada Senhor por ter me ajudado, até aqui, a conseguir concluir este trabalho. Foi muito esforço, dedicação e sacrifícios, mas sempre valeu muito à pena.

Aqui desejo muito agradecer a uma pessoa mais que especial, que é minha orientadora, Professora Dr^a. Livia Dias de Azevedo. Obrigada por escolher meu projeto, por me escolher. Agradeço por toda orientação, pela paciência, ensinamentos, pelos momentos de aprendizados com a turma e nas aulas. Mulher que admiro pela determinação, inteligência, competência, franqueza, com uma sinceridade admirável e por ter um olhar que fala muito.

Agradeço também a minha família, minha mainha (Dete) que foi meus pés e mãos neste processo, me ajudando do jeito que podia e cuidando do meu tesouro. Aos meus irmãos e irmãs pela rede de apoio.

Não me canso de agradecer ao meu bem, meu amor, Francismar Correia, pelo companheirismo, ajuda, paciência, mediação de conversas e encontros que ajudaram na construção desse trabalho.

Meus sinceros agradecimentos ao Padre Pedro Moraes de Brito Júnior que me permitiu e autorizou a realizar este estudo, com informações, disponibilizando documentos e fontes que contribuíram para a sistematização e credibilidade das informações sobre a referida igreja.

Agradeço também ao pároco da Catedral Metropolitana de Santana Padre Paulo Tarso Bispo de Souza, que permitiu acesso aos documentos da igreja (Livros de Tombo), fontes que ajudaram na construção desse trabalho.

Meus sinceros agradecimentos aos Professores do Programa, em especial à Professora Dr^a Ivoneide Rocha Franca e a Professora Dr^a Marise de Santana, pelos ensinamentos da prática

docente e pelo abraço acolhedor de todas as segundas-feiras que revigoravam minhas energias e me davam ânimo para vencer as demandas da semana.

Nem sei se a palavra certa é agradecimento, porque acho que é mais do que isso, a construção desse laço maravilhoso que resultou em uma amizade mais que especial. Aos amigos Fernanda Garcêz, Leonardo Justino e Marcos Ribeiro, agradeço a Deus por ter me permitido estar ao lado de vocês nessa jornada, nos nossos momentos maravilhosos, os risos, as expectativas, mas que em momento algum ninguém soltou a mão de ninguém. Que sigamos nossos caminhos com muito sucesso, determinação e vitórias e com a sementinha do amor que foi plantada, ainda que seja para rumos diferentes, que estejamos no coração um dos outros sempre. Amo vocês!

Agradeço imensamente aos professores da Banca Examinadora, Professor Dr. Pedro Augusto Vieira Santos e a Professora Dr^a. Neivalda Oliveira pelas valiosas contribuições que ajudaram no processo de construção deste trabalho.

Um especial agradecimento aos amigos Ricardo Rocha e Jacqueline Soares pelo apoio e palavras de incentivo.

Por fim, o meu muito obrigada a todos que direta ou indiretamente colaboraram com informações, ajuda, palavras de incentivo, para que um grande sonho fosse concretizado.

ORAÇÃO DO SENHOR DO BONFIM

Senhor Bom Jesus do Bonfim, subimos a colina sagrada de Feira para elevar os nossos olhos e o nosso coração a Ti e contemplar, na tua imagem, a grandeza do esplendor do teu amor sem limites. És o Filho amado do Pai e nos revelas, na cruz, o seu rosto misericordioso.

Salvador e Redentor nosso, queres que caminhemos rumo à felicidade.

És Tu mesmo, Senhor, o nosso bom fim, a meta maior de nossa vida.

Aonde iremos Senhor? Só Tu tens palavras de vida eterna. Só Tu sacias a nossa sede de infinito, de paz, de amor.

Jesus, colocamos tudo em tuas mãos: nossa vida, nossos sonhos, nossos projetos, nossa família e nossa sociedade. Pedimos que leves a bom termo todos os nossos objetivos, ações e empreendimentos. Tudo seja realizado na verdade e no bem, conforme o teu querer.

Que permaneçamos sempre unidos a Ti, Jesus, trilhemos o caminho do teu seguimento como discípulos-missionários e nunca nos separemos de Ti. Conduze, Senhor, a nossa vida, guarda e protege-nos de todo mal, pois Tu és a nossa esperança.

Senhor Bom Jesus do Bonfim, concede-nos a graça de uma vida santa, alicerçada na caridade, sobretudo com os mais pobres e necessitados.

Dá-nos uma morte santa para estarmos Contigo, com o Pai e o Espírito Santo, com Maria, os anjos e os santos eternamente nos céus. Amém.

Composição: Pe. Pedro Moraes Brito Júnior.

RESUMO

A igreja Senhor do Bonfim, no Alto do Cruzeiro, localizada em Feira de Santana, Bahia, é um dos símbolos de destaque da cidade por sua relevância religiosa, cultural e sua localização privilegiada no contexto urbano. Esta pesquisa objetiva discutir as transformações que ocorreram nessa igreja entre os anos 2012 e 2023. Buscou-se realizar um estudo a partir dos registros fotográficos existentes sobre a mesma, elencando as mudanças ocorridas na sua estrutura interna e externa e do seu entorno, e que resultaram na sua configuração atual. A análise das fotografias desse templo e de documentos como Livros de Tombo, jornais e atas propiciaram refletir sobre memória, desenho e patrimônio à luz do pensamento de autores como Pierre Nora, Jacques Le Goff (1990), Maurice Halbwachs (1990), Ulpiano Bezerra de Meneses (1992), Michael Pollak (1989) e Sandra de Cássia Araújo Pelegrini (2007), considerando que a igreja do Cruzeiro, como é reconhecida pela população local, pode ser mediadora na relação entre memória, esquecimento, destruição e preservação.

Palavras-chave: Desenho. Igreja. Memória. Patrimônio.

ABSTRACT

Senhor do Bonfim church, at the top of Alto do Cruzeiro (high mountain of the cruise), in Feira de Santana, Bahia, Brazil, is one of the Feira de Santana's symbols because its religious and cultural importance and its favorable location in the city. This research has the objective discuss the changes that happened between 2012 and 2023. The challenge of this study through photographs of the church and how the changes occurred in the internal and external parts as well as around the church too that caused the nowadays views. The analysis of the photos from its history time and additional documents such as heritage, newspaper and minutes helped the thinking of Pierre Nora, Jacques Le Goff (1990), Maurice Halbwachs (1990), Ulpiano Bezerra de Meneses (1992), Michael Pollak (1989) e Sandra de Cássia Araújo Pelegrini (2007), since they Cruzeiro church, as popular known by the city people, can mediate the relationship among memory, forgiveness, destruction and preservation.

Keywords: Drawing, Church, Memory, Heritage.

LISTA DE SIGLAS

CDC	Código do Direito Canônico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional
MOC	Movimento de Organização Comunitária
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Mapa de Feira de Santana	22
Mapa 02 - Mapa da localização da igreja Senhor do Bonfim	29
Mapa 03 – Mapa da Forania Nossa Senhora Aparecida	30
Mapa 04 – Mapa do Bairro Cruzeiro	31

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Constituição Hierárquica da Igreja Católica	27
Figura 02 - Esquema Representativo das Denominações de Igrejas	28
Figura 03 – Largo do Cruzeiro – Feira de Santana, Bahia	33
Figura 04 – Vista parcial da cidade de Feira de Santana, década de 20	34
Figura 05 – Romaria para o Alto do Cruzeiro	34
Figura 06 – Peça Gráfica- Imagem do Senhor do Bonfim - Feira de Santana, 2017	38
Figura 07 – Peça Gráfica- Imagem do Senhor do Bonfim – Salvador, 2023	38
Figura 08 – Igreja Senhor do Bonfim, 1938	53
Figura 09 – Igreja Senhor do Bonfim, na década de 50	54
Figura 10 – Igreja Senhor do Bonfim, na década de 90	57
Figura 11 – Fluxograma da Cronologia das Reformas da igreja	59
Figura 12 – Planta baixa de Reforma da igreja Senhor do Bonfim (Presbitério e Mezanino)	69
Figura 13 – Elementos do espaço celebrativo da igreja Senhor do Bonfim	70
Figura 14 – Perspectiva do Presbitério da igreja Senhor do Bonfim	72
Figura 15 – Projeto – parte lateral interna e externa da igreja Senhor do Bonfim	80
Figura 16 – Praça do Cruzeiro, 1978	111
Figura 17 – Praça Senhor do Bonfim (Alto do Cruzeiro), 2015	111

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 – Caminhada do Perdão, 2014	35
Fotografia 02 – Caminhada do Perdão, Avenida Presidente Dutra 2019	36
Fotografia 03 – Caminhada do Perdão, rua Olímpio Vital 2023	36
Fotografia 04 – Caminhada do Perdão, Alto do Cruzeiro 2023	37
Fotografia 05 – Banner da igreja Senhor do Bonfim, 2024	39
Fotografia 06 – Vista da igreja Senhor do Bonfim, inserida em seu contexto, em 2022	40
Fotografia 07 – Imagem do Senhor do Bonfim, séc. XX	43
Fotografia 08 – Imagem do Senhor do Bonfim, 2012	44
Fotografia 09 – Primeira inscrição da igreja Senhor do Bonfim	52
Fotografia 10 – Placa em homenagem aos responsáveis pela reforma da igreja, 1961	56
Fotografia 11 – Placa em homenagem aos responsáveis pela reforma e ampliação da igreja, 1998	58
Fotografia 12 – Fachada da igreja, 2012	63
Fotografia 13 – Presbitério/ Interior da igreja, 2012	64
Fotografia 14 – Fachada da igreja, 2018	64
Fotografia 15 – Interior da igreja, 2015	65
Fotografia 16 – Fachada da igreja, 2022	65
Fotografia 17 – Interior da igreja, 2022	66
Fotografia 18 – Sacrário (2012)	67
Fotografia 19 – Batistério, 2012	67
Fotografia 20 – Interior da igreja, ângulo da entrada para o Presbitério (2012)	68
Fotografia 21 – Interior da igreja, ângulo do Presbitério para a entrada (2012)	68
Fotografia 22 – Presbitério da igreja Senhor do Bonfim (2021)	72
Fotografia 23 – Ambão (Novo Templo 2015)	73
Fotografia 24 – Altar (Novo Templo 2015)	73
Fotografia 25 – Cruz / Imagem do Padroeiro/ Sacrário/ Sédia (Novo Templo 2015)	74
Fotografia 26 – Lateral esquerda do Presbitério	74
Fotografia 27 – Presbitério/ Nave (2015)	75
Fotografia 28 – Nave, ângulo do Presbitério para entrada (2015)	76
Fotografia 29 – Fachada (imagem superior 2015/imagem inferior 2018)	77
Fotografia 30 – Fachada atual da igreja Senhor do Bonfim (Alto do Cruzeiro) – 2023	78

Fotografia 31 – igreja Senhor do Bonfim, rua Pontal, 2021	79
Fotografia 32 – Lateral da igreja Senhor do Bonfim, rua Pontal, parte externa 2023	80
Fotografia 33 – Lateral da igreja Senhor do Bonfim, parte interna 2023	81
Fotografia 34 – Imagem do Batistério	82
Fotografia 35 – Pia batismal da igreja Senhor do Bonfim	82
Fotografia 36 – Sédia	82
Fotografia 37 – Interior da igreja Senhor do Bonfim, 2023	83
Fotografia 38 – Espaço Santa Dulce dos Pobres, 2023	84
Fotografia 39 – Espaço São Francisco de Assis	85
Fotografia 40 – Imagem de São Francisco de Assis	85
Fotografia 41 – Galeria da igreja Senhor do Bonfim – 2023	86
Fotografia 42 – Placa em homenagem aos responsáveis pela reforma da igreja, 2016	87
Fotografia 43 – Procissão de Ramos, 2024	92
Fotografia 44 – Procissão de Ramos, 2024	92
Fotografia 45 – Igreja Senhor do Bonfim, Celebração de Ramos 2024	93
Fotografia 46 – Igreja Senhor do Bonfim, Celebração de Ramos 2024	93
Fotografia 47 – Igreja Senhor do Bonfim, parte lateral externa, Celebração de Ramos 2024	94
Fotografia 48 – Procissão do Cristo Morto, 2023	84
Fotografia 49 – Noite do novenário da igreja (Paróquia Senhor do Bonfim), 2023	95
Fotografia 50 – Andor (Senhor do Bonfim), festa 2023	96
Fotografia 51 – Andores (Comunidades), festa 2023	96
Fotografia 52 – Procissão Senhor do Bonfim, 2023	96
Fotografia 53 – Praça Senhor do Bonfim, 2024	101
Fotografia 54 – Vista parcial da Praça Senhor do Bonfim	110
Fotografia 55 – Recortes da Praça do Cruzeiro	112
Fotografia 56 – Recortes da Praça do Cruzeiro	112
Fotografia 57 – Recortes da Praça do Cruzeiro	112
Fotografia 58 – Vendedores na praça, 2023	113
Fotografia 59 – Vendedores na praça, 2023	113
Fotografia 60 – Vendedor de Caldo de Cana	114
Fotografia 61 – Vendedor de frutas e verduras	115
Fotografia 62 – Vista do Salão Paroquial, Centro e residências – Cruzeiro, 2023	115
Fotografia 63 – Movimento de Organização Comunitária - MOC	117

Fotografia 64 – igreja Senhor do Bonfim, preparada para um Casamento, 2022	122
Fotografia 65 – igreja Senhor do Bonfim, Festa do Padroeiro, 2022	123
Fotografia 66 – igreja Senhor do Bonfim, Festa do Padroeiro, 2023	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 FEIRA DE SANTANA-BAHIA, LUGAR QUE ACOLHE A SAGRADA COLINA (ALTO DO CRUZEIRO)	21
1.1 A igreja Senhor do Bonfim (igreja do Cruzeiro) no contexto das Paróquias da Arquidiocese de Feira de Santana	22
1.2 O bairro Cruzeiro e a sua importância Geográfica.....	30
1.3 O Senhor do Bonfim, dessa sagrada colina, mansão da misericórdia.....	41
2 OS (RE) DESENHOS DA IGREJA SENHOR DO BONFIM	47
2.1 A igreja Senhor do Bonfim na cidade de Feira de Santana.....	51
2.2 A igreja Senhor do Bonfim: suas representações entre os anos de 2012 e 2022.....	60
2.3 Revisitando a igreja Senhor do Bonfim no ano 2012.....	66
2.4 A transformação da igreja Senhor do Bonfim no ano de 2015.....	69
2.5 O novo desenho da igreja Senhor do Bonfim no ano de 2023.....	77
3 A IGREJA SENHOR DO BONFIM (ALTO DO CRUZEIRO) COMO PATRIMÔNIO	91
3.1 A igreja Senhor do Bonfim como um patrimônio na história do bairro Cruzeiro	97
3.2 A centralidade da igreja Senhor do Bonfim e as mudanças ocorridas no seu entorno.....	108
3.3 Um contexto de transformações: uma análise crítica reflexiva sobre o passado e presente.....	118
CONCLUSÃO	129
REFERÊNCIAS	132
ANEXO	137

INTRODUÇÃO

Abordar os (re)desenhos da igreja Senhor do Bonfim é também evocar minhas memórias, pois posso afirmar que sou testemunha das camadas de desenhos que existem nas feições dessa igreja que faz parte de muitas histórias: da cidade na qual está localizada, da comunidade da qual faz parte, da comunidade eclesial e da minha vida. Essa afirmação apoia-se na ideia de que faço parte desse edifício eclesial desde a minha infância, mais precisamente desde os meus 10 anos de idade. O que impressiona é que, ao longo de décadas, frequentei um ambiente que passou por mudanças e que hoje se configura de uma forma completamente nova, um ambiente que apresenta poucos resquícios da sua forma anterior que estive e permaneço frequentando até o momento presente.

No município de Feira de Santana na Bahia, localiza-se o bairro Cruzeiro, onde encontra-se o referido templo, monumento que faz parte da sua história desde sua origem e se constitui como um dos elementos de evidência nesse espaço. A igreja Senhor do Bonfim destaca-se por estar situada no bairro Cruzeiro, distando 3,4km do centro da cidade. Isso lhe confere uma localização privilegiada por estar muito próxima ao Centro, e geograficamente por estar localizada na parte mais alta da cidade, com 243m de altitude. Sua fundação ocorreu em 03 de maio de 1918 e, desde então, é um dos símbolos mais conhecidos no bairro, por seu papel social e pelas memórias existentes, para as pessoas que a frequentam e por pessoas que a conhecem. E, também, porque é uma referência espacial, de localização do próprio bairro e, em certa medida, da cidade, visto que está próxima de um dos equipamentos urbanos mais conhecidos de Feira de Santana: o Centro de Abastecimento.

A pesquisa estuda os (re)desenhos da igreja Senhor do Bonfim, perpassando por uma reflexão crítica por meio de leituras e instrumentos que visam à compreensão das mudanças significativas que permearam a referida igreja em um determinado espaço e tempo (2012 a 2023). O objetivo é promover uma compreensão das transformações que ocorreram na sua estrutura interna e externa, suas implicações e como esses registros vão tornando-se parte da memória visual dessa igreja, já que esta se configura como um dos elementos simbólicos mais representativos daquela comunidade, que também foi testemunha das mudanças desse lugar. Isso foi possível mediante análise das fotografias existentes e de registros documentados como os Livros de Tombos, decretos e periódicos que possibilitaram uma compreensão da referida igreja no que tange às suas memórias, bem como na centralidade exercida pela organização espacial do seu entorno.

Em posse de fotografias, plantas, documentos e Livro de Tombo como fontes de registros dessas transformações, foi realizada uma análise sistemática sobre o papel deste templo religioso na história do bairro, em uma comunidade, que tem como monumento em suas memórias, por ser um espaço que faz parte da vivência dos moradores, como lugar de fé e religiosidade e ponto de referência para o transeunte. Assim, considerando a relevância dessa igreja nesse espaço buscou-se compreender como as memórias se expressam nos desenhos da Igreja de 2012 a 2023.

O estudo desse objeto proporcionará um registro necessário, de forma sistematizada, possibilitando assim que a memória daqueles que fizeram e fazem parte dessa igreja possam revisitá-la nos seus desenhos como registro de um monumento que faz parte da história do bairro, da comunidade e da cidade. Na fundamentação dessas reflexões, buscou-se referências que possibilitaram discussões sobre os conceitos tratados durante o processo de investigação do objeto. Esta pesquisa se fundamenta por uma investigação bibliográfica atravessada pelos campos da História da Arte, Sociologia, Geografia e Desenho, e conceitos basilares como Desenho, Memória e Patrimônio, tendo como lastro teórico metodológico estudiosos como Pierre Nora (1993), Michael Pollack (1992), Maurice Halbwachs (1990), Sandra de Cássia Araújo Pelegrini (2007) e Pedro Paulo A. Funari (2006).

Nessa perspectiva, os procedimentos metodológicos necessários para o processo de elaboração deste estudo foram os seguintes: pesquisa bibliográfica, estudo de campo, descrição e análise das informações obtidas a partir de fotografias, Livro de Tombo da Catedral Metropolitana de Sant'Ana, Livro de Tombo da Paróquia Senhor do Bonfim, os jornais *O Progresso* e *Folha do Norte*, publicações tanto da própria Paróquia como da Diocese de Feira de Santana.

Este trabalho pautou-se em uma abordagem qualitativa, uma vez que esta aborda os significados que as pessoas atribuem aos fenômenos. Para Maria Cecília de Souza Minayo (2001, p. 22), “a pesquisa qualitativa aborda o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes dos sujeitos, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Nesta investigação empregou-se a pesquisa bibliográfica, realizada através de dados extraídos de livros, artigos publicados e dissertações, além de dados obtidos através de banco de dados tais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dentre outros. Todo o material pesquisado serviu de subsídio para fundamentação e elaboração do estudo em questão. A utilização desse método traduz o que Leão (2016, p. 107) expressa que “a pesquisa

bibliográfica é aquela que predominantemente utiliza informações provenientes de material gráfico, sonoro ou informatizado na tentativa de resolver um problema ou adquirir conhecimentos sobre um determinado assunto”. Também, foi utilizada a pesquisa documental, pois as fontes buscadas foram os documentos existentes sobre o objeto, como os Livros de Tombo, atas e fotografias.

O estudo de campo foi essencial pela necessidade existente de ir *in loco* para uma análise e observações mais precisas do objeto, como também para obtenção dos documentos necessários que se encontram no próprio lugar da pesquisa. A escolha parte do princípio de que o estudo de campo pode se configurar como uma das fases mais importantes da pesquisa, pois é o ambiente que propiciará informações relevantes sobre o objeto em questão. Segundo Gil (2002, p.53) “O estudo de campo apresenta algumas vantagens em relação principalmente aos levantamentos. Como é desenvolvido no próprio local em que ocorrem os fenômenos, seus resultados costumam ser mais fidedignos.”. Logo, de acordo com o autor, o estudo de campo se conforma como um elemento primordial na construção desse processo investigativo.

O trabalho está estruturado em três capítulos que tratam das camadas da história desse templo, construídas em um espaço-tempo que permite uma tessitura de informações e reflexões que embasam este estudo. Dessa forma, o primeiro capítulo versa sobre Feira de Santana, como espaço de localização desse fenômeno de estudo, no intuito de trazer aspectos relevantes sobre o bairro no qual a igreja está localizada, evidenciando a história do Senhor do Bonfim, patrono do edifício eclesial. O segundo capítulo analisa os contornos dos desenhos da igreja Senhor do Bonfim, com a finalidade de explicitar as camadas de desenho existentes que permitiram refletir sobre suas memórias. O terceiro capítulo traz o templo religioso compreendido como um patrimônio de referência para o bairro e para a cidade, as mudanças que ocorreram e sua nova configuração dentro do marco temporal estabelecido pela pesquisa.

*Feira de Santana, lugar que acolhe a
Sagrada Colina (Alto do Cruzeiro)*



1 FEIRA DE SANTANA- BAHIA, LUGAR QUE ACOLHE A SAGRADA COLINA (ALTO DO CRUZEIRO)

A cidade de Feira de Santana, conhecida como “Princesa do Sertão”, localizada na região Nordeste da Bahia, é considerada o maior entroncamento rodoviário do Norte/Nordeste do Brasil, e tem uma geografia que chama a atenção por sua vegetação nativa, a caatinga e suas bacias hidrográficas dos rios Pojuca e Subaé, que são elementos relevantes para a população. Feira de Santana é um município que tem destaque em atividades econômicas, tais como a indústria e o comércio, sendo o segundo o que tem uma representação maior por movimentar a economia tornando-se um catalizador para as cidades circunvizinhas.

Nesse sentido, este município traz características peculiares que lhe dão visibilidade e que foram responsáveis pelo seu crescimento e desenvolvimento. Azevedo (2009, p. 29) pondera que a vocação inicial para o comércio, em parte intencionalmente criada, marca a imagem da cidade até hoje, sendo impossível, tanto internamente quanto externamente, dissociar Feira de Santana da ideia de uma cidade essencialmente comercial. Corroborando o pensamento da autora, Alves, Jésus e Freitas (2020) apontam que

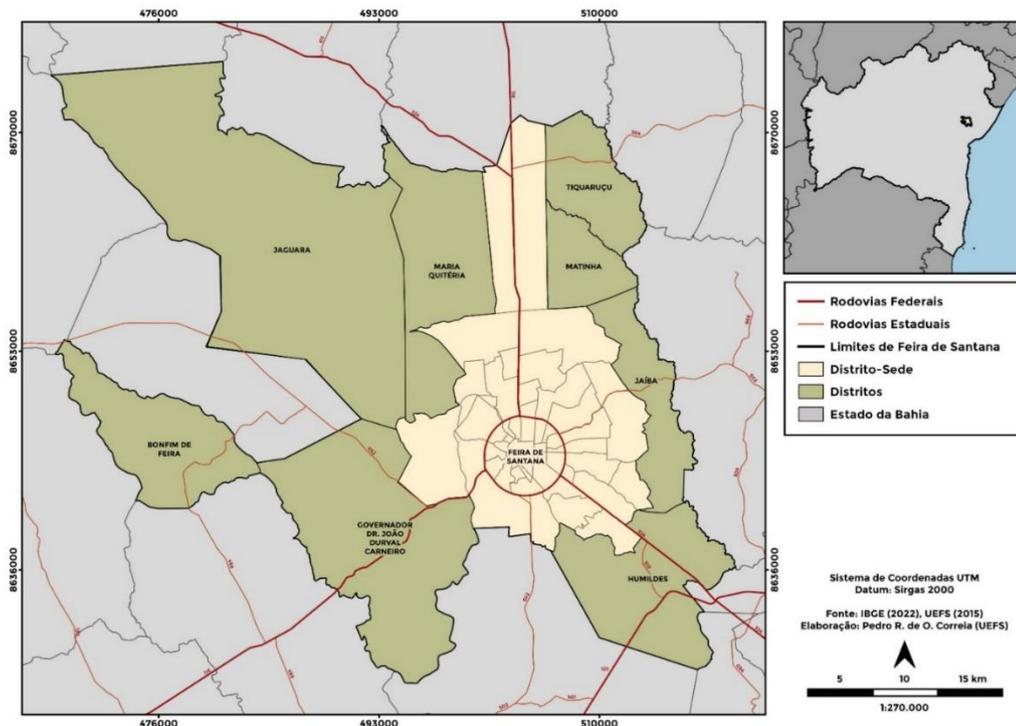
As transformações na paisagem feirense e a forma como os elementos estão ordenados no espaço contribuem para manter o seu destaque, enquanto um grande entreposto comercial que, mesmo com as contradições reveladas a partir da paisagem, proporciona à cidade um grande fluxo de pessoas a partir das suas funções mais ligadas ao comércio. Vale ressaltar que a feira livre foi muito importante tanto para expansão da cidade quanto para as transformações na paisagem, pois possibilitou a chegada de migrantes e de investimentos comerciais (ALVES, JÉSUS, FREITAS, 2020, p. 17).

Logo, Feira de Santana destaca-se por seu desenvolvimento econômico, político e social, que ao longo dos anos vem se sobressaindo no investimento de infraestrutura, em educação e saúde, possibilitando uma oferta de produtos e serviços que impulsionam sua economia e o crescimento da cidade. Vale destacar que essa cidade também sofre influência de diversos fatores dentre eles os econômicos, sociais e culturais que interferem na sua dinâmica espacial. Passou por um crescimento acelerado nas últimas décadas e tem, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de acordo com dados do Censo de 2022, população de 616.272 de pessoas, com densidade demográfica de 472,45 habitante por quilômetro quadrado, sendo considerado o maior município do interior da Bahia.

Na sua configuração espacial, como é mostrado no mapa 01, é possível localizar os bairros dentro do chamado “Anel de Contorno”, como é conhecida na cidade a Avenida Eduardo Froes da Mota, e os demais bairros que estão localizados fora do Anel. É possível também visualizar as rodovias federais e estaduais que a atravessam.

O mapa 01 mostra a localização da cidade de Feira de Santana e sua atual configuração espacial.

Mapa 01 - Mapa de Feira de Santana



Fonte: Elaborado por Pedro Correia¹ - 2023, sob orientação da autora.

O mapa também chama atenção para a extensão além do “Anel de Contorno”, para seus limites territoriais, seus distritos que também possuem uma relevância no desenvolvimento econômico e cultural do município.

1.1 A igreja Senhor do Bonfim (igreja do Cruzeiro) no contexto das Paróquias da Arquidiocese de Feira de Santana

Trilhar os caminhos (mapas) que levam às Paróquias de Feira de Santana pode nos conduzir a pensar quais percursos são necessários para que exista a configuração atual. As leituras realizadas, bem como as informações adquiridas, trouxeram muitas contribuições que

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

devem ser consideradas para que haja uma compreensão de elementos que compõem este estudo. A igreja normalmente está ocupando um espaço que traz consigo uma finalidade pré-determinada de cunho religioso, mas ao mesmo tempo obedecendo e seguindo os preceitos de um determinado grupo social. Como também desempenha um papel relevante na sociedade na tomada de decisões essenciais, pode ser considerada uma instituição política.

É fundamental o entendimento que se pode ter de igreja, a que está presente em muitos espaços por todo o mundo, com representações significativas na sociedade como um dos elementos mais importantes dentro da sua organização e na vida espiritual dos indivíduos. A igreja se apresenta na sua estrutura física, concreta, como sendo a comunidade em si e em uma instância maior como sendo o próprio Cristo. Seguindo o pensamento do historiador Oliveira (2019, p.201) que traz o conceito de igreja como sendo um templo sagrado da religião Cristã - Católica como “um espaço para reflexão, oração, penitência espiritual e lócus de demonstrações barrocas da religião cristã”. Esta ideia é retomada por Lima (2010, p. 3) em seu artigo *O espaço celebrativo segundo a imagem da igreja*, onde diz que é o “lugar do culto do cristão é, pois, não somente um abrigo, mas lugar onde os cristãos contemplam o mistério do seu Senhor e, ao mesmo tempo se contemplam”.

A compreensão do significado de igreja apresentadas pelos autores logo nos remete a um espaço construído, com uma finalidade essencialmente espiritual, que emprega muitos sentidos para as pessoas. Isso é entendido quando Lima (2010, p.1) pondera que “a Igreja é sacramento do Cristo, pois ela é seu Corpo, o seu mistério é o mistério de Cristo, assim sendo, a imagem que ela imprime em sua arquitetura é o seu mistério que, por sua vez, é atualização do mistério de Cristo, o mistério pascal”. O autor traz uma discussão muito conexa sobre o significado e sentido da igreja, mostrando que esta deve também ser percebida e entendida além da sua estrutura física, como também no campo espiritual, quando se traduz que a Igreja é o próprio Cristo.

Segundo o *LUMEN GENTIUM*², a Igreja³ é concebida em um contexto de vários significados, desde a sua fundação onde diz que a Igreja é o Reino de Cristo, que é compreendida também como um sacramento divino. No mesmo documento pode ser encontrado uma alusão à igreja como Corpo místico de Cristo, narrativa muito proclamada no ambiente litúrgico e, por fim, quando a Igreja é percebida como sendo sociedade visível e espiritual, referindo-se aos seus partícipes. Pode-se dizer que o entendimento do que vem ser

² Um dos textos do Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática *LUMEN GENTIUM* sobre a Igreja.

³ Neste estudo o termo Igreja será empregado como referência à instituição (povo de Deus, Templo do Espírito Santo e Corpo de Cristo) e o termo igreja como templo visível, no sentido físico, enquanto edificação.

igreja no documento mencionado, encontra-se fundamentado nas especificidades das Sagradas Escrituras, fazendo a relação com as passagens bíblicas de acordo com cada sentido de Igreja abordado no documento. Assim é possível constatar que o sentido de Igreja alcança muitos significados sejam eles ideológicos ou dogmáticos que acompanham e a constituem, tanto no que diz respeito ao seu aspecto visível, concreto, quanto abstrato compreendido como sendo parte do ser humano no que se refere ao espiritual, transcendental.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica (2022, p.216), o sentido de igreja é exposto da seguinte forma

Na linguagem cristã, a palavra Igreja designa a assembleia litúrgica, mas também a comunidade local ou toda a comunidade universal dos crentes. Estes três significados são, de facto, inseparáveis. A Igreja é o povo que Deus reúne no mundo inteiro. Ela existe nas comunidades locais e realiza-se como assembleia litúrgica, sobretudo eucarística. Vive da Palavra e do Corpo de Cristo, e é assim que ela própria se torna Corpo de Cristo.

Entende-se que a acepção da Palavra igreja, é constituída de simbolismos na religião cristã católica, não com o entendimento de ser apenas uma edificação, mas de possuir significados que são e estão interligados em um único sentido que é o próprio Cristo.

Aqui, portanto, buscou-se compreender a Igreja como um todo, mas com um olhar onde se entende que os templos edificadas (igreja visível) foram uma construção que carrega consigo tanto a expressão concreta/espacial e ao mesmo tempo expressões culturais diversas. Então, esse espaço de oração traz consigo uma hierarquia, uma vez que não atua plenamente de forma autônoma. Assim, é preciso que exista um entendimento das “divisões” que ocorrem na sua estrutura, uma vez que é essa divisão que apresenta o resultado de uma organização dentro da esfera eclesial. Partindo desse princípio trazemos uma abordagem dos significados de Diocese, Paróquia e Comunidade. Essa abordagem é importante, pois contribuirá para que se tenha uma ideia de como a Igreja está organizada de acordo com uma escala, dentre outros fatores como localização e características preconizadas pela Santa Sé⁴, que fazem que lhe seja conferida sua denominação.

Assim, o Compêndio do Vaticano II⁵ (2000, p. 409) estabelece que:

⁴ O Cânon 361, do Código de Direito Canônico de 1983, o termo Santa Sé ou Sé Apostólica tem dois sentidos diferentes, ao afirmar o quanto segue: Sob a denominação de Sé Apostólica ou Santa Sé, neste Código, vem não só o Romano Pontífice, mas também, a não ser que pela natureza da coisa ou pelo contexto das palavras se depreenda o contrário, a Secretaria de Estado, o Conselho para os Negócios Públicos da Igreja e os demais organismos da Cúria Romana.

⁵ Síntese dos documentos oficiais do Concílio Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações.

Diocese é a porção do Povo de Deus confiada a um Bispo para que a pastoreie em cooperação com o presbítero, de tal modo que, unida a seu Pastor e por ele congregada no Espírito Santo mediante o Evangelho e a Eucaristia, constitua uma Igreja particular, na qual verdadeiramente está e opera a Una Santa Católica e Apostólica Igreja de Cristo (COMPÊNDIO DO VATICANO II, 2000, p. 409).

O Compêndio do Vaticano II, sendo um conjunto de documentos que faz conhecer as divisões existentes na estrutura organizacional da Igreja, nos ajuda a entender as atribuições de cada líder religioso. Em uma concepção de Diocese, enquanto porção do Povo de Deus, nos remete a uma compreensão que também é a Igreja de Cristo no sentido espiritual e religioso, mas que também abarca na sua estrutura aspectos geográficos como localização geográfica, limites, superfície, população, municípios e paróquias. Assim, uma Diocese abarca uma quantidade maior de territórios, considerando dados relevantes como a evolução demográfica, e a presença de um bispado. De acordo com Tarso (2023) em seu escrito *Terra Formosa e Bendita, criação da Diocese de Feira de Santana* e no Diretório da Arquidiocese de Feira de Santana, a Diocese de Feira de Santana foi criada em 21 de julho de 1962 pela Bula “Quandoquidem novac” do Papa João XXIII, desmembrada da Arquidiocese de São Salvador da Bahia. A instalação ocorreu no ano seguinte, a 26 de janeiro de 1963, na então igreja Matriz de Senhora Sant’Ana, tornando-se Arquidiocese em 16 de janeiro de 2002.

Explicitado o significado de Diocese, faz-se necessário compreender o sentido de paróquia dentro da Constituição Hierárquica da Igreja, que de acordo com o Código do Direito Canônico (CDC) (2017, p. 261), no Cân. 515 - § 1. “Paróquia é uma comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular⁶, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco⁷ como a seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo diocesano⁸”. Esse entendimento trazido pelo CDC deve representar o que comumente se conhece e se vive enquanto igreja nos espaços sociais, tendo como pastor um pároco, mais conhecido por Padre que a administra, obedecendo uma hierarquia que tem como seu superior um Bispo, considerado o Pastor maior da Igreja. Aborda a comunidade que é formada por indivíduos que é a paróquia em si e que também é a

⁶ Cân. 368 Igrejas particulares, nas quais e das quais se constitui a uma e única Igreja católica, são primeiramente as dioceses, às quais, se equiparam, não constando, a prelazia territorial, o vicariato apostólico, a prefeitura apostólica e a administração apostólica estavelmente erigida.

⁷ Cân. 519 O pároco é o pastor próprio da paróquia a ele confiada; exerce o cuidado pastoral da comunidade que lhe foi entregue, sob a autoridade do Bispo diocesano, em cujo ministério de Cristo é chamado a participar, a fim de exercer em favor dessa comunidade o múnus de ensinar, santificar e governar, com a cooperação também de outros presbíteros ou diáconos e com a colaboração dos fiéis leigos, de acordo com direito.

⁸ Cân. 375 §1. Os Bispos que, por divina instituição, sucedem aos Apóstolos são constituídos, pelo Espírito que lhes foi conferido, pastores na Igreja, a fim de serem também eles mestres da doutrina, sacerdotes do culto sagrado e ministros do governo.

igreja. Então pode-se compreender que uma igreja é gerida considerando termos seguidos por sua instância maior, a Santa Sé Apostólica, como também de forma autônoma considerando a realidade/comunidade na qual a igreja está inserida e que é parte constituinte.

O documento permite entender que para delimitação de uma paróquia existem aspectos geográficos que devem ser considerados como a escolha da igreja Matriz que será o centro de decisões de outras comunidades. Ao considerar tais aspectos em sua obra “Espaço e Método”, Santos (1988) afirma que:

Cada localização é, pois, um momento do imenso movimento do mundo, apreendido em um ponto geográfico, um lugar. Por isso mesmo, cada lugar está sempre mudando de significação, graças ao movimento social: a cada instante as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesmas. Não confundir localização e lugar. O lugar pode ser o mesmo, as localizações mudam. E lugar é o objeto ou conjunto de objetos. A localização é um feixe de forças sociais se exercendo em um lugar (SANTOS, 1988, p. 02).

A ideia trazida pelo autor sugere uma análise do que deve ser considerado sobre a implantação de uma paróquia, visto que a geografia do lugar permite que uma função seja atribuída ao seu elemento principal ou central, dentro de uma hierarquia que traz outros elementos que fazem parte de uma determinada estrutura. Santos (1988) enfatiza, ainda, que “os elementos do espaço seriam os seguintes: os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infraestruturas”. Assim, considerar tais elementos no tocante à instituição de uma paróquia, permite a constatação de variáveis que têm implicação direta e/ou indireta, uma vez que parte desses elementos estão interligados e exercem uma determinada influência na configuração espacial de um determinado lugar. O templo enquanto capela tinha uma significação dentro de um contexto histórico, a partir da sua mudança para igreja, sua localização passa a ter um novo sentido no que tange à sua centralidade em relação às comunidades ao tornar-se igreja Matriz.

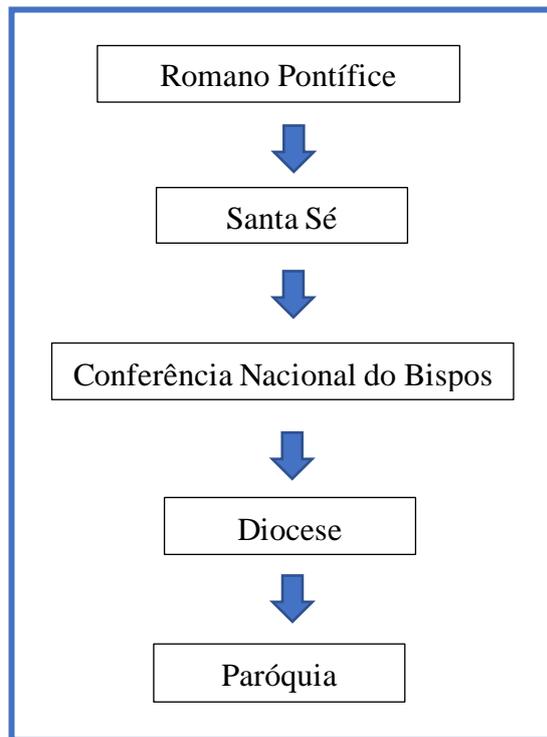
A igreja Senhor do Bonfim (Cruzeiro), nosso objeto de estudo, está inserida neste sistema organizacional, como é mostrado na figura 01, desde sua criação enquanto capela, por ainda não apresentar características na sua estrutura que a configurassem como sendo uma igreja, como dimensão e disposição de elementos no espaço celebrativo. Foi possível observar que na década de 60, depois de mudanças ocorridas em sua estrutura física, como a construção de um altar e ampliação, que lhe possibilitou ser caracterizada como uma igreja, não mais como capela e, posteriormente, devido a sua localização com relação às comunidades, à crescente

demanda populacional e a nova configuração urbana que a cidade vinha apresentando, passou a ser uma das paróquias da Diocese⁹ de Feira de Santana, na Bahia, no ano de 1964.

O CDC (2017) então mostra as denominações existentes na estrutura da Igreja segundo a hierarquia, por conseguinte, ao tratar da igreja Senhor do Bonfim, que é uma Paróquia formada por comunidades que a constitui, inserida em uma Diocese e possuidora de uma relevância por seus municípios constituintes, faz-se necessário a explanação dessa organização para que haja um entendimento do lugar desse templo religioso nesta estrutura.

Esquema da Constituição Hierárquica da Igreja, segundo o CDC (2017), p. 106.

Figura 01- Constituição Hierárquica da Igreja Católica



Fonte: Elaborado pela própria autora, 2023.

É importante também se compreender a estrutura dos templos de acordo com sua denominação no que se refere à sua dimensão dentro da Diocese. O esquema da figura 02 mostra três denominações de igreja, pois são as que aparecem neste trabalho, como também a que se refere ao nosso objeto de estudo.

O Plano de Pastoral Livro Informativo da Arquidiocese de Feira de Santana, (2002, p 69) diz que uma Arquidiocese ou Província Eclesiástica é a Diocese principal.

Figura 02 - Esquema Representativo das Denominações de Igrejas

Esquema Representativo	Denominação	Descrição de forma, função, designação e tamanho.
	CATEDRAL	Catedral vem de cátedra (cadeira do bispo), símbolo do magistério. Essa é a igreja de uma diocese. Classificasse assim: <ul style="list-style-type: none"> • Arqueiepiscopal: igreja de um arcebispo de uma arquidiocese • Primacial: catedral de um primaz, igreja mais antiga de um país • Patriarcal: título concedido a sedes históricas • Metropolitana: quando a igreja é sede da diocese e ao mesmo da capital do estado ou país.
	PAROQUIAL OU MATRIZ	É a Igreja da comunidade. O padre nomeado pelo bispo para ministrar o povo de determinada área. "O arquiteto que souber projetar uma paróquia saberá também projetar outras igrejas pois todas partem do conhecimento do funcionamento da igreja matriz" (SCHUBERT, 1978, p. 56)
	CAPELA	É um templo com dimensões reduzidas, atende poucas pessoas. Pode ser privada de uma família ou aberta ao público. Surge nas seguintes necessidades: para hospitais, religiosas, comunidades cristãs (Shalon, canção nova...), para uma escola, quartéis de militares, cemitérios, etc. podendo ou não ter acesso direto para rua.

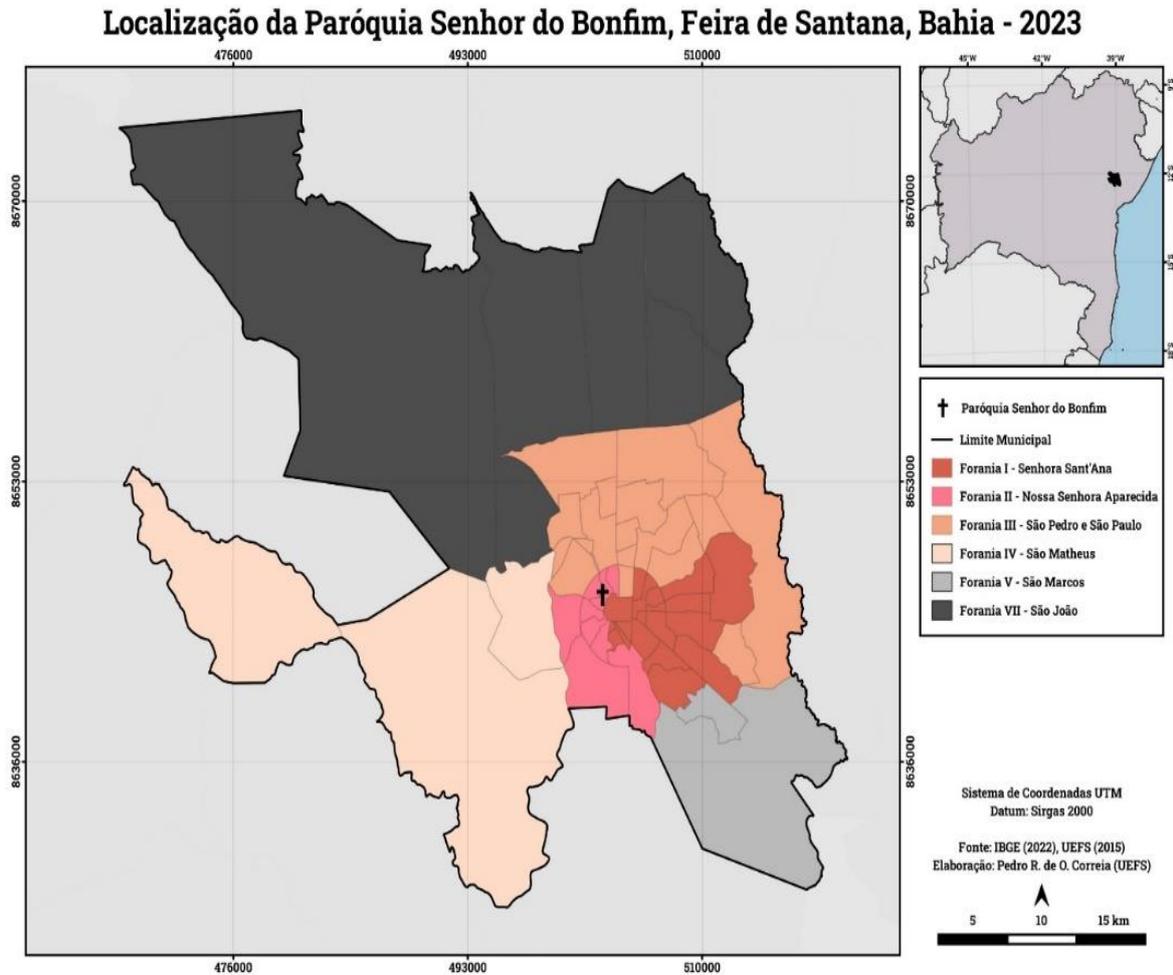
Fonte: (MARTINS 2017, apud ARAÚJO 2022, p. 10)

A figura 02 ao trazer as denominações de igreja segundo a sua dimensão, permite uma análise do estudo aqui desenvolvido, uma vez que a primeira configuração da igreja Senhor do Bonfim foi de uma capela, na qual sua construção foi pensada a partir de uma necessidade que seria templo para orações e, posteriormente, no tocante de outros fatores como dinâmica populacional e espacial, veio torna-se igreja Matriz.

A seguir, é possível observar o mapa 02 da localização da igreja Senhor do Bonfim. O mapa ainda traz a distribuição espacial das foranias¹⁰ existentes na Arquidiocese e que se agregam de acordo com sua região e proximidade.

¹⁰ Um instrumento que favorece a comunhão das paróquias entre si e com o conjunto da diocese são as foranias, também conhecidas como decanatos, regiões episcopais, setores, vicariatos, comarcas, etc (CNBB, 2014 p. 32).

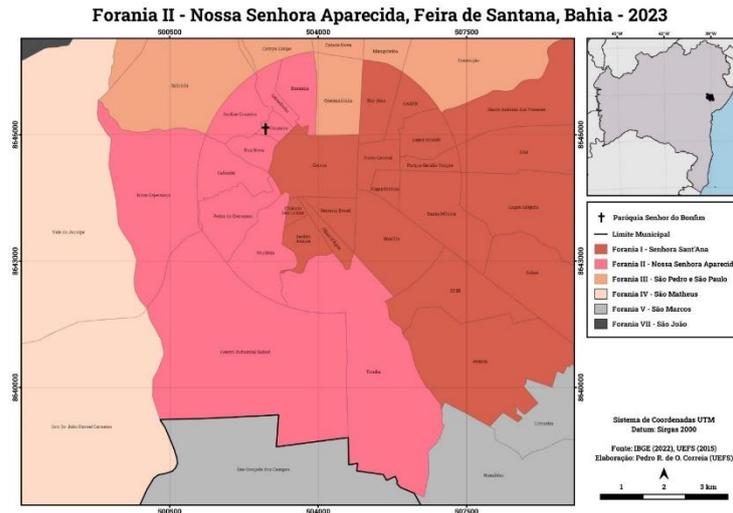
Mapa 02 – Mapa da localização da igreja Senhor do Bonfim, 2023.



Ainda dentro da Constituição Hierárquica da Igreja Católica, existem as Foranias que, segundo o Plano de Pastoral, tem como objetivo “ser sinal, elo de comunhão entre as paróquias da própria Forania e a Igreja Particular”. A Arquidiocese de Feira de Santana tem 7(sete) Foranias, cada uma representada pelo seu Vigário Forâneo e a Paróquia Senhor do Bonfim pertence a de Nossa Senhora Aparecida.

O mapa 03 exibe a Forania de Nossa Senhora Aparecida na Arquidiocese de Feira de Santana, mostrando a Paróquia Senhor do Bonfim, na sua ocupação espacial, revelando que aspectos como localização geográfica são determinantes para a localização e instituição das mesmas. O Diretório da Arquidiocese de Feira de Santana (2012, p. 39) aborda que a “organização favorece a vivência da unidade celebrando a mesma fé e promovendo a complementariedade de carismas e de serviços, através da pastoral orgânica e de conjunto”.

Mapa 03 – Forania Nossa Senhora Aparecida



Pode-se entender que a igreja desenvolve suas atividades primando por uma organização que propicie serviços para a comunidade/sociedade, no que diz respeito ao espiritual, como também para aqueles serviços que atendam algumas esferas sociais, uma vez que existem movimentos dentro dela que contribuem de alguma forma para que isso aconteça como as ações sociais, as pastorais sociais, em particular do idoso e da saúde.

A Paróquia Senhor do Bonfim atualmente é formada por 5 (cinco comunidades), sendo elas: Menino Jesus de Praga, Nossa Senhora do Carmo, Sagrada Família, Santa Rita de Cássia e São Paulo Apóstolo. Essas comunidades recebem ou também são conhecidas pelo nome do bairro ou dos sub-bairros na qual estão inseridas. Cada comunidade possui sua capela, com seu respectivo padroeiro(a) e são essas comunidades que formam a Paróquia Senhor do Bonfim e que tem como Igreja Mãe ou Matriz a igreja do Senhor do Bonfim, ou igreja do Cruzeiro, como é popularmente conhecida. Todas as comunidades possuem um papel relevante dentro da Paróquia no que se refere ao serviço pastoral, à manutenção e cuidados com o templo seja a capela, seja a igreja Matriz.

Nesse contexto de apresentação da Constituição Hierárquica da Igreja Católica enquanto instituição, em particular, da Arquidiocese da qual faz parte a igreja Senhor do Bonfim, que chegaremos ao seu lócus de pertença, o bairro Cruzeiro.

1.2 O bairro do Cruzeiro e a sua importância geográfica

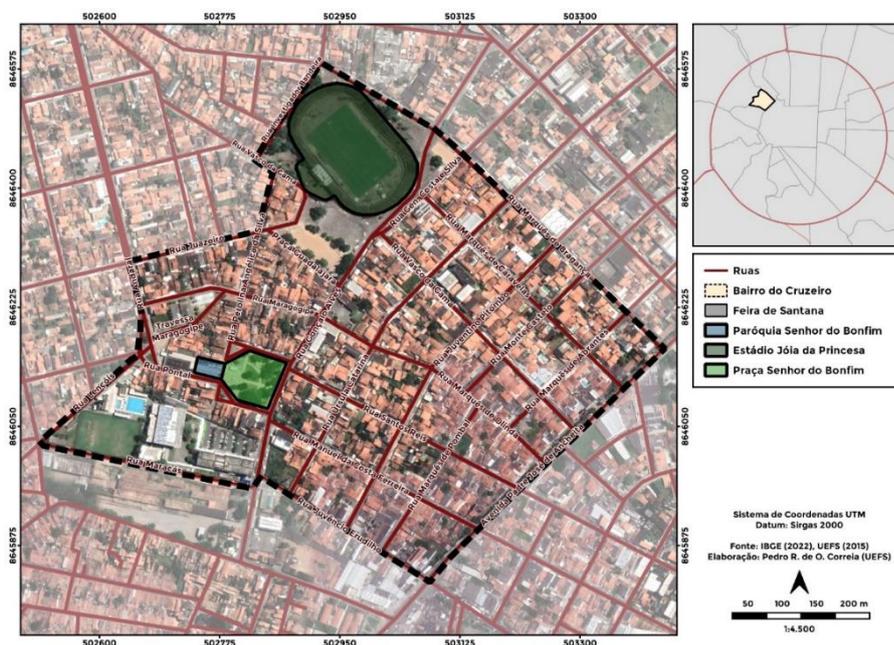
Os bairros que fazem parte da cidade de Feira de Santana se distinguem por possuir características próprias, apresentando algum diferencial que lhes confere alguma visibilidade,

assim existem aqueles que são mais conhecidos popularmente por terem relevância econômica ou cultural para o município. Os fatores citados já são referência para muitos bairros da cidade, como o Tomba, Ponto Central, Sobradinho, bem como o conjunto habitacional Cidade Nova, cada um possuindo um forte comércio e feiras-livres, em particular aos finais de semana. Nesse momento vale destacar o bairro do Cruzeiro, pois é onde está localizada a igreja do Senhor do Bonfim, o referido bairro faz limite com os bairros Jardim Cruzeiro, Sobradinho, Rua Nova e Centro, segundo a Lei Complementar de 2004 (p. 05):

XXI - 021 - CRUZEIRO: o Ponto Inicial se dá no encontro da Rua Investigador Bandeira com a Rua Dr. Joaquim Laranjeiras, daí segue pela Rua Dr. Joaquim Laranjeiras, Rua Marquês de Bragança, Avenida Padre José de Anchieta (Avenida Canal), Rua Juvêncio Erudilho, Rua Gonçalo Alves Boaventura, Rua Maracás, Rua Lençóis, Rua Andaraí, Rua Juazeiro, Rua Perolina Angélica da Silva, Rua Vasco da Gama, Rua Investigador Bandeira até o ponto inicial” (LEI COMPLEMENTAR n° 18, 2004 no seu Art. 4º, 2004, p. 05).

Então com a lei sancionada em 2004, no mandato do prefeito da época José Ronaldo de Carvalho, podemos ter um panorama das ruas que compõem o bairro do Cruzeiro. O bairro está situado a 3,4Km do centro da cidade. Isso lhe confere uma localização privilegiada por estar muito próximo ao Centro, à 243m de altitude. É um bairro que possui poucos logradouros se comparado a outros bairros existentes na cidade, mas abarca instituições importantes como o Serviço Social da Indústria, Estádio Alberto Oliveira, conhecido como Joia da Princesa e a igreja Senhor do Bonfim, como mostra o mapa 04.

Mapa 04 – Mapa do Bairro Cruzeiro



Fonte: Elaborado por Pedro Correia - 2023, sob orientação da autora

Ao narrar a história do bairro do Cruzeiro, Ferreira (2006a) no seu livro *A Feira do século XX*, afirma que:

Na década de 30 o centro era limitado por quatro ruas, as quais circundadas pelos pequenos bairros (conhecidos por ponta de ruas) de Pedra do descanso, Tanque da nação, Barroquinha, Alto do Cruzeiro, Calumbi, Baraúna, Nagé, Minadouro, Queimadinha, Boa Viagem, Rua do Fogo, Rodagem e Olhos D'Água. Com o progresso da cidade, todos se transformaram em belos logradouros com nomes e casas, com exceção de dois: Barroquinha e rua do Fogo (FERREIRA, 2006, p. 09).

De acordo com o autor, as ruas existentes, a partir do desenvolvimento da cidade, acompanharam seu crescimento. Até hoje esses bairros se destacam por apresentarem determinada relevância para a cidade, por estarem próximos ao centro ou por ligarem um ponto estratégico dentro da sua malha urbana. Ao destacar a Barroquinha e a rua do Fogo, hoje chamada de rua Quintino Bocaiúva, em não serem afetadas pelo progresso da cidade, chama à atenção por serem ruas que estão próximas ao centro e possuem certa visibilidade, mas também pelo sub-bairro Barroquinha nos levar ao bairro do Cruzeiro. As imagens do bairro do Cruzeiro mostram que seu relevo poderia ser uma das explicações para a denominação Alto do Cruzeiro, para o Bairro Cruzeiro, uma vez que os aclives e declives encontrados nesta parte da cidade levam à sua direção.

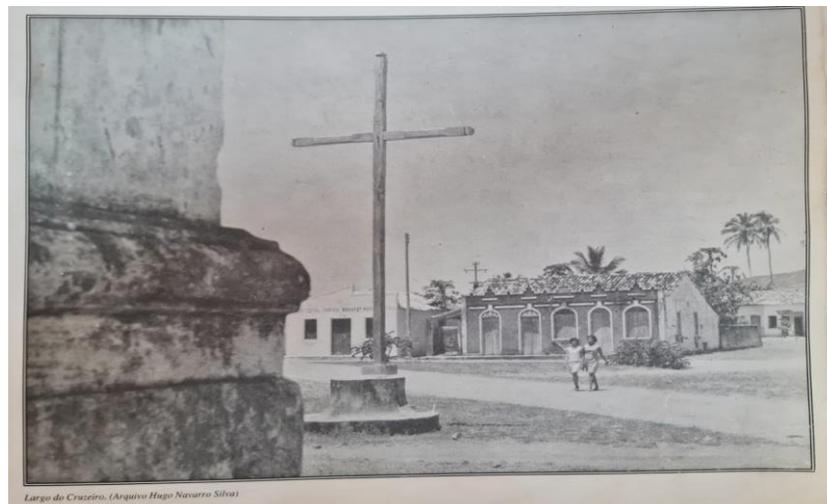
Com base na história do bairro, trazida no livro *Memórias Fotográficas de Feira de Santana*, o Alto do Cruzeiro era conhecido como “Alto do Gonçalo”, lugar de isolamento para doentes em ocasiões de epidemia, como aconteceu na época da varíola. A esse respeito Souza (2023) disponibiliza as seguintes informações que revelam

Desde os primeiros tempos da colônia de epidemias de varíola, sarampo, disenteria e febre amarela, intermitentemente, atacavam os seus habitantes. Conquanto as moléstias, em geral, comessem pela Capital e diminuíssem de intensidade, à medida que alcançavam as zonas menos do interior, os moradores de Feira de Santana não ficavam imunes. A febre amarela e a varíola ou a bexiga, eram as epidemias mais comuns e existiam na região em forma endêmica [...] o número inteiramente sem precedentes de mortes causadas pela epidemia provocou o problema do enterramento imediato das vítimas. Muitos municípios de Feira de Santana já haviam assinalado que o costume de enterrar os cadáveres na matriz deveria desaparecer, embora a área do pátio da paróquia não se prestasse para isso. Em consequência da epidemia, proibiram-se os enterros na matriz e a Câmara foi autorizada a comprar terras apropriadas, para um novo cemitério, nos arredores da vila (POPPINO, 1968, p. 101-102 *apud* SOUZA, 2023, p. 176).

A localidade onde está situada a igreja, no século XIX, foi um cemitério para enterrar as pessoas vítimas dessas epidemias relatadas pelo autor, devido a um novo contexto histórico de não mais enterrar pessoas no pátio das igrejas, como a necessidade de um novo cemitério e por ali ser um lugar isolado.

Com o intuito de registrar esses episódios abomináveis, levantou-se, no local, um Cruzeiro no ano de 1901, por ordem do Padre Lazarista Pedro Rocha, no Cemitério dos Variolosos. Devido a esse acontecimento considerado de mau agouro, surgiu a designação Alto do Cruzeiro. Com base nesse contexto histórico de epidemias, da existência de um local apropriado para o isolamento de pessoas assoladas pelo vírus da varíola, este bairro já passa a ter notoriedade no município pela sua localização, na parte mais elevada da cidade, e por ter o Cruzeiro que foi erguido, elemento que se tornou uma referência com relação aquele espaço e à própria igreja. Por meio da figura 3, é possível ver o Cruzeiro no local onde fora fixado, como também o início do povoamento do bairro já com algumas construções que posteriormente viriam a apresentar os contornos do bairro.

Figura 03 - Largo do Cruzeiro – Feira de Santana, Bahia



Fonte: Livro Memórias Fotográficas de Feira de Santana, 1994

Nessa perspectiva que trazemos como monumento o Cruzeiro, que passa a ser o elemento que traz a origem de muitas histórias e memórias que permearam este espaço na cidade. Segundo Le Goff (1990, p. 462), “o monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos”. Para o autor o monumento, material da história, propicia essa perpetuação, mesmo com a dinâmica sócio-temporal, servirá como um documento que mostrará que ali foi um lugar de vivências e que tem uma história, logo ele é um testemunho da história, ele carrega a força da memória.

O bairro do Cruzeiro traz consigo importantes registros por seu histórico de fé. Aos poucos foi povoado por famílias que tiveram participação fundamental no envolvimento da construção da igreja, desenvolvimento de atividades e construção das memórias ali existentes. Sua localização privilegiada também proporciona a visualização de outros pontos da cidade, permitindo que monumentos relevantes que compõem a paisagem daquele momento possam ser localizados.

Figura 04 – Vista parcial da cidade de Feira de Santana, década de 20

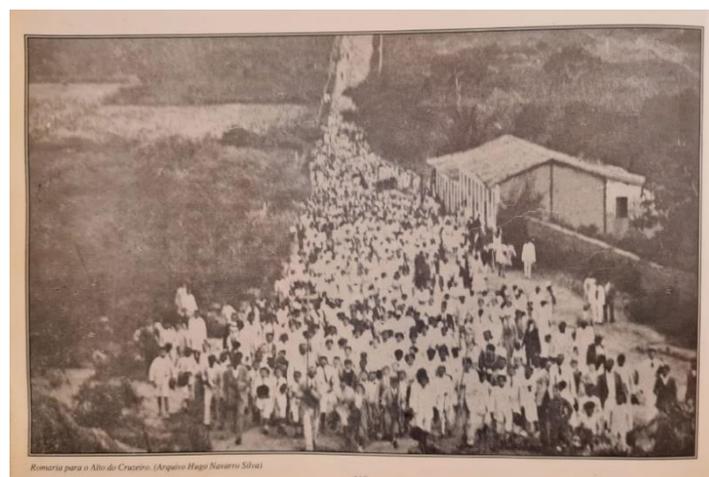


Vista parcial da cidade, olhando-se do Alto do Cruzeiro, com predominância da Catedral de Sant'Anna. Década de 20. (Arquivo Helnando Ramos Simões)

Fonte: Livro Memórias Fotográficas de Feira de Santana, 1994

A figura 04 revela a Catedral Metropolitana de Santana, visto que é possível vê-la a partir do Alto do Cruzeiro, local distinto por seu relevo e que possibilita ver outros pontos da cidade, dando a esse bairro um título peculiar que dá destaque à sua existência e história. No que diz respeito a importância religiosa, a figura 05 evidencia como esse lugar traz consigo um teor devocional, que já atraía um grande número de pessoas, realizando Romarias rumo ao Alto do Cruzeiro.

Figura 05 – Romaria para o Alto do Cruzeiro



Romaria para o Alto do Cruzeiro. (Arquivo Heago Navarro Silva)

110

Fonte: Livro Memórias Fotográficas de Feira de Santana, 1994

É possível ver na paisagem da figura 05 o relevo descrito na caracterização do antigo bairro Barroquinha e do Cruzeiro, com suas ladeiras íngremes que foram registradas nesse momento de fé cristã a muito praticada nessa região. Isso demonstra como o bairro do Cruzeiro desde a sua formação já é tido como um lugar de oração e fé pelos habitantes daquele lugar, bem como de indivíduos vindos de outras localidades. Na história do bairro Cruzeiro, tão emblemática para este município, pode-se dizer que sua relevância está associada à memória religiosa desse lugar, pois desde a década de 1940 acontecia a Romaria para o alto do Cruzeiro, uma prática religiosa que acontecia no passado, mas que fora retomada no ano de 2012 e permanece acontecendo.

Fotografia 01 - Caminhada do Perdão, 2014



Fonte: Site da Caminhada do Perdão, 2023

A chamada “Caminhada do Perdão”, que acontece sempre no segundo domingo da Quaresma, que sai da igreja dos Capuchinhos, Paróquia de Santo Antônio e segue em direção a igreja Senhor do Bonfim no Alto do Cruzeiro. Com isso permanece uma tradição que há muito acontecia, propiciando a continuação de uma prática, como também da manutenção da memória de um evento religioso que já faz parte do calendário cultural e religioso da cidade. É um evento de destaque da comunidade cristã católica, pois contempla todas as paróquias da Arquidiocese da Feira de Santana e é considerado uma grande manifestação de fé dos católicos de Feira e região, como é mostrado na fotografia 01. É possível evidenciar a participação de um grande número de pessoas durante o evento ao longo da avenida Presidente Dutra e na rua Olímpio Vital no Centro como é mostrado nas fotografias 02 e 03, e, em direção a igreja Senhor do

Bonfim em anos distintos. Devido ao tamanho do seu percurso, a Caminhada do Perdão caracteriza-se também como um momento de penitência para as pessoas que a realiza, mostram um sólido envolvimento de fiéis da Igreja Católica na caminhada, que segue rumo ao Alto do Cruzeiro, que depois da chegada da Cruz que é carregada desde a igreja dos Capuchinhos, sendo revezada entre os fiéis, chegando ao fim da peregrinação, recebem a bênção.

Fotografia 02 - Caminhada do Perdão, Avenida Presidente Dutra 2019



Fonte: Site da Caminhada do Perdão, 2023

Fotografia 03 - Caminhada do Perdão, rua Olímpio Vital 2023



Fonte: PASCOM¹¹ (2023)

¹¹ Pastoral da Comunicação da Paróquia Senhor do Bonfim (Alto do cruzeiro).

Fotografia 04 - Caminhada do Perdão, Alto do Cruzeiro, 2023



Fonte: PASCUM (2023)

A fotografia 03 exibe a caminhada na rua Olímpio Vital no sentido do Alto do Cruzeiro, pois o sentido da caminhada é ser um momento de penitência rumo à Sagrada Colina. A fotografia 04 mostra o aglomerado de pessoas já no Alto do Cruzeiro participando da Celebração de encerramento da Caminhada, com a praça e o espaço da igreja tomada por uma multidão de pessoas oriundas de várias paróquias da cidade e da Arquidiocese. O termo Sagrada Colina é empregado de forma mais constante a esse lugar recentemente, remonta do ano de 2015, com a chegada do atual pároco, que em conversa informal, diz que passou a chamar o lugar da igreja Senhor do Bonfim, o “Alto do Cruzeiro” de Sagrada Colina, por uma questão topográfica e também pelas semelhanças que existem entre aspectos da igreja com relação a da capital. Dentre alguns elementos, é possível trazer inicialmente, o padroeiro, cujas figuras 06 e 07 mostram as imagens do mesmo, em segundo plano estão seus respectivos templos, assim como as fitas que aparecem em ambas as imagens como parte da composição gráfica.

Figura 06 – Peça gráfica Pascom, 2012



Fonte: PASCUM (2023)

Figura 07 – Peça gráfica Santuário, Salvador Bahia, 2023



Fonte: Google (2024)

Pode-se destacar também o hino que é o mesmo, pois desde o início da devoção e festejos que é cantado o *Hino ao Senhor do Bonfim* nesta igreja e faz menção ao termo Sagrada Colina. Consta no Livro de Tombo que os festejos em honra ao Senhor do Bonfim eram na mesma época que os festejos da capital, a data foi mudada posteriormente e segundo o mesmo livro na página 43, no ano de 1987 passa a ser em setembro. O templo também é ladeado por um gradil que ao longo do ano e principalmente na época da Caminhada do Perdão as pessoas

também amarram as fitas do Senhor do Bonfim nas grades e ao final do ano são queimadas. Essa menção ficou comum nas homilias do pároco, passou a ser proferida por paroquianos, aparecer em peças gráficas dos eventos da igreja, bem como na oração ao Senhor do Bonfim elaborada pelo próprio pároco.

O termo Sagrada Colina também pode ser visto em peças gráficas, como a que está no gradil em suas partes laterais, como é mostrado na fotografia 05, a inscrição de bem-vindos à Sagrada Colina, ocupa os dois lados do banner que traz uma mensagem de acolhimento para as pessoas que por ali transitam e que chegam à igreja.

Fotografia 05 - Banner da igreja Senhor do Bonfim, 2024



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

É na chamada Sagrada Colina que se encontra o Cruzeiro, que deu origem ao bairro, que foi marco no espaço de construção da igreja, que foi construído um imaginário sobre o nome da igreja, conhecida por muitas como igreja do Alto do Cruzeiro, desconhecendo que é igreja Senhor do Bonfim. Uma construção histórica, por trazer consigo um símbolo (o Cruzeiro), que para muitas pessoas é parte da formação deste espaço que traz elementos relevantes como a igreja, o próprio bairro e o Cruzeiro.

Sobre isso, Moraes (1997, p. 94) afirma que “o imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade”. Nesse sentido, é possível dizer que o Cruzeiro, passou a fazer parte do imaginário coletivo do feirense, a igreja é historicamente reconhecida como a igreja do Alto do Cruzeiro. O Cruzeiro, considerado elemento importante da memória afetiva que segundo Mario Abel Bressan Júnior (2017, p. 74) “é aquela composta por

experiências emocionais e afetivas, constituindo um local onde um sentimento ressurgiu através de uma recordação”.

Cabe aqui refletir sobre o contexto de localização espacial do bairro do Cruzeiro, que no início do século XX se configurava como um local afastado do centro, isolado, possivelmente tornando-se um fator preponderante para manter distante as pessoas vítimas de pandemias da sociedade feirense. Sobre as metamorfoses do espaço Santos (1988, p. 10) esclarece que “o espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento”. De acordo com o autor, o espaço é permanentemente atingido pelas mudanças sociais ao longo do tempo, e isso lhe confere alterações de cunho social e geográfica.

Quando todos os lugares foram atingidos, de maneira direta ou indireta, pelas necessidades do processo produtivo, criam-se, paralelamente, seletividades e hierarquias de utilização com a concorrência ativa ou passiva entre os diversos agentes. Donde uma reorganização das funções entre as diferentes frações de território. Cada ponto do espaço torna-se então importante, efetivamente ou potencialmente. Sua importância decorre de suas próprias virtualidades, naturais ou sociais, preexistentes ou adquiridas segundo intervenções seletivas (SANTOS, 1988, p. 11).

Na fotografia 06, é possível ver um recorte do bairro do Cruzeiro, da igreja Senhor do Bonfim e de seu entorno. É na rua Perolina Angélica da Silva, nome de uma das moradoras mais antigas do bairro, que se encontra circunscrita à igreja Senhor do Bonfim, elemento central deste trabalho.

Fotografia 06 - Vista da igreja Senhor do Bonfim, inserida em seu contexto, em 2022



Fonte: PASCUM (2023)

Assim, a fotografia 06 permite evidenciar a igreja Senhor do Bonfim, bem como a rua na qual está localizada e seu entorno, no lugar que lhe acolhe, a Colina Sagrada de Feira de Santana.

É preciso ressaltar que essa igreja Matriz, é formada por partes que formam uma unidade e que cada uma tem sua função dentro da estrutura da igreja, são as comunidades. Elas são as células primárias da igreja, porque é onde se inicia todo o processo de evangelização, desde a aproximação entre os fiéis, desde os laços fraternos até a unidade cristã. As comunidades seriam a base de sustentação da igreja, no sentido de existência, pois são os indivíduos que a compõe que fazem com que sejam o alicerce da igreja. Entende-se então que o destaque das comunidades dentro dessa esfera eclesial, é que um conjunto delas formam uma paróquia, onde têm-se uma igreja Matriz, que seria a sua Igreja Mãe.

A sua composição sofreu mudanças ao longo dos tempos, seu limite territorial registrado no Livro de Tombo, p. 118, em outubro de 1996, onde através da aquisição de uma carta geográfica o pároco Antônio Alves Pinto descreveu os limites geográficos e dos dados demográficos da paróquia, com as seguintes informações: “Tem como apoio inicial e final o cruzamento da Av. José Falcão da Silva até encontrar com a Av. do Canal, por esta até a rua Tomé de Souza, por esta até o pontilhão que fica no final do muro da Embasa no riacho, pelo referido riacho, contornando os fundos do Conjunto feira IV e o DNER, até encontrar com a Av. Francisco Pinto (Antigo Av. de Contorno) próximo a Pousada da Feira, por este até encontrar com a Avenida José Falcão da Silva, ponto inicial”. Os bairros que pertencem a Paróquia: Baraúnas, Cruzeiro, Jardim Cruzeiro, Galileia, Rua Nova, Sobradinho. As comunidades que formam a Paróquia do Senhor do Bonfim acompanham a história da igreja Matriz, no seu processo de crescimento e mudanças no decorrer do tempo, em cada contexto histórico que deixam marcas na sua estrutura interna e externa e revelam significados que constroem a história vivida por elas.

1.3 O Senhor do Bonfim, dessa sagrada colina, mansão da misericórdia

O Senhor do Bonfim configura-se como uma das imagens mais conhecidas na história da Bahia, por fazer parte de um legado de fé que vem desde o século XVIII e que permanece vivo até o momento presente. Considerado símbolo cristão dos baianos, o Senhor do Bonfim tem sua história alicerçada na crença dos baianos, em que sua imagem não apenas consolidou-se em Salvador, na capital baiana, mas adentrou no interior do estado, fincando raízes e fazendo parte da herança cristã católica existente em várias cidades.

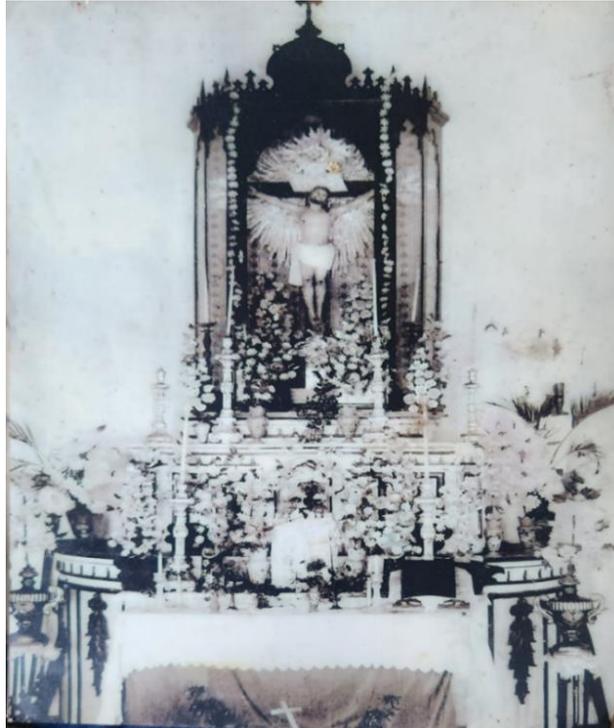
O Padroeiro foi trazido para o nosso país por causa de uma promessa realizada por Theodózio Rodrigues Faria e muitas memórias foram construídas por aqueles que são devotos desse Santo. Tanto o é que a festa em honra ao Senhor do Bonfim acompanha gerações de pessoas que acreditando e morando ou não em Salvador o tem como protetor e a devoção a Ela é continuada ano após ano. Daí formou-se uma cultura que é parte integrante de um povo que o vê como um ícone de fé que está presente na vida de muitos cidadãos baianos, como também de muitas pessoas que acreditam na sua força divina e que traz proteção e bênçãos para os seus devotos.

Assim, a vinda da imagem do Senhor do Bonfim que apresenta ou representa Jesus morto para a salvação do homem, foi trazida de Portugal para as terras brasileiras ainda no século XVIII. Neto (2013, p. 45) relata que “em 28 de novembro de 1742, o capitão Theodózio e a tripulação da Nau Setúbal conseguiram aportar em Lisboa após livrarem-se de um pavoroso temporal que quase os fizeram naufragar. Este fato evidencia indícios da crença que Rodrigues Faria passou a ter no Bom Jesus do Bonfim”. A partir do que foi colocado, a crença no Senhor do Bonfim parte de Theodózio que não era brasileiro, mas que por ter passado por essa provação atribuiu sua salvação à imagem do Cristo morto. Segundo o mesmo autor, a chegada da imagem a Salvador seguiu-se da seguinte maneira:

De retorno a Salvador em 1745, o capitão de Mar e Guerra trouxe consigo uma imagem do Senhor Bom Jesus do Bonfim em pinho de riga medindo 1,06 de altura semelhante a existente em Setubal e, junto com ela, em si, o desejo em dar continuidade a fé que havia livrado-os do infortúnio da morte (NETO, 2013, p. 45).

De tal modo, tem-se início nas terras do Brasil a devoção ao Senhor do Bomfim, consolidando-se como tradição da fé baiana e sendo um dos elementos culturais mais relevantes nas manifestações religiosas na segunda quinta-feira do mês de janeiro. A consolidação da devoção ao Senhor do Bonfim na Bahia e também por todo o Brasil retrata que a partir desse contexto de fé cristã, é constituído um elemento, que, posteriormente, torna-se um exemplo de crença que passa a conduzir indivíduos por muitos lugares, através de uma narrativa que se perpetua em uma determinada sociedade e que apesar da dinâmica temporal, permanece presente e com toda a força através das memórias construídas. Portanto, é a confiança no Senhor do Bonfim na capital baiana e também nas cidades do seu interior, como em Feira de Santana, onde na Arquidiocese encontra-se a Paróquia Senhor do Bonfim, no templo da sua igreja Matriz, amplamente conhecida como igreja do Cruzeiro, que tem como padroeiro o Senhor do Bonfim.

Fotografia 07 - Imagem do Senhor do Bonfim, séc. XX



Fonte: Arquivo pessoal da Senhora Railda Idomineu de Santana¹².

Por meio da fotografia 07, pode-se identificar a imagem do Senhor do Bonfim, no interior da capela, sendo que foi a primeira imagem do templo e que permanece na igreja até o momento presente, que segundo o Livro de Tombo da Catedral Metropolitana de Sant'Ana fora doada por um benfeitor da família Pinto, que a trouxe de Portugal. Ainda enquanto capela a presença da imagem revela a simplicidade dos elementos que a adornavam. Em conversas informais com paroquianos que são parte da história desse templo religioso, é possível que no tempo da sua construção as condições socioeconômicas não eram favoráveis, evidenciando uma comunidade pouco abastada, mas mesmo na falta de recursos preocupava-se em homenagear e honrar o seu santo padroeiro e protetor com flores artificiais de papel crepom, plantas do quintal de suas casas e um paramento ao fundo da cruz de papelão.

Na fotografia 7 é possível identificar ainda ornamentos artificiais com um material que difere do atual, mostrado na fotografia 08, que é um adorno de prata que também foi doada por um paroquiano como é relatado no Livro de Tombo da Matriz de Sant'Ana. Na passagem das décadas, em suas metamorfoses, a igreja Senhor do Bonfim nos apresenta a mesma imagem já restaurada, com seus adornos de prata, em um presbitério que acolhe a imagem. Segundo o

¹² Paroquiana, descendente de um dos fundadores da igreja.

Livro de Tombo, p. 172, a única vez que a imagem saiu foi para a restauração no ano de 1996, retornando para igreja em 1 de setembro do mesmo ano, para a festa do padroeiro.

Fotografia 08 - Imagem do Senhor do Bonfim, 2012



Fonte: Arquivo pessoal do fotógrafo Pedro Paulo Maia¹³ (2012)

A fotografia 08, atesta que no ano 2012, a imagem do Senhor do Bonfim não se encontra mais dentro de um oratório, tendo agora uma parede emoldurada que a resguarda, já no interior da igreja, com um novo desenho, onde antes era uma capela, agora transformada em igreja. Posteriormente, foi desmembrada da Matriz de Sant ´Ana, transformando-se em igreja Matriz, com suas respectivas atribuições, realizando atividades que fazem com que essa igreja seja mantida viva na memória dos fiéis das comunidades.

Aqui, vale destacar a festa do padroeiro que é o apogeu do ano litúrgico de uma determinada igreja, ou seja, é o momento de louvar e agradecer ao seu benfeitor, com orações, músicas, pregação da palavra, quermesses e culminância com procissão do Santo homenageado juntamente com os outros padroeiros das comunidades que fazem parte da Paróquia. O Plano de Pastoral (2002, p. 57-58) traduz o sentido de uma festa de padroeiro como um momento forte de evangelização e demonstração de fé dizendo:

Entende-se por “Festas de Padroeiro” as celebrações litúrgicas e manifestações de piedade popular promovidas para homenagear e louvar o

¹³ Fotógrafo da igreja em eventos como batizados, casamentos e missas festivas.

padroeiro duma comunidade ou capela. É de máxima importância que estas festas constituam verdadeira expressão de religiosidade popular e sejam momentos fortes de evangelização e catequese. Cuide-se que não sejam desvirtuadas, nem utilizadas para fins estranhos à sua natureza. As festas de Padroeiros são de exclusiva competência da Igreja. Sua organização, programação e promoção compete ao pároco e Conselho de Pastoral Paroquial podendo ser formada uma comissão para este fim específico. Tenha-se o especial cuidado de conservar um ambiente de oração durante a Missa. Seja ela o ponto central da festa. Conserve-se, onde for de costume, a procissão, como expressão de religiosidade popular, e que tem o sentido de caminhada para Deus (PLANO DE PASTORAL, 2002, p. 57-58).

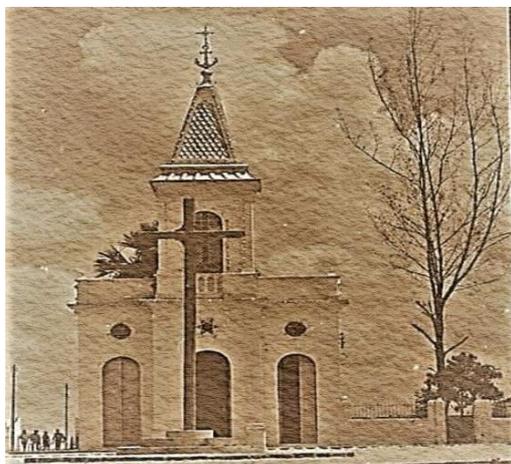
O significado da festa de padroeiro apresentado pelo Plano de Pastoral demonstra que esse festejo é um momento relevante para os indivíduos que vivem a religião católica. Existem elementos significativos que são construídos nesse contexto de devoção que fazem com que ações que são consolidadas na igreja concebam esse momento de fé e gratidão, ao mesmo tempo que eternizam e produzem memórias que são constantemente reavivadas dentro da história de uma determinada sociedade/comunidade e que representam uma vivência na fé cristã. Na Paróquia Senhor do Bonfim não é diferente, seguindo o costume de Salvador, desde o momento que a igreja do Cruzeiro se tornou paróquia, realizava a festa em Louvor ao Senhor do Bonfim sempre no segundo domingo do mês de janeiro, com o novenário e quermesses, com participação das comunidades.

A festa acontecia em um formato diferente de como é conhecido atualmente, as celebrações não aconteciam na igreja Matriz, mas nas comunidades, então cada noite uma comunidade era contemplada com a celebração eucarística. No Livro de Tombo (p. 43), fica instituído que a festa passaria a ser realizada no mês de setembro. Isso porque no mês de janeiro havia coincidência de datas da festa da padroeira da cidade, Senhora Sant'Ana, que posteriormente foi transferida para o mês de julho, no dia 26, data em que se celebra o dia de Senhora Sant'Ana. A festa do Senhor do Bonfim encontrou no mês de setembro um mês propício, por esse mês comemorar a exaltação da Santa Cruz. Considerando o Cruzeiro como um dos símbolos dessa igreja, consolidou-se então esse contexto para a realização da festa no referido mês. Assim, essa tradição é mantida até o momento presente e é uma das ocasiões mais aguardadas por seus paroquianos.

É nesse contexto festivo que é chegado o momento de podermos adentrar nesse espaço, a igreja Senhor do Bonfim (igreja do Cruzeiro), para que assim seja possível entendermos a história dos seus desenhos, na busca de compreender cada símbolo presente, no intuito que reflexões sejam realizadas nas memórias desse templo religioso, monumento relevante para o município feirense.



Os (Re) Desenhos da igreja Senhor do Bonfim



2. OS (RE)DESENHOS DA IGREJA SENHOR DO BONFIM

Os desenhos da igreja do Senhor do Bonfim permitiram refletir sobre um espaço-tempo de mudanças, a partir da análise das suas fotografias que narram suas histórias, bem como da identificação dos vestígios das suas memórias. A utilização das imagens do referido templo torna-se fundamental, uma vez que serão consideradas uma importante fonte para o desenvolvimento deste trabalho. Lucia Santaella (2012) pontua que é preciso estar atento aos elementos contidos na imagem, na contextualização e no que não é dito pela imagem. A autora chama a atenção para aspectos relevantes no processo de leitura de uma imagem, pois toda imagem traz consigo informações que trarão respostas para os questionamentos que surgirão no caminho da pesquisa.

A partir da análise das fotografias que este estudo será desenvolvido, partindo de comparações entre a forma como o objeto de estudo se configurava e se configura, bem como a compreensão dos elementos simbólicos ou dos significados que as pessoas reconhecem ou traduzem em memórias. Ana Paula Batista Araújo e Andressa Domanski (2012, p.1) dizem que como recurso visual, a fotografia é um ativador de memória, pois se constituem de fragmentos.

Dentro dessa discussão sobre fotografia, Mauad (2014, p.116) pondera que “a fotografia realiza a mediação entre sujeitos históricos e o mundo visível – o mundo que se formata nas memórias, elaboradas por meio das imagens fotográficas –, uma forma histórica para dar forma ao mundo como imagem”. A autora busca dizer que existe uma estreita relação entre a fotografia, o sujeito e o mundo, pois a fotografia será um dos meios pelos quais os indivíduos poderão criar suas memórias, construindo sua história no mundo, deixando seu registro. Então a fotografia pode ser considerada como uma forma de olhar e traduzir o mundo, com suas histórias e memórias, “a fotografia é uma espécie de reserva de memória, de arquivo onde se realizam buscas que traçam os percursos do olhar”, como sinaliza Mauad (2014, p. 118).

É pertinente que na análise da imagem sejam considerados aspectos relevantes, que de fato ocorra sua leitura, interpretação, não apenas uma descrição ocasional. Devem ser considerados os elementos que sejam destaque na análise, a contextualização que evidencie o momento de sua construção, a finalidade para a qual foi feita e a intencionalidade ali existente. Logo, cada sentido empregado numa imagem poderá conduzir a uma determinada narrativa e variadas interpretações, pois uma imagem pode ser lida por olhares distintos que trazem suas ideologias e crenças na sua compreensão. Nesse sentido, pode-se afirmar que temos uma relação com a imagem, pois nossas leituras e interpretações vão produzir e reproduzir as relações na sociedade. Nesse contexto, Ulpiano Meneses (2003) pondera:

Nessa passagem do visível para o visual, foi necessário reconhecer e, de certa maneira, integrar três modalidades de tratamento: o documento visual como registro produzido pelo observador; o documento visual como registro ou parte do observável, na sociedade observada; e finalmente, a interação entre observador e observado (MENESES, 2003, p. 17).

O autor nos permite refletir que a visualidade produz um sentido que pode variar ao longo do tempo, em um contexto em que a imagem é a própria narrativa, as visualidades produzem significados e o registro nos dará informações do tempo vivido. Assim, reitera-se que a imagem a partir de uma visualidade pode não ter imparcialidade, pois os modos de ver são construídos coletivamente. A imagem, portanto, é uma fonte visual significativa, carregada de sentidos que são cambiantes no tempo e no espaço.

No tocante a essa discussão, Gláucia Maria Costa Trinchão (2010) expõe que

Tanto o desenho quanto a fotografia, na condição de documentos, são registros do fato histórico e como monumento constituem-se em herança do passado, estão ligados ao poder de perpetuar a recordação, seja ela voluntária ou involuntária, por possibilitarem o ‘congelamento’ da imagem num determinado espaço e tempo. Desenho e fotografia trazem em si o poder de registrar a história, perpetuando a recordação e preservando a identidade e a memória coletiva/individual de um povo, pois se desenhar e fotografar foram, e ainda são, métodos atuantes no registro da história da humanidade (TRINCHÃO, 2010, p. 116).

A autora chama a atenção que a utilização da fotografia permite nos aproximar do que é observado em muitos aspectos, como o tempo e certos elementos, fazendo com que possa ser uma fonte que possibilita evidenciar momentos esquecidos e que podem ser devolvidos, porque existiu um registro. Logo, pode-se considerar que desenho é registro, é registro de memória, do tempo, do espaço, dos acontecimentos e fenômenos, passíveis de serem lidos.

A memória aparece aqui como importante elemento de discussão no contexto da história da referida igreja. Sobre memória, Pierre Nora (1993, p.15) explica que “o que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar”. Podemos dizer que existe a necessidade da memória, pois a partir dela que podemos ter elementos que permitam um recontar, um recriar de momentos vividos, como também de registros.

Nora (1993) nos faz refletir sobre

Memória, História: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções (NORA, 1993, p. 9).

O autor aponta que a memória sempre estará presente de uma forma ou de outra, ela pode ser influenciada por lembranças, por ela não ser uma produção individual, ela pode ser compartilhada e sempre vai existir uma troca de lembranças, que trará aspectos de cada indivíduo. A memória em suas facetas pode colaborar com a história no sentido dos significados, nos sentimentos e todas as emoções que ela carrega, por isso o autor a caracteriza como um fenômeno atual, um trânsito entre o passado e o presente, podendo revelar diversos significados. Para corroborar essa reflexão, Maurice Halbwachs (1990, p. 157) aponta que “ora seria muito difícil evocar o acontecimento se não imaginássemos o lugar que conhecemos geralmente não porque o vimos, mas porque sabemos que existe, que poderíamos vê-lo, e que em todo o caso, sua existência está garantida através de testemunhas”. Se, como afirma o autor, sabemos da existência dos espaços que existem através de testemunhas, acredita-se que a memória individual estará também ligada à memória coletiva, pois a existência das memórias parte de um ou mais indivíduos.

Halbwachs (1990, p. 21) ainda sugere que “os detalhes não tomariam com efeito seu antigo sentido senão em relação a todo um outro conjunto que nosso pensamento não abrange mais. Poderemos recordar os detalhes e sua respectiva ordem. É do conjunto que seria necessário partir”, é preciso lembrar, mas entender que o pensamento coletivo contribui significativamente na (re)construção das memórias. Meneses (1992, p. 22) lembra que “a memória, ao invés, é operação ideológica, processo psicossocial de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente universo das pessoas, das coisas, das imagens e relações, pelas legitimações que produz”. O autor chama a atenção para a compreensão do significado de memória nos vários contextos de compreensão, por não se resumir apenas às lembranças, mas por conceber sentidos mais amplos.

Nesse contexto de reflexões sobre desenho e memória que transitaremos pelos desenhos (formas) desse espaço religioso, observando desde a sua configuração inicial e o recorte

temporal analisado, e a partir disso constituir relações necessárias que busquem explicar as implicações oriundas desse processo de transformações por qual passou esse espaço religioso. As reflexões, que aqui foram concebidas, serviram como embasamento para a compreensão da noção de conceitos como o de imagem, fotografia e desenho, uma vez que as discussões foram aprofundadas a partir das fotografias deste templo religioso que nos permitiu relacionar esses conceitos no desenvolvimento deste trabalho. Então, esse edifício eclesial propiciou, com suas memórias, que desenhos fossem surgindo com base nos registros (fotografias) existentes que possibilitaram as leituras aqui realizadas.

Esse templo está localizado em um espaço que era pouco povoado, com poucas casas. Um ambiente que num primeiro momento era de repulsa e proibido, para depois tornar-se um dos lugares mais relevantes para a cidade. A identificação de cada elemento que compõe esse cenário de histórias e memórias torna-se essencial para a compreensão dos (re)desenhos que serão apresentados, principalmente, no que se refere a esse espaço religioso, elemento central das nossas discussões. É no bairro do Cruzeiro que foi edificada a igreja Senhor do Bonfim, e a partir desta pode-se dizer que novos desenhos passaram a ser delineados no local, no que diz respeito ao povoamento, fé e o viver em comunidades. Sua presença ali pode representar vários significados, nos conduzindo a uma reflexão sobre cada momento construído e vivido por aqueles que por ali passaram.

Falar da sua construção nos leva a um entendimento que a referida igreja não ficou imune ao tempo, à ideologia e à política no que se refere aos seus desenhos, por isso buscar-se-á perscrutar essas fases de mutações que a envolve. Na verdade, essa busca poderá permitir olhar o histórico de contextos vivenciados, na tentativa de identificar variações que propiciaram a este espaço novas composições. A abordagem sobre desenho torna-se necessária, pois compreender que o desenho traz consigo vários significados permite uma interpretação além do que normalmente se compreende, como uma prática corriqueira de representações. Teresa Torres Eça (2010, p. 155) pontua que “o desenho é assim, desde tempos que se perdem na história da humanidade, uma ferramenta de entendimento da realidade, um processo de interpretação baseado na explicação do sentido através das suas configurações”. A autora convida a refletir sobre o desenho como um instrumento que permite muitas dimensões além do traço; ele também é um meio pelo qual o ser humano pode representar a compreensão do que ele tem a sua volta, fornecendo explicações e se utilizando de vários elementos que podem mostrar além do que pode ser visto.

Luiz Vidal Negreiros Gomes (1996 p. 13) diz que “o desenho é uma das formas de expressão humana que melhor permite a representação das coisas concretas e abstratas que

compõe o mundo natural ou artificial em que vivemos”, assim, acredita-se que é possível compreender como num determinado espaço e as formas ali representadas podem expressar memórias de elementos que foram relevantes num dado espaço temporal. O autor explica que as construções humanas sendo abstratas ou não podem ser consideradas registros de sua história, pois são constituídas de elementos que fazem parte de contextos distintos, por uma determinada sociedade e por isso constroem vestígios deixados como herança num tempo/espaço que está suscetível a muitas transformações.

Nesse contexto, a igreja Senhor do Bonfim torna-se um elemento que apresenta uma sucessão de novos desenhos ao longo da sua existência que pode permitir diversas leituras, uma vez que o contexto histórico, ideológico, político, cultural e outros podem ter delineado a história dessa igreja resultando nos seus (re)desenhos. Aqui se trata do desenho da igreja com relação à sua antiga forma enquanto monumento construído, na sua estrutura física, com seu interior e fachada, bem como seu entorno, nesse processo de mudanças dentro de uma conjuntura histórico-social para dar lugar a uma nova forma.

2.1 A igreja Senhor do Bonfim na cidade de Feira de Santana

O *Dicionário Personativo, Histórico de Feira de Santana* mostra que a igreja Senhor do Bonfim está localizada no Alto do Gonçalo, depois conhecido como Cruzeiro. Até 22 de fevereiro de 1964, a igreja era uma simples Capela, sua construção foi iniciada no ano de 1905 e concluída em 1918. Ainda no referido *Dicionário*, consta que, em 1905, o Cônego Tertuliano Carneiro mobilizou uma comissão para construir uma Capela no bairro. O cuidado com a capela era uma constante para todos os vigários da Matriz. Existem relatos que nesta capela ainda não havia um pároco para administrar, então eram as pessoas que faziam parte dessa comissão, que na verdade eram os próprios moradores do bairro que cuidavam da capela e realizavam atividades como orações e as missas aconteciam quando um padre da Matriz comparecia para realizar.

Ao adentrar pela porta principal, à esquerda, é possível vislumbrar a inscrição do registro do ano em que a igreja começou a tomar forma, na identificação da sua Pedra Fundamental, datada de 1900, como é mostrado na fotografia 09, registro que também pode ser encontrado no Livro de Tombo da Catedral Metropolitana de Sant’Anna, o ano que iniciou o processo de construção, primeiro enquanto capela, posteriormente, por ocasião do crescimento do bairro onde está localizada e de bairros vizinhos, existiu a necessidade de

ampliação, agora com a estrutura de uma igreja e com o passar dos tempos e contextos históricos, passando por outras transformações resultando em novos desenhos.

Fotografia 09 - Primeira inscrição da Igreja Senhor do Bonfim.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

O símbolo em formato de Cruz, representa a pedra fundamental com material em mármore trazendo uma inscrição do século XX, cujo significado é “*Jesus Cristo, Deus homem, vive, reina e impera*”. Assim, também foi possível ter conhecimento da referida capela, depois de terminada sua construção, apresentando características da sua época, uma construção simples, com a estrutura de uma capela, em um espaço que é possível ver elementos que aparecem em sua composição que pode remeter ao momento onde esse edifício eclesial surge como componente concreto daquele ambiente.

A figura 08 retrata o que representa a primeira forma dada a capela, com apenas uma torre, as portas e janelas em arco com detalhes de desenhos geométricos, na sua arquitetura. Outros elementos sobressaem, como o seu marco (Cruzeiro) à sua frente, evidenciando também o início da história de ocupação desse local, configurando-se como um elemento de relevância para a comunidade que ao longo do tempo vem construindo memórias, imbuindo de significados cada momento vivido pelos integrantes que formaram essa comunidade.

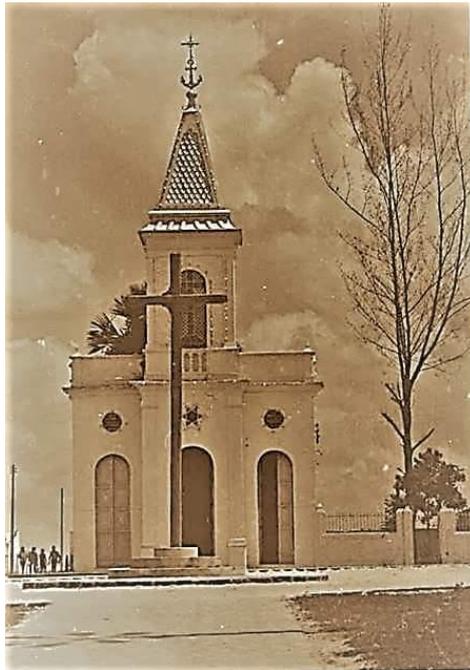
Figura 08 – Igreja Senhor do Bonfim, 1938

Fonte: Acervo PASCUM.

Os elementos aí presentes permitem a identificação de algumas características, como um ambiente com trânsito maior de pessoas e algumas construções ao seu redor, o Coreto que segundo relatos foi construído para a apresentação de filarmônicas, no entanto fora demolido no ano de 1989 segundo o Livro de Tombo da igreja na página 52. A partir daí pode-se inferir que desde a sua construção a igreja Senhor do Bonfim já sugere ter um papel de construir memórias, pois pode-se dizer que aquele espaço passa a ser um ambiente de vivências cotidianas, que faz com que histórias sejam construídas e eternizadas, seja através de suas memórias, seja através dos vestígios por ela deixados. Nessa perspectiva, Michael Pollak (1992) esclarece que “a memória é constituída por pessoas, personagens, portanto ela pode se apresentar de forma individual ou coletiva, apoiada em três critérios, acontecimentos, personagens e lugares”.

Sobre isso Pollak (1992, p. 204) ainda observa que “a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa”. Assim, no tocante dessas flutuações da memória e em determinado contexto histórico, esse edifício eclesial passou por mudanças, ainda que não muito significativas, mas que lhe impuseram um novo desenho, como é mostrado na figura 09.

Figura 09 – Igreja Senhor do Bonfim na década de 50



Fonte: Acervo particular de Ruy Barcellos¹⁴

Por isso, buscar informações, explicações e analisar todo esse processo constitutivo de memórias e sua relação com os desenhos desse templo religioso, pode ser um instrumento que permita reflexões sobre esse movimento condicionante de mutações. A estrutura ali presente é carregada de simbolismos, como a distribuição dos elementos do espaço celebrativo, o posicionamento dos objetos e seu papel social e político, colabora com a manutenção de uma tradição, uma cultura que é parte integrante de uma sociedade, onde as memórias que são construídas trazem significados de um modo de vida, de crenças e valores considerados fundamentais dentro de um arcabouço que fora criado com intenção de perpetuar significados dentro de uma determinada esfera social. Nesse sentido, tratar das memórias desse edifício eclesial é de grande relevância por sua significância e existência, uma vez que não é uma construção apenas, individual, mas também coletiva que permite uma valorização desse templo para os indivíduos que fazem e são parte da sua história, como também para futuras gerações que estarão fazendo parte desse círculo religioso.

Sobre as memórias Pollak (1992) enfatiza

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita

¹⁴ Produtor cultural feirense

entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade e está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e pa. é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 204).

Para o autor, as memórias apresentam elementos que a caracterizam, e que estão ligados a uma construção, portanto espaços que são impregnados de criações históricas em um espaço que ora fora relevante para um determinado grupo estando situado no tempo cronológico ou não. Assim, tratar das memórias desta igreja, nos permite analisar os acontecimentos que resultaram nas suas configurações e nos seus personagens que fundamentalmente protagonizam a construção das memórias ali presentes e da sua manutenção dentro de um espaço-tempo.

Então, para nos situarmos com relação à memória construída a partir dessa igreja, estabeleceremos alguns marcos que foram determinantes para a compreensão da nossa análise. O primeiro momento que nos chama a atenção, foi a necessidade da sua criação, dando início a sua construção no ano de 1905. Outro momento que merece destaque é na sua primeira restauração que consta no Livro de Tombo da Matriz de Sant'Ana, na página 126, no ano de 1949, para receber a imagem do Senhor do Bonfim, que retornou da Paróquia de Senhora Sant'Ana, hoje Catedral, guarnecida de prata, conforme a promessa dos “católicos” pela paz mundial, esta obra foi concluída em 1961. Dentre as alterações ocorridas, segundo essa mesma fonte, os principais foram:

remodelação e decoração da torre, revisão completa do telhado, nova pintura do forro, que foi ornamentado com lustres e pingentes; o côro melhorado e a escada construída de cimento armado, tendo corrimão de metal, as paredes escarioladas, rosáceas e bandeiras em esquadrias de ferro com vidros coloridos; pisos ladrilhados, altar supedâneo com três degraus em mármore, e sacrário cone revestido de metal; dois nichos embutidos para as imagens de Nossa Senhora da Paz e São Cristóvão; adaptação da pade da comunhão, restauração da sacristia e dependências; instalação elétrica externa e interna com lâmpadas fluorescentes, refletores e um transformador (LIVRO DE TOMBO, 1986, p. 126).

Ao adentrar por sua porta principal, encontra-se localizada à direita uma placa como mostra a fotografia 10, na qual encontra-se a relação dos responsáveis por mais uma reforma da igreja que ocorrera entre as décadas de 50 e 60.

Fotografia 10 - Placa em homenagem aos responsáveis pela reforma da igreja, 1961



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Essas placas são testemunhas de que este templo religioso carrega memórias, pois as pessoas que fizeram parte da história das mudanças desta igreja, estão ali para que não sejam esquecidas, mas que sejam parte da memória deste lugar. Ao todo são encontradas três placas que homenageiam as pessoas que colaboraram com as reformas do templo, inclusive as atuais.

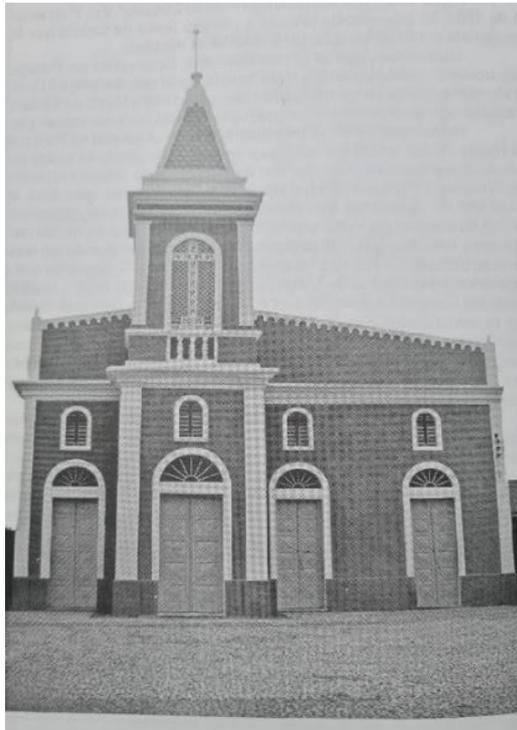
Ainda no Livro de Tombo da Matriz de Sant'Ana, foi uma restauração tão importante que deu ares de Paróquia à igreja do Cruzeiro e a partir dessas mudanças o templo mereceu as honras de Matriz. No Livro de Tombo (1964, p. 02), a igreja Senhor do Bonfim passa a ter visibilidade quando, neste mesmo 1964, em 26 de janeiro, é elevada a paróquia, na administração de Dom Berenguer Prado, passando a ter mais destaque e mais abrangência na gestão de outras capelas, tornando-se igreja Matriz pela Diocese de Feira de Santana. Segundo o mesmo registro, a igreja Senhor do Bonfim foi a segunda paróquia a ser erigida pela Catedral de Sant'Ana. Assim, quando transformada em Paróquia, a igreja do Cruzeiro passa a ter um pároco, sendo que o primeiro foi o Padre Antônio Albertino Carneiro¹⁵. A nomeação de um

¹⁵ Primeiro vigário da Paróquia, organizou-a e cuidou também da construção da **Casa Paroquial**, que ficava nessa época ao lado da igreja, onde hoje é a Secretaria Paroquial.

Padre pode ter sido um marco importante, pois esta passa a ter um administrador que irá estabelecer uma organização para um melhor funcionamento da mesma, com isso ela já passa a operar diferente do anterior à condição de capela, com atividades próprias, como gestão, equipe litúrgica e serviços.

Outro momento que marca os (re)desenhos da igreja Senhor do Bonfim, segundo o *Dicionário Personativo, Histórico de Feira de Santana*, é quando a partir do ano de 1978 na gestão dos padres espanhóis representado pelo do Pe. Fausto, acontece a realização da ampliação do templo trazendo uma nova configuração para esta igreja. Na figura 10, pode ser visualizada uma nova fachada, com uma ampliação da parte lateral direita, com a abertura de outra porta, seguindo um padrão da fachada com as minúcias das pequenas janelas. Outro detalhe é que, ainda que a imagem seja em preto e branco, a igreja não era pintada, havia uma textura da cor de argamassa permanecendo por muito tempo com esse aspecto. Os padres espanhóis permaneceram na administração até 25 de julho de 1993.

Figura 10 – Igreja Senhor do Bonfim, na década de 90



Fonte: Livro de Orações e Cantos, Celebrar a Vida: 2005

Em sucessão aos padres espanhóis, registrado no Livro de Tombo da igreja Senhor do Bonfim, na página 87 toma posse o Padre Antônio Alves Pinto, este que deu sequência à finalização das obras de ampliação do templo onde foi colocado o forro, não mostrando mais o

telhado que era de fibrocimento. A fotografia 11 exibe a placa que traz os nomes dos responsáveis pela reforma e ampliação, que está afixada na entrada da porta principal à direita, mostrando sua conclusão no ano de 1998, com o nome de autoridades da igreja e local e arquiteto responsável pela restauração. Quando na placa surge o termo “restauração”, leva-nos a uma compreensão que a igreja supostamente foi restaurada. No entanto a restauração caminha junto com a preservação e ainda nesta “restauração” vários elementos já foram alterados ou inseridos neste espaço religioso.

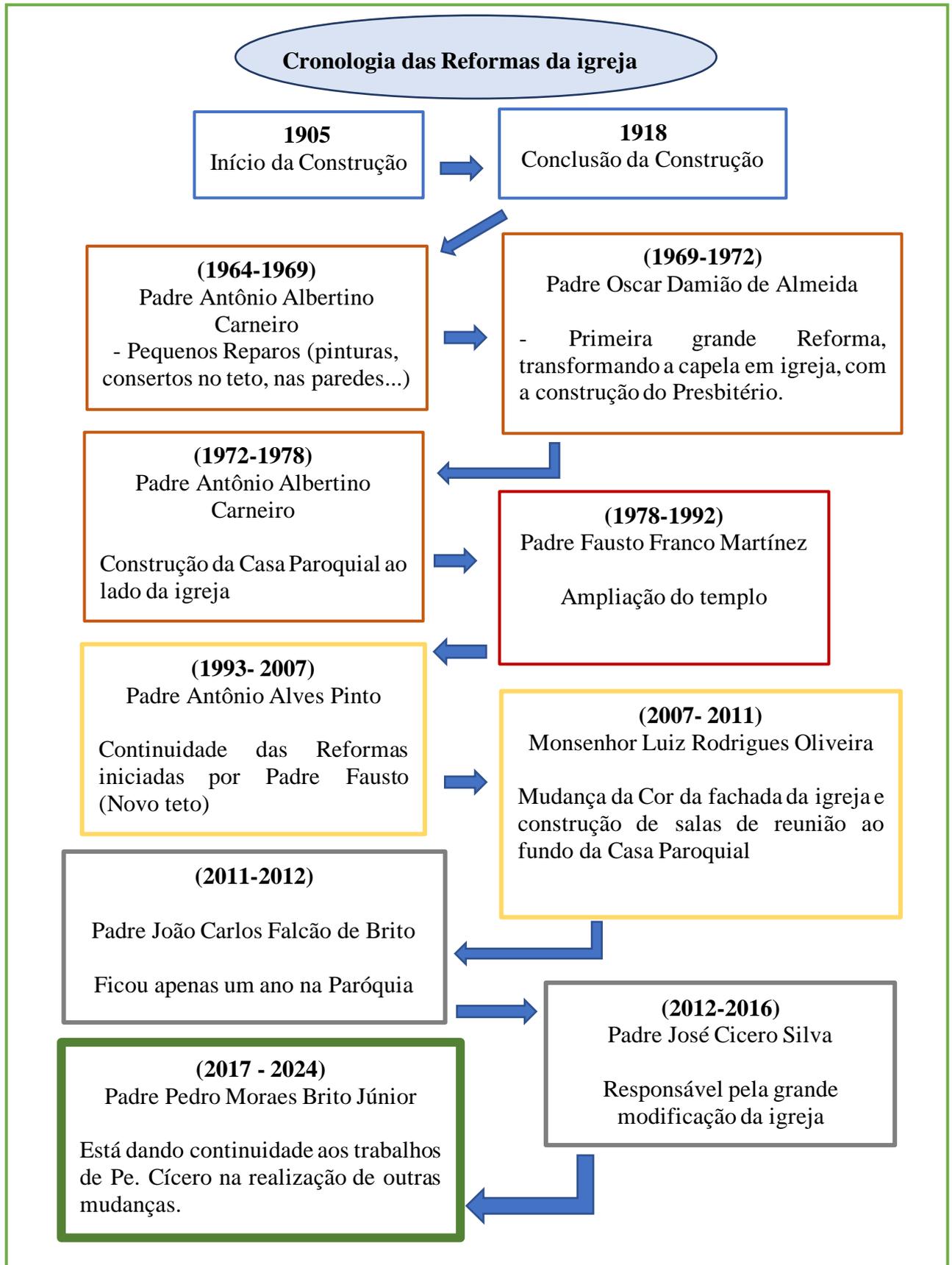
Fotografia 11 – Placa em homenagem aos responsáveis pela reforma e ampliação da igreja, 1998



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

No âmbito dessas informações sobre a construção, ampliação e reformas desse templo, que se buscou situar o leitor em um tempo histórico no qual esse espaço celebrativo permanece ganhando “camadas” de história com o passar dos tempos, o que fica bastante claro quando passa a considerar um recorte temporal sugerido neste trabalho, do ano de 2012 até o ano de 2023, que será mostrado de forma mais detalhada os desenhos e (re)desenhos da igreja Senhor do Bonfim. Vale destacar que após a reforma e ampliação iniciada por Padre Fausto e concluída na gestão de Padre Pinto, o templo apresentou suaves mudanças, como pequenas reformas e manutenção como pinturas. Assim, após a gestão de Padre Pinto no ano de 2007, com a chegada do seu sucessor Monsenhor Luiz Rodrigues, a igreja já é acometida por uma transformação que já desconfigura seu primeiro desenho, principalmente por causa da mudança de cor original da sua fachada. Partiremos, então, para as próximas facetas que este edifício-igreja carrega. A seguir, fluxograma com a cronologia das reformas da igreja.

Figura 11 – Fluxograma da Cronologia das Reformas da Igreja



2.2 A igreja Senhor do Bonfim: suas representações entre os anos de 2012 e 2022

Ao analisar o edifício-igreja do Senhor do Bonfim na sua última configuração, é importante que conheçamos o espaço celebrativo que é a igreja, em seus simbolismos e significados. É interessante saber que cada elemento encontrado na igreja tem um significado, desde a sua estrutura, entrada e interior. Cuthbert Jhonson e Stephen Jhonson (2006, p. 14) recomenda que “é de primordial importância que todos aqueles incluídos num projeto de reestruturação (sacerdote, povo, arquiteto e artista) conheçam os princípios teológicos e litúrgicos, para que assim, possam dar vida a algo que não seja só bonito e digno, mas também liturgicamente correto”. Os autores revelam que no espaço da igreja, nos elementos ali presentes existem sentidos fundamentados na liturgia e que devem ser respeitados de acordo com normas litúrgicas do Vaticano II.

Marlon da Silva Araújo (2022) informa que “o espaço celebrativo não deve se limitar apenas a uma estrutura bipartida, composta pelo presbitério e pela nave, mas valorizar o altar, a sédia e o ambão. O edifício eclesial precisa ser lugar que reúne um grupo de pessoas que celebram o Mistério da Páscoa de Cristo e Nele se espelham”. O autor sinaliza que este ambiente religioso, não é um mero espaço, mas um lugar que traz consigo um universo espiritual ligado ao Divino. Além disso, segundo o autor, os elementos litúrgicos têm como parte de sua criação uma edificação essencialmente religiosa, com o objetivo de que esta seja válida, conservando o seu principal fim. Araújo (2022) apresenta tais elementos:

São eles: **1. Presbitério:** É o lugar onde se encontra o altar, onde também se proclama a Palavra de Deus e onde o sacerdote exerce o seu ministério. Deve se diferenciar de outros espaços da Igreja por uma elevação, ou por estrutura especial. **2. Altar:** É onde se torna presente o sacrifício da cruz e também a mesa do Senhor, da qual a assembleia é convidada a participar por meio da Missa, fazendo memória à Páscoa de Cristo. Em toda igreja deve haver um altar fixo, significando a permanência de Jesus. **3. Ambão:** Lugar de onde é anunciada a Palavra de Deus, para o qual os fiéis se voltam no momento da liturgia da palavra na Missa. **4. Cadeira Presidencial:** Manifesta a função do sacerdote de presidir a assembleia e dirigir a oração, devendo estar de frente para o povo e no fundo do presbitério. Juntamente com o ambão e a mesa da eucaristia, compõe os três principais elementos do presbitério. **5. Cruz Processional:** Cruz com a imagem de Cristo crucificado, bem visível para o povo reunido, serve para lembrar aos fiéis a paixão do Senhor. Simbolizar que a cruz acompanha o cristão em sua caminhada, cujo fim é a ressurreição e a vida. **6. Credência:** Mesa colocada no presbitério para dar suporte aos objetos da missa: cálice, patena, galhetas, livros, entre outros. **7. Nave:** A nave é o lugar dos fiéis, os quais reúnem-se para participar das celebrações. Deve induzir ao respeito e ao silêncio. **8. Batistério:** Deve demonstrar a dignidade do Sacramento do Batismo, podendo ser projetado na própria igreja, na nave central ou lateral, separada do presbitério e em plano mais baixo em relação a este. **10. Átrio** É a porta de entrada que separa o exterior do interior da Igreja,

representa Cristo, que é a Porta. Marca a passagem de uma realidade para a outra e, por isso, é importante que se diferencie das demais, sendo maior e com detalhes mais nobre (ARAÚJO, 2006, p. 18).

Cada elemento citado pelo autor possui seu lugar no espaço celebrativo do edifício-igreja, pois cada um aproxima mais o indivíduo com Deus de acordo com seus significados e nos momentos de celebração. Então, segundo o documento do Concílio Vaticano II que guia essa organização de elementos da igreja, que orienta que sejam obedecidas essas particularidades, para que os significados que lhe são atribuídos não se transformem em algo aleatório. Os objetos e rituais que existem neste espaço religioso apresentam sentidos próprios que fazem parte da simbologia cristã católica. Um dos momentos mais relevantes desse ritual é o *Mistério Eucarístico* que o sentido segundo o CDC (2017, p. 235) o Cân. 899- § 1 representa “a celebração eucarística é uma ação do próprio Cristo e da Igreja, na qual Cristo nosso Senhor, substancialmente presente sob as espécies do pão e do vinho, pelo ministério do sacerdote, se oferece a Deus Pai e se dá como alimento espiritual aos fiéis associados na sua oblação”. Esse ritual está ligado ao significado do altar trazido por Araújo (2006, p. 18) em que Lima (2015, p. 6) mostra “a função do altar é, portanto, a de comemorar a Páscoa de Cristo, ou seja, de celebrar a Eucaristia, em consequência não é lugar de onde se proclamam as leituras ou o que quer que seja”. Logo, segundo os autores e o CDC o altar é um dos elementos mais importantes e que requer respeito no espaço celebrativo.

Ainda no presbitério outra simbologia ligada ao altar é a *Proclamação da Palavra*. De acordo com Hugo Joel Pereira Cunha (2021, p. 8) é “a Liturgia da Palavra forma com a Liturgia Eucarística um só ato de culto, o que foi proclamado nas leituras torna-se realidade na presença concreta do sacrifício de Cristo”. O autor traduz o sentido desse momento da liturgia¹⁶, este que permite as pessoas escutarem a leitura da Palavra de Deus e que deve ser proclamada sobre o ambão. Antonio Eduardo Pereira Pontes Oliveira (2023, p. 22), ressalta que “deve haver um único ambão, que corresponda à dignidade da Palavra de Deus. Não é apenas funcional, mas também simbólico: um simbolismo que deve recordar com clareza aos fiéis que na Missa lhes é preparada a dupla mesa: da Palavra de Deus e do Corpo de Cristo”. Assim, a Igreja traz elementos onde cada um tem significado, e cada um está interligado convergindo para o sentido da fé cristã sacramentada na morte e ressurreição de Jesus Cristo, o filho de Deus.

¹⁶ **Cân. 834** — § 1. A Igreja desempenha o múnus de santificar de modo peculiar pela sagrada liturgia, que pode considerar-se como o exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, na qual por meio de sinais sensíveis se significa e, segundo o modo próprio de cada um, se opera a santificação dos homens, e pelo Corpo místico de Jesus Cristo, Cabeça e membros, se exerce o culto público integral de Deus.

No interior do edifício eclesial, outro símbolo de destaque é o sacrário, também conhecido como tabernáculo que segundo o CDC (2017, p. 243) no Cân. 938 — § 2. “O tabernáculo, em que se conserva a santíssima Eucaristia, há de situar-se nalguma parte da igreja ou oratório que seja insigne, visível, decorosamente adornada e apta para a oração”. No CDC (2017, p.243) ainda destaca sobre o sacrário/tabernáculo no Cân. 940: “Diante do tabernáculo em que se conserva a santíssima Eucaristia esteja acesa continuamente uma lâmpada especial, com que se indique e honre a presença de Cristo”. O Sacrário tem seu papel de destaque e relevância no ambiente religioso e sua simbologia traz um significado sagrado para os cristãos católicos.

Do mesmo modo, outro elemento presente no espaço celebrativo é o *Batistério*. Antonio Eduardo Pereira Pontes Oliveira (2023, p. 26) diz que “o batistério, ou lugar onde a fonte batismal jorra água ou está colocado, seja destinado exclusivamente para o rito do batismo, um lugar digno, onde renascem os cristãos pela água e pelo Espírito Santo”. O batistério é esse espaço de profundo significado, pois é onde se dá a iniciação cristã através do sacramento do Batismo. É no batistério que está localizada a pia batismal e Oliveira (2023, p. 26) ainda destaca que “a fonte ou pia batismal pode localizar-se à entrada da igreja (onde pode ser ao mesmo tempo pia de água benta), ou junto à assembleia, ou numa capela à parte, ou ainda relacionada de alguma maneira com o altar. É preferível que a pia ou a fonte não se situe no interior do presbitério, mas de um lado, fora deste”.

Ao refletir sobre a simbologia dos elementos do espaço celebrativo, fica evidente que existe uma relação entre os mesmos e cada um tem uma representatividade na fé cristã católica. Logo, quando partimos para análise do novo desenho da igreja do Senhor do Bonfim, faz-se necessário uma compreensão de aspectos que ora foram empregados neste novo edifício-igreja, então a estética e a disponibilidade de elementos são essenciais para as mudanças que foram realizadas seguissem as instruções oriundas do documento do Concílio Vaticano II.

Ao mencionar a igreja do Senhor do Bonfim, conhecida popularmente por igreja do Cruzeiro, por seu símbolo maior o Cruzeiro que é um dos elementos que se destacam nesse lugar e também por ser um marco de origem do bairro, que as narrativas encontradas sempre remetem a associação da igreja com o Cruzeiro. É um espaço que, se analisarmos, nos oferece uma gama de possibilidades sobre as características ali presentes. Refiro-me à sua praça, à igreja, às pessoas que ali habitam e ao seu entorno. Muitas pessoas desconhecem que a igreja do Cruzeiro é a igreja Senhor do Bonfim. Diversas vezes, sua localização surge de forma equivocada como estando no bairro Jardim Cruzeiro, mas de acordo com a lei complementar de 18 de fevereiro de 2004 que define o perímetro urbano e delimita os bairros da cidade de

Feira de Santana, bem como na representação espacial (mapa do bairro Cruzeiro), é possível identificar a localização desse templo religioso.

É correto precisar que a igreja Senhor do Bonfim está situada na Rua Perolina Angélica, no bairro Cruzeiro, este que faz limite com os bairros Jardim Cruzeiro, Rua Nova, Sobradinho e Centro. Esse templo religioso pode ser considerado um patrimônio do bairro como também para a sociedade feirense, pois ao se falar do Cruzeiro imediatamente se remete ao espaço religioso como referência que pode ser vislumbrado parcialmente de alguns pontos do nosso município. Um lugar com destaque para a fé católica, carregado de histórias e transformações que o acompanham ao longo dos tempos, devido a momentos históricos relevantes, onde a existência deste tornou-se registro de acontecimentos que ficaram marcados na memória de muitas pessoas.

Como fonte documental, serão analisadas fotografias da igreja Senhor do Bonfim, em tempos distintos, no que se refere à contextualização dessa pesquisa, pois foi entre esse recorte temporal que transformações significativas ocorreram tanto na fachada, como no interior desse espaço religioso, e é perceptível como novas camadas vão se formando e ao mesmo tempo sendo apagadas no mesmo espaço e na sua estrutura. As imagens das fotografias 12 e 13 nos exibem a fachada e o interior nos anos de 2012, de onde partiremos na observação de detalhes.

Fotografia 12 - Fachada da igreja, 2012



Fonte: Arquivo pessoal Pe. Pedro Moraes Brito Júnior¹⁷

¹⁷ Atual Pároco da Igreja Senhor do Bonfim.

Fotografia 13 - Presbitério/ Interior da igreja, 2012



Fonte: Arquivo pessoal do fotógrafo Pedro Paulo Maia¹⁸. (2012)

Ao chegarmos no ano de 2015, as fotografias 14 e 15 são utilizadas para retratar o novo templo.

Fotografia 14 - Fachada da igreja, 2018



Fonte: PASCOM (2023)

¹⁸ Fotógrafo atuante na igreja.

Fotografia 15 – Interior da igreja, 2015



Fonte: Arquivo pessoal de Francismar Correia¹⁹.

Posteriormente em 2022, as fotografias 16 e 17 exibem a igreja em conclusão.

Fotografia 16 - Fachada da igreja, 2022



Fonte: Arquivo pessoal Pe. Pedro Moraes Brito Júnior.

¹⁹ Integrante da Liturgia da igreja Senhor do Bonfim.

Fotografia 17 - Interior da igreja, 2022



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

As fotografias mostram que esse edifício eclesial, no recorte de tempo proposto neste trabalho, teve sua forma modificada e a partir de novos traços outra forma surge oferecendo uma outra paisagem a aquele contexto. É possível precisar que parte dessa nova forma foi substituída, novos elementos inseridos e alguns preservados como parte das paredes e a torre. Com essas mudanças, foi pertinente a realização da análise dos desenhos dessa igreja em sua nova forma.

2.3 Revisitando a igreja Senhor do Bonfim no ano 2012

No que se refere a parte externa do templo, ainda carrega traços de décadas anteriores, apenas trazendo uma nova cor e sua fachada com uma nova forma, pois foi ampliada para direita e realizaram a abertura de mais uma porta. Sua estrutura traz apenas uma torre, quatro portas, sendo a maior a principal, ladeada por mais três portas secundárias, e na parte superior das portas pequenas janelas. Quando voltamos para o interior da igreja, no altar-mor, encontramos a imagem do padroeiro o Senhor do Bonfim, a mesa do altar em mármore com detalhes em granito preto. Na lateral esquerda, localiza-se o altar do Santíssimo Sacramento, com o tabernáculo embutido na parede, ladeado por arcanjos feitos em gesso sobre uma mesa de mármore, como pode ser visto na fotografia 18. Estão presentes as imagens de São Cristóvão e Nossa Senhora da Paz, que se faz presente desde o início da construção da igreja.

Fotografia 18 – Sacrário (2012)



Fonte: PASCOM (2023)

A leitura que pode ser feita na fotografia 19 sobre o Batistério, mostra que o mesmo se encontra na lateral esquerda, sendo um dos elementos mais significativos neste ambiente, por sua simbologia.

Fotografia 19 – Batistério, 2012



Pia Batismal

Fonte: PASCOM (2023)

As fotografias 20 e 21 permitem evidenciar seu espaço interior, de forma simples, mostrando o forro que fora colocado em PVC, empregando um novo aspecto ao espaço de oração. São imagens que nos revela o ambiente por completo, tanto o presbitério, como a

entrada da igreja, a nave central, onde bancos de madeira são disponibilizados para acomodação dos fiéis e piso em mármore.

Fotografia 20– Interior da igreja, ângulo da entrada para o Presbitério (2012)



Fonte: PASCOM (2023)

Fotografia 21 – Interior da igreja, ângulo do Presbitério para a entrada (2012)



Fonte: PASCOM (2023)

As imagens mostram a parte interna da igreja, revelando a presença de pessoas que lotam esse espaço e aí memórias são construídas, pois são essas pessoas que são a igreja, que lhe empregam significados particulares e que constroem uma história, pessoas simples de comunidades consideradas pobres que revelam naquela época a simplicidade da igreja.

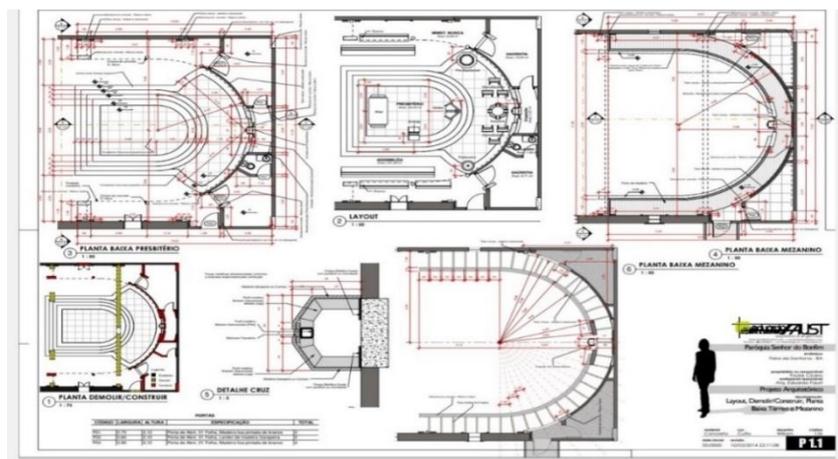
Mostram também a estrutura anterior à reforma, sob ângulos distintos que permitem uma identificação de detalhes, como o forro em PVC, as janelas com vitrais, piso em mármore e quatro portas ao fundo, o que faz com que a porta principal fique descentralizada. A ampliação que trouxe mais uma porta na entrada e isso fez que fosse perdida o eixo central da nave da igreja, ou seja, seu eixo de simetria.

2.4 A transformação da igreja Senhor do Bonfim no ano de 2015

Após análise das fotografias do templo no ano de 2012, nas quais foi possível inferir sobre elementos que antes existiam e que faziam parte da composição desse espaço celebrativo, que passaremos a ver a nova configuração pós-mudanças. Foi na gestão do Padre Antônio Cícero que foi pensada a reforma da igreja. Em conversas informais com membros da igreja, foi relatado que houve reuniões para tratar do assunto e a proposta foi bem acolhida. Só depois que o projeto foi apresentado pelo Arquiteto Eduardo Faustini que questionamentos foram feitos por membros da própria igreja, porque, ao entendê-lo, foi possível constatar que seria uma reforma de grande magnitude e impacto, pois deixaria de existir o desenho da referida igreja até então.

Num primeiro momento, é interessante a apresentação da planta baixa do projeto arquitetônico, elaborado pelo arquiteto Eduardo Faustini, na figura 12, já seja possível constatar o desenho que fora pensado. O referido arquiteto foi indicado por ser especialista em Arquitetura Sacra e possibilitar nesse novo contorno de mudanças e o mesmo buscou atender as orientações preconizadas pela Santa Sé. Aqui também se muda a intenção da nova reforma da igreja não mais na obtenção de mais espaço, passando a dar enfoque na estética.

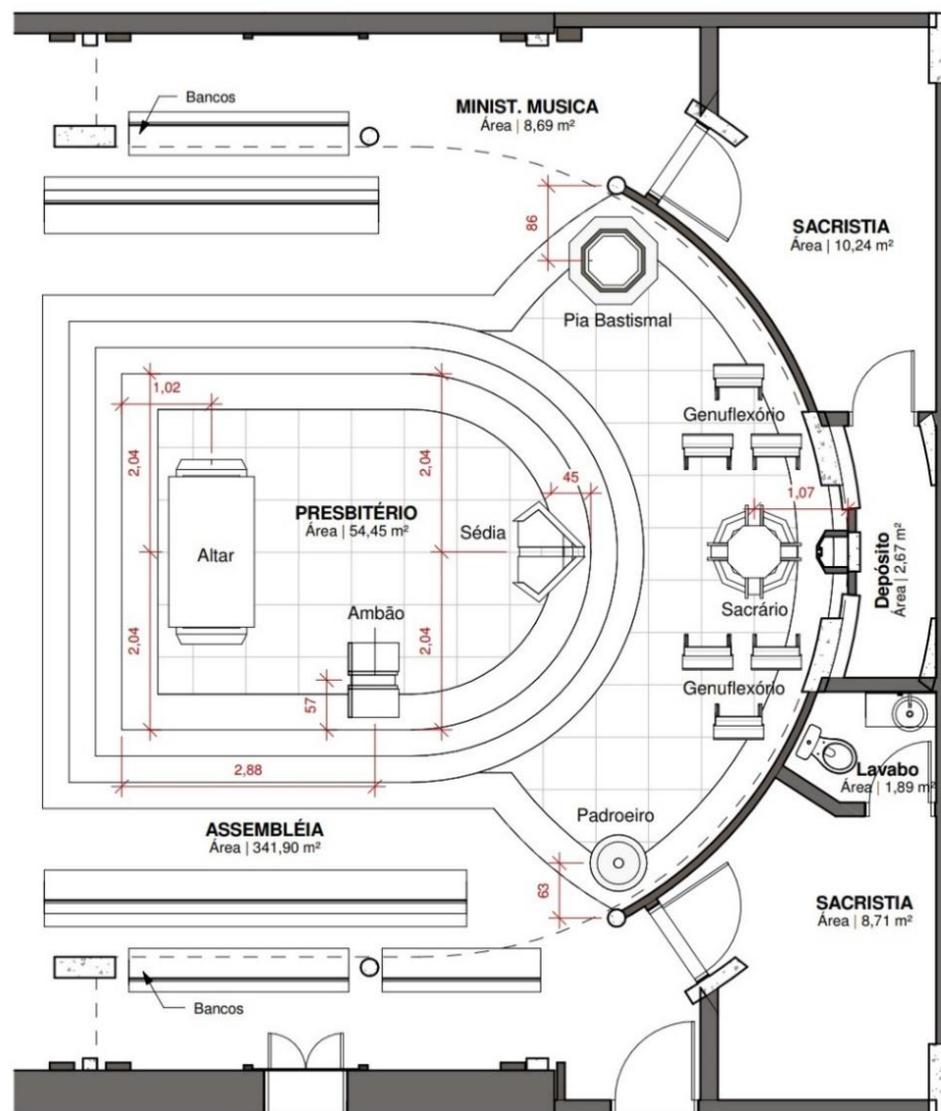
Figura 12 – Planta baixa de Reforma da igreja Senhor do Bonfim (Presbitério e Mezanino)



Fonte: PASCOM (2023)

O desenho que aparece no projeto abriga informações de como deveria ficar o presbitério, informando os materiais que foram utilizados, as estruturas em concreto que foram utilizadas, detalhe do revestimento de tijolos, reboco rústico, granito verde Ubatuba nos degraus, detalhes de piso em porcelanato cinza, tinta branca fosca, alvenaria com revestimento de pedra quartzo. No recorte da planta baixa na figura 13, é possível identificar os elementos do espaço litúrgico que são essenciais no mistério eucarístico e na proclamação da Palavra.

Figura 13 – Elementos do Espaço celebrativo da igreja Senhor do Bonfim



2 LAYOUT
1 : 50

Fonte: PASCOM (2023)

O Guia do espaço celebrativo salienta que o altar deve estar em destaque e numa parte mais elevada para que toda assembleia possa visualizá-lo. A figura 13 também exibe a composição do presbitério, que é formado pelo altar, o ambão e a sédia. De acordo com o Guia de orientações para projetos, execuções e conservação de Igrejas (2016), o lugar de celebração deve ser entendido como

um espaço mistagógico, onde aprendemos continuamente a ser cristãos. É o lugar para a celebração litúrgica dominical - a Santa Missa (o Mistério Pascal) - e os demais sacramentos dela decorrentes, como o batismo, o matrimônio, a reconciliação e a ordenação. O ambiente deve favorecer e convidar todos à participação do mistério de Deus, de Jesus Cristo, do Espírito Santo, da igreja-comunidade, da liturgia, de nossa vida, da sociedade, do mundo, do cosmos (GUIA DE ORIENTAÇÕES PARA PROJETOS, EXECUÇÕES E CONSERVAÇÃO DE IGREJAS, 2016, p. 17).

Este guia, pautado no *Sacrosanctum Concilium*, corrobora o pensamento do sentido do espaço da celebração, pois entende-se que é ali que é concretizado o momento de fé cristã, em que é rememorada a Páscoa do Senhor por todos que participam dos momentos da celebração. Assim, pode-se compreender o processo que permeia as construções sacras, as normas existentes, pois os elementos do espaço celebrativo não são desprovidos de sentidos, mas carregados de significações.

Assim, após algumas ponderações que abarcam a estrutura física interna da igreja, podemos analisar o modelo eletrônico do projeto de reforma elaborado para o edifício-igreja do Senhor do Bonfim, com a visão do presbitério, mostrado na figura 14, em 3D (três dimensões), como também após a sua materialização na fotografia 22. Os desenhos que surgem agora chamam à atenção para a (des)construção que ali ocorreu, possibilitando inúmeras leituras e releituras, como entender esse processo de mudanças que resultou em um novo templo, com uma nova estrutura, atraindo pessoas de outros lugares, novos olhares, um templo em evidência na cidade. O antigo templo apresenta apenas partes da sua estrutura anterior, com memórias ficando em um passado de uma igreja, que passa a atender uma nova realidade de um novo tempo. A análise do novo desenho possibilita uma reflexão sobre as camadas que ali estiveram, num determinado contexto da história e na nova camada desse espaço religioso, que abre caminhos que evidenciam suas memórias, como também na construção de novas.

Figura 14 – Perspectiva do Presbitério da igreja Senhor do Bonfim



Fonte: PASCOM (2023)

Na fotografia 22, é possível visualizar o novo Presbitério da igreja após todo o processo de reformulação, com apresentação de todos os elementos sugeridos, bem como a nova arquitetura deste edifício-igreja, que, no ano de 2021, já pode ser considerado um desenho completamente distinto do anterior. Pode-se dizer que houve uma quase total alteração de um espaço religioso por outro, em um novo momento da história, que atende a novas demandas e pessoas em detrimento do antigo na sua simplicidade para um ambiente mais suntuoso.

Fotografia 22 – Presbitério da igreja Senhor do Bonfim (2021)



Fonte: PASCOM (2023)

O novo desenho da igreja do Senhor do Bonfim já chama à atenção pela beleza, simplicidade e composição existente. Passemos, então, a analisar a disposição de alguns elementos, que já ganha visibilidade nesse novo ambiente. A pia batismal que se encontra à esquerda da imagem, como propõe a reforma, segundo o Concílio Vaticano II, encontra-se na lateral esquerda do presbitério e a credência. O ambão surge com um novo formato, seguindo o padrão de desenho do altar, como mostra as fotografias 23 e 24.

Fotografia 23 – Ambão (Novo Templo 2015)



Fonte: Acervo particular da autora, 2023.

Fotografia 24 – Altar (Novo Templo 2015)



Fonte: Acervo particular da autora, 2023.

A sédia permanece a anterior em madeira, o Santíssimo Sacramento encontra-se aos pés da Cruz, a imagem do padroeiro ganha destaque por estar afixada em uma cruz com um *design* diferente do anterior, mas o resplendor em material metálico foi preservado, como revela a fotografia 25.

Fotografia 25 – Cruz / Imagem do Padroeiro/ Sacrário/ Sédia (Novo Templo 2015)



Fonte: PASCUM (2023)

Ladeando o Presbitério surge a imagem de nossa Senhora da Paz e São José. O espaço que antes era localizado o sacrário, passou a ser uma área de circulação que liga a lateral esquerda do Presbitério ao mezanino, como aparece na fotografia 26.

Fotografia 26 – Lateral esquerda do Presbitério



Fonte: Acervo particular da autora, 2023.

Ao observarmos a nova configuração da nave da igreja, podemos identificar um espaço mais amplo separado por três degraus do Presbitério ocupado por bancos em madeira e piso em granito. As fotografias 27 e 28 mostram o interior da igreja, abrangendo a nave por dois ângulos, o altar-mor e a entrada do templo.

Fotografia 27 – Presbitério/ Nave (2015)



Fonte: PASCOM (2023)

Fotografia 28 – Nave, ângulo do Presbitério para entrada (2015)

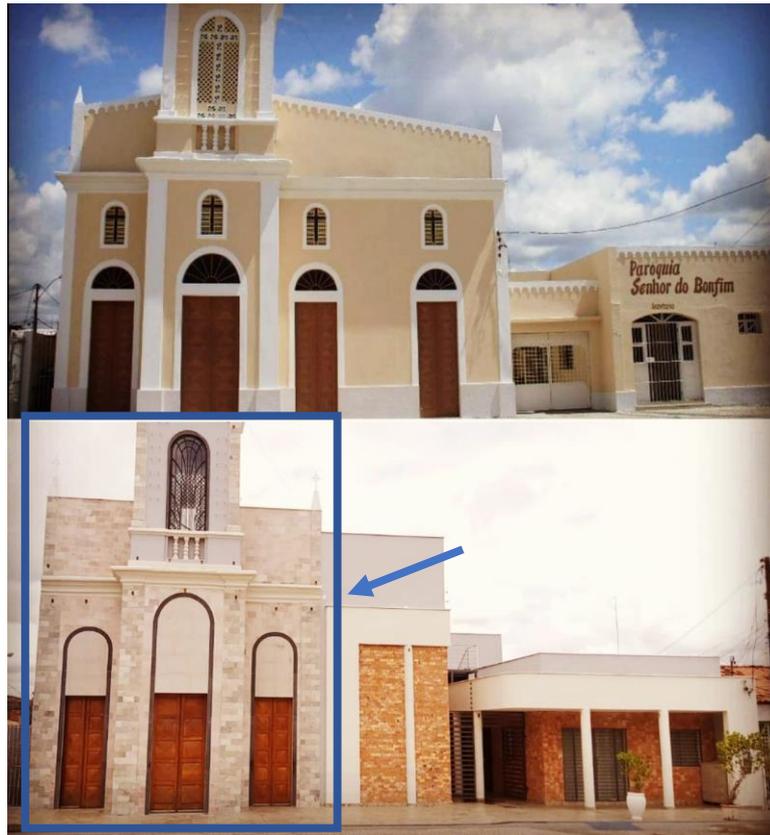


Fonte: PASCUM (2023)

Ao longo da nave, pode-se perceber as janelas que foram pensadas para ventilação do templo e próximo à porta (ao lado esquerdo na foto), uma escada que dá acesso à parte superior, que foi pensada como espaço para o grupo de Canto.

Ao observar a parte externa, na fotografia 29, nos deparamos com a mesma fachada, em 2018, pois já é possível ver uma nova configuração do edifício-igreja, com novos detalhes revelando seu novo desenho.

Fotografia 29 – Fachada (imagem superior 2015/imagem inferior 2018)



Fonte: PASCOM (2023)

A nova fachada projetada pelo arquiteto revela, segundo o pároco, parte de um pensamento de que a parte da fachada em destaque na fotografia 28, lembre os contornos da sua forma original, quando ainda era capela, no sentido de preservar as memórias ali existentes, como também, para que as pessoas possam ter uma ideia de como era essa estrutura externa. É possível também ver na imagem o retorno de três portas, a igreja passa então a ter uma configuração semelhante a inicial, com uma ampliação para o lado direito.

2.5 O novo desenho da igreja Senhor do Bonfim no ano de 2023

Este estudo buscou analisar as mudanças que ocorreram na igreja Senhor do Bonfim (Alto do Cruzeiro) entre os anos de 2012 até o ano de 2023. Esse recorte temporal permitiu uma análise das transformações pelas quais este templo religioso passou. Foi realizado um apanhado histórico desde o início da sua construção em 1905, enquanto ainda tinha uma dimensão que a configurava como uma capela, posteriormente por mudanças no espaço na qual ela encontra-se localizada devido a dinâmica sócio espacial e fatores como crescimento urbano e aumento

populacional propiciaram o início de reformas no que se refere à ampliação, que passa então a ter uma dimensão que a caracteriza como uma igreja e pela sua relevância dentro da comunidade eclesial feirense é elevada à paróquia no ano de 1964.

As mudanças que ocorreram neste edifício eclesial, trazem como resultado um novo templo tanto na sua estrutura interna como externa, desconfigurando quase completamente a igreja Senhor do Bonfim (Alto do Cruzeiro), das décadas anteriores da forma que se vê nos dias atuais. Ainda que uma ampla reforma tenha sido realizada no ano de 2015, inúmeras reformas permaneceram acontecendo, muitas com o objetivo de concluir o que preconizava o projeto arquitetônico, como também em formas de pensar a utilização dos espaços idealizadas pelo atual pároco. Nesse ambiente de transformações que foram criados outros espaços de orações, como o de Santa Dulce dos Pobres na lateral direita da igreja e na parte superior localizada acima da Secretaria Paroquial, um espaço dedicado ao Santo Francisco de Assis.

Então, ao chegar a esse edifício eclesial, nos deparamos com uma fachada que passou por mudanças desde a reforma, com o fechamento de uma porta, passando a ter três portas. Apresenta traços arquitetônicos em linha reta, elementos da sua estrutura inicial foram retirados, como os arcos, vitrais e rosáceas, sendo substituídos por outros matérias e traços mais retilíneos imprimindo um formato que difere da fachada anterior à reforma. A inserção da estrutura de um arco na entrada com a intenção de seguir o modelo do presbitério como é trazido no projeto e com uma conotação de acolhimento das pessoas que chegam ao templo. Esses elementos são vistos na fotografia 30.

Fotografia 30 - Fachada atual da igreja Senhor do Bonfim (Alto do Cruzeiro) – 2023



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

A fotografia do templo no ano de 2023 mostra uma fachada oriunda de um projeto arquitetônico que tenta lembrar o desenho da estrutura da igreja desde à sua origem (a Capela) em substituição a fachada do ano de 2012 e pós-reforma separa a forma da capela do espaço de ampliação para a direita com uma parte da igreja e a outra a Secretaria Paroquial e a parte superior, reunindo elementos e materiais distintos em cor e texturas.

Ainda na parte externa da igreja, a parte lateral, que até meados de 2022 era ladeada por um muro, como mostra a fotografia 31, não era possível ver seu interior e o muro acompanhava características da sua antiga fachada. Em conversas informais com o atual pároco, o mesmo relatou sobre a importância de conclusão do projeto de reforma arquitetônico, pois o mesmo iria permitir uma melhor ventilação do templo pós-reforma, e o projeto também acompanharia as novas formas empregadas na estrutura da igreja. É notório também, que após a abertura do muro, o despertar da curiosidade dos transeuntes, pois essa abertura possibilitou a visualização do interior da igreja quando as portas estão abertas. A seguir, é possível ver nas fotografias 32 e 33, a parte lateral antes da reforma e após reforma e a imagem mostrada na figura 15 que visou o projeto.

Fotografia 31 – igreja Senhor do Bonfim, rua Pontal, 2021



Fonte: PASCUM (2022)

Fotografia 33 – Lateral da igreja Senhor do Bonfim, parte interna 2023



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Em direção ao interior da igreja, as mudanças são justificadas pela necessidade de se ter um espaço celebrativo que atenda o que sugere o Concílio Vaticano II no que diz à disposição dos elementos que o compõe, por cada um ter um sentido e este edifício eclesial antes da reforma não contemplava esta distribuição. Ao observar o presbitério antes da reforma (ver fotografia 19) a pia batismal encontrava-se ao lado esquerdo do presbitério junto com o espaço da assembleia, pós reforma (ver fotografia 22), a pia batismal foi colocada como parte integrante do presbitério, posteriormente foi retirada do presbitério e o colocada do lado direito da porta²⁰ de entrada do templo. Essa mudança tem seu significado porque esse símbolo é um dos mais relevantes no contexto da pregação cristã, pois em uma alusão à porta de entrada significa que o batismo também é a entrada para a vida cristã, eis o motivo da sua localização no espaço celebrativo ser no átrio²¹. É possível ver nas fotografias 34 e 35, *o Batistério*, e a pia batismal bem como elementos como a imagem do Espírito Santo que compõe esse ambiente.

²⁰ A abertura da porta principal da igreja, com suas folhas abrindo-se para o interior, manifesta o convite feito a comunidade. Entrai pelas portas do Senhor dando glórias e nos seus átrios com hinos de louvor. (Oliveira, 2023 p.29)

²¹ A entrada ou átrio tem a função de acolher, recepcionar, preparar, predispor, informar, fazer a transição. (Oliveira, 2023 p.29)

Fotografias 34 e 35 – Imagens do Batistério/Pia batismal da igreja Senhor do Bonfim



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Com a retirada da pia batismal, o presbitério apresenta uma nova configuração, a sédia que existia pós-reforma (ver fotografia 25), agora é substituída por outra com material, mármore semelhante aos do ambão e do altar como pode ser observado na fotografia 36 e na fotografia 23, do lado direito do presbitério.

Fotografia 36 - Sédia



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Ao longo dos anos de 2019 até 2020 mudanças no interior da igreja, continuaram ocorrendo como abertura de portas, para uma melhor ventilação, pois primeiro foi pensado janelas (ver fotografia 15), mas hoje mesclam-se janelas e portas ao longo de ambos os lados da igreja, bem como detalhes na sua pintura interna como é mostrado na fotografia 37. O novo desenho desse edifício eclesial com seu novos materiais, sua nova estrutura, permite dizer que o antigo sucumbiu, que há uma “nova” igreja, ainda que existam elementos como a imagem do padroeiro, o sacrário, a imagem de Nossa Senhora da Paz e São José, que são objetos que fazi am parte desse espaço desde o momento em que ainda era uma capela, acabam presentes com novos objetos nesse espaço.

Fotografia 37 – Interior da igreja Senhor do Bonfim, 2023



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Ainda com o sentido de transformar esse templo em um Santuário, outros espaços foram criados no ano de 2021, um espaço na lateral direita do presbitério, chamado espaço de Santa Dulce dos Pobres como representado na fotografia 38, que foi um espaço criado para homenagear a Santa por ter sido a primeira Santa brasileira e baiana a ser canonizada. Em conversa informal com o pároco, o mesmo ressalta que a criação desse espaço partiu de uma devoção de ordem pessoal, por ele ter tido a honra de tê-la conhecido pessoalmente, pela importância de se ter uma Santa do berço baiano, por todos os seus feitos. O pároco salienta a importância da divulgação da devoção da Santa por ser da nossa terra, nossa gente e dos exemplos deixados. É importante também evidenciar que antes mesmo da canonização e depois

o fato de existirem fieis na igreja que são ou passaram a ser devotos da Santa originaram a criação desse espaço, por isso que foi considerado importante ter esse ambiente dedicado a mesma.

Fotografia 38 – Espaço Santa Dulce dos Pobres



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Outro ambiente de oração criado no ano de 2023, na parte superior, na área à direita ampliada foi o espaço dedicado a São Francisco de Assis como mostram as fotografias 39 e 40, o pároco revela que a ideia partiu do princípio de “despertar” nas pessoas uma responsabilidade ecológica, pois era um dos fundamentos que o Santo pregava. São Francisco de Assis ficou conhecido como patrono do meio ambiente, ao nos reportar para sua história, Le Goff (2011, p. 9) em sua obra “*São Francisco de Assis*”, que fala sobre sua história, nos diz

Francisco desempenhou um papel decisivo no impulso das novas ordens mendicantes difundindo um apostolado voltado para nova sociedade cristã, e enriqueceu a espiritualidade com uma dimensão ecológica que fez dele o criador de um sentimento medieval da natureza expresso na religião, na literatura e na arte (LE GOFF, 2011, p. 9).

Le Goff (2011) relata sobre a história desse Santo e o que defendia nas pregações, em particular sobre o uso da natureza e a forma correta de seu uso. O pároco relata que a intenção é despertar nos indivíduos essa percepção, principalmente diante do quadro atual em que

estamos vivendo, a necessidade da conscientização de preservar o meio ambiente. É possível perceber este espaço ornamentado com imagens do Santo e de elementos da natureza como pássaros. Está em processo de conclusão e, provavelmente até o final do ano de 2024 estará concluído para os devotos do Santo, como também para aqueles desejosos de reclusão para orar.

Fotografia 39 - Espaço São Francisco de Assis



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

Fotografia 40 – Imagem de São Francisco de Assis



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2024.

Outro ambiente criado na reforma da igreja para o aproveitamento de espaço foi uma galeria para abrigar os integrantes da liturgia (cantores e instrumentistas) como mostra a fotografia 41, pois antes da reforma eles ficavam do lado direito presbitério. O acesso à galeria

fica na lateral da igreja, próximo à sacristia. Na galeria fica a mesa de som e demais instrumentos usados para animar a missa e é por esse local que se pode ter acesso à torre da igreja.

Fotografia 41 – Galeria da igreja Senhor do Bonfim – 2023



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Pode-se dizer que muitas mudanças ocorreram na igreja sob o comando do Padre Cícero e resultou em um quase completo aniquilamento do templo existente, transformações foram feitas como adequações preconizadas pelo Vaticano II. e acabou por resultar numa nova configuração desse espaço religioso, que tinha características próprias, as quais foram substituídas, ou seja, novos elementos passaram a fazer parte do conjunto arquitetônico da igreja.

É uma estrutura que deu a sensação de amplitude ao espaço, o emprego de novos materiais, tanto no presbitério como no piso. Após as reformas ocorridas na igreja, se observa um novo ambiente que destoa completamente do anterior, ainda que memórias tenham sido apagadas, esse monumento pode constituir-se como um espaço de memórias, ela está sempre em processo de (re)construção pelos agentes sociais principalmente ao que se refere às memórias coletivas. Nesse sentido, Neves (2000, p. 112) explica que “a memória contém inúmeras potencialidades, que podem, em muito, enriquecer o processo de reconstrução e análise das inúmeras variáveis constitutivas da dinâmica da História”. Em conformidade com o que diz a autora entende-se que a memória pela sua força não se encerra, ela será reescrita, porém mantendo sentido.

Mesmo que mudanças radicais tenham sido feitas é possível ver resquícios da capela, depois da igreja, através das placas que se encontram afixadas já na entrada da igreja para que as pessoas possam vislumbrem as pessoas que são responsáveis pelas mudanças ocorridas nesse edifício. Nessa perspectiva a memória vai estar ali presente ainda que seja através de um instrumento que acaba se tornando um alicerce para que esta memória seja mantida.

Ao adentrar a igreja no lado direito, é possível ver uma placa como expõe a fotografia 42, com menção de agradecimento pelas doações em favor da reforma e ampliação da igreja Senhor do Bonfim, com o nome daqueles que estavam à frente dos trabalhos. A placa chama à atenção para as palavras “reforma” e ampliação”, houve a ampliação do templo e com a reforma houve uma desfiguração do antigo templo, dando lugar a uma nova estrutura para esse edifício eclesial.

Fotografia 42 – Placa em homenagem aos responsáveis pela reforma da igreja, 2016



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

No processo de análise dessa nova estrutura trazida por esse novo templo que é possível consideramos uma reflexão sobre a motivação ou o sentido que alavancou tantas transformações. Existem alegações para a necessidade da ampliação da igreja, que também é mencionada na placa acima, pelo aumento do número de fiéis que a frequentam, estes que fazem parte das comunidades que formam a paróquia. Outra inscrição que chama à atenção é “Reforma e Ampliação da Igreja da Colina Sagrada”. O termo “Colina Sagrada, já é bastante utilizado pelos próprios padres, paroquianos e nos meios de comunicação da igreja.

No mesmo sentido, também existe uma intenção de transformar o que antes era uma capela em um santuário. Segundo Luís Jorge Gonçalves (2014, p. 1) “Santuário, na língua

portuguesa do latim *sanctuarium*, de *sanctus*, nas línguas latinas e no inglês (*Santuario* em italiano e castelhano, *Santuari* em catalão, *Santuaire* em francês e *Sanctuary* em inglês) incorpora a mesma origem e significado: lugar sagrado”. Dentre os significados presentes nas várias culturas, o santuário é um lugar sagrado.

Gonçalves (2014) ainda coloca que “Os Santuários são objetivos a alcançar, vencendo limites geográficos físicos e psicológicos. São desafios, mas também simbolizam o encontro com o que se considera sagrado, único”. O autor explica que o ser humano independente da cultura vive essa busca pelo sagrado e supera limites para ir a esse encontro. Para corroborar o pensamento do autor (Oliveira 2012, p. 173, apud Oliveira 2018) Os denominados santuários – originários do campo religioso – são, de fato, lugares simbólicos representativos dos espaços vividos e das vivências em sua temporalidade cênica”. Os autores refletem sobre o significado de santuários e a presença deles na sociedade. O Cruzeiro, posteriormente a capela tiveram essa denotação de lugar sagrado, num contexto histórico do surgimento de cada um. O Cruzeiro para tornar o lugar protegido por ser considerado de mau agouro e a igreja para ser de fato um espaço de oração.

O simbolismo existente neste lugar pode ter sido a motivação para essa intenção de transformar esse edifício eclesial em santuário, em contrapartida existe a necessidade de se apagar a memória dessa capela enquanto elemento de uma comunidade carente, uma vez que é um novo público que ao longo dos anos veio surgindo e essas metamorfoses refletem essa dinâmica. É importante ressaltar que é uma ideia que já ganha forma, pois a duas paróquias que foram criadas no mesmo ano (1964) que a do Senhor do Bonfim (Senhor dos Passos e Santo Antônio (Capuchinhos), em comemoração aos 60 anos de elevação à Paróquia, foram elevadas à Santuários Urbanos. É possível que a igreja do Cruzeiro também esteja nesse processo em ser transformada em Santuário, por sua relevância religiosa na cidade, por eventos de grande porte como a Caminhada do Perdão que mobiliza um grande número de pessoas de Feira e região rumo à Colina Sagrada, bem como sua visibilidade que lhe permite alcançar um grande público e os espaços de orações que passaram a compor este edifício eclesial. São aspectos que vem atraindo muitos indivíduos em um peregrinar constante em busca do sagrado, pode-se dizer que a igreja Senhor do Bonfim por sua história, memórias caminha para ser mais um Santuário urbano.

A igreja Senhor do Bonfim ou do Cruzeiro, segue rumo à sua transformação em um santuário, por sua nova estrutura o que vem consequentemente atraindo olhares de outras pessoas e de diversos lugares. Mas implicações são sentidas e refletidas por conta dessa nova estrutura física, em detrimento da sua antiga forma.

Como resultado memórias foram extintas neste e deste espaço, onde não é mais possível ver a igreja como ela foi moldada, com seus detalhes obedecendo a sua época vivida, de acordo com o que se podia se fazer para a manutenção desse espaço religioso, que tinha as mãos de uma comunidade carente que permitiu que esse templo fosse construído, modificado e chegado a sua forma de igreja matriz. Esse processo de construção traz uma formação de identidade cristã católica, que por muito vem a dedicar-se a permanência da existência desse templo, que faz parte de suas vidas. Esse templo pode ser considerado um bem para essas comunidades por sua valoração e sentimentos contidos, por isso que essa igreja pode ser entendida como um patrimônio.

*Igreja Senhor do Bonfim,
(Alto do Cruzeiro) como Patrimônio*



3 A IGREJA SENHOR DO BONFIM (ALTO DO CRUZEIRO), COMO PATRIMÔNIO

A igreja do Cruzeiro pode ser considerada um dos símbolos do município de Feira de Santana, por fazer parte da sua história, por sua presença na sociedade cristã católica, pela influência na construção da identidade de um bairro que leva o seu mesmo nome e por ser um elemento que está dentro de um espaço de suma importância na área urbana. Mediante aspectos expressivos como importância histórico-cultural, que fazem desse espaço religioso, objeto de construção social que contribuiu para que memórias fossem construídas, ideologias cristãs fossem consolidadas na formação de identidades que se reconhecem nas feições da religiosidade, que se pode compreendê-la como um patrimônio do bairro Cruzeiro e dessa cidade.

Ser concebida como patrimônio, denota compreender que esse templo religioso é um bem para a sua comunidade, como também para esta cidade, por possuir um valor sentimental impregnado de sentidos, emoções e significados. Refletindo sobre a compreensão do que seja patrimônio Lopis (2017) afirma que

O patrimônio é o símbolo de uma vivência que é temporária, mas que se torna eterna através de seus bens/monumentos, traz em si um elemento identitário muito forte, construindo um conjunto de imaginários que nos diz quem somos, de onde viemos e para onde queremos ir. Faz-se necessário perceber que o patrimônio não é só um bem em si, mas também o uso que aquele bem tem para a perpetuação da memória de uma coletividade, pois o patrimônio histórico não é algo concreto somente, é algo também subjetivo, cheio de significado (LOPIS, 2017, p. 12).

No discurso da autora, pode-se entender que o patrimônio não se configura como algo apenas concreto, mas parte de uma dimensão identitária, possuidora de uma memória construída e que se constitui em um bem para os indivíduos que são partícipes dessa construção.

É nessa perspectiva, que esse templo de oração pode ser entendido como patrimônio, pois parte de um processo de construção social, por permitir que heranças sejam deixadas, ainda que sejam por meio de memórias individuais e coletivas, como também através de um documento/ monumento, como sendo um registro de que ali existiu e existe uma construção que faz parte da história de um bairro, de uma comunidade, que se encontra inserido em um tempo e espaço, onde foi possível construir uma identidade que faz com que indivíduos se sintam parte integrante desse lugar, que em um dado momento e tempo foi significativo para sua vida e suas crenças. Como parte dessas vivências, eventos de grande relevância para a comunidade católica e para os fiéis da igreja acontecem durante o ano, o que marca a história

desse edifício eclesial como um patrimônio. Isso é evidenciado pela participação das comunidades que fazem parte da paróquia nos eventos do calendário cristão católico que se apresentam como momentos de renovação de fé.

De acordo com esse calendário de eventos da igreja pela ordem que se segue, tem-se a Caminhada do Perdão que ocorre logo no início da Quaresma, que segue com a procissão do Domingo de Ramos, com os paroquianos vindos em procissão da Comunidade de Santa Rita de Cássia, no bairro Baraúnas, passando pelo Estádio Alberto Oliveira (Jóia da Princesa), seguindo para a igreja Senhor do Bonfim como mostra a fotografia 43, 44 e 45 para a Celebração de Ramos. É possível constatar também, como é evidenciado nas fotografias 46 e 47, que existe uma considerável participação dos fiéis neste evento que o templo fica lotado e existe a necessidade do público se acomodar na parte lateral externa da igreja.

Fotografia 43 - Procissão de Ramos, 2024



Fonte: Arquivo particular da Autora, 2024.

Fotografia 44 - Procissão de Ramos, 2024



Fonte: Arquivo particular da Autora, 2024.

Fotografia 45 - igreja Senhor do Bonfim, Celebração de Ramos 2024



Fonte: Arquivo particular da Autora, 2024.

Fotografia 46 - igreja Senhor do Bonfim, Celebração de Ramos 2024



Fonte: Arquivo particular da Autora, 2024.

Fotografia 47 - igreja Senhor do Bonfim, parte externa Celebração de Ramos 2024



Fonte: Arquivo particular da Autora, 2024.

Ainda no tempo da Quaresma, é feita a celebração do Senhor Morto, como mostra a fotografia 48, na qual os fiéis saem da igreja em procissão para a Comunidade São Paulo Apóstolo, localizada no bairro Sobradinho, onde a imagem do Cristo Morto é levada pelos fiéis ao som do Canto de Verônica²².

Fotografia 48 - Procissão do Senhor Morto, 2023



Fonte: Arquivo PASCOM

²² Dentro do ritual da Procissão do Enterro, o Canto de Verônica é feito por uma mulher enquanto desenrola um tecido no qual está estampado o rosto de Jesus. Esta mulher representaria uma jovem que, durante a Via Sacra, compadecida pelo sofrimento de Jesus, teria enxugado Seu rosto sujo de sangue e suor em um lenço. Simbolicamente, o canto em tom de lamentação tem o intuito de anunciar que o homem prestes a ser sacrificado seria o verdadeiro Cristo. Quando realizado após a crucificação, é uma forma também de anunciar ao público a morte do Cristo e expor a sua dor. Sonoramente, durante a procissão, o canto em si é normalmente entremeadado por toques de matracas e sucedido por um moteto coral. (TAFARELLO, 2016, p. 02)

Outro evento de destaque dentro do ano litúrgico católico é a festa do seu Santo Padroeiro. Aqui em particular o Senhor do Bonfim que é no mês de setembro, mês também que se celebra a exaltação da Santa Cruz, é quando em um período de nove dias se celebra o novenário, que é um tempo de festa, louvor e adoração, com participação intensa das comunidades e em cada noite uma delas é homenageada. Durante esses festejos acontecem a quermesse, com barracas colocadas pela equipe de Comissão da Festa do ano, para ajudar no custeio do evento. A fotografia 49 mostra o momento da festa em uma das noites do novenário, com o dia da exaltação à Santa Cruz.

Fotografia 49 - Noite do novenário da igreja (Paróquia Senhor do Bonfim), 2023



Fonte: PASCUM (2023)

As fotografias 50, 51 e 52 evidenciam o último dia da festa com destaque para o andor que leva a imagem do Senhor do Bonfim, bem como os andores das comunidades e o momento de início da procissão que segue pelos bairros Cruzeiro e Jardim Cruzeiro. A festa do padroeiro é bastante esperada pelos paroquianos, pois é um momento de oração e fé que mobiliza todas as comunidades que fazem parte dessa paróquia, como também de outras paróquias, quando tem o seu pároco como convidado para celebrar durante alguma noite da festa.

Fotografia 50 – Andor (Senhor do Bonfim), festa 2023



Fonte: PASCOM (2023)

Fotografia 51 - Andores (Comunidades), festa 2023



Fonte: PASCOM (2023)

Fotografia 52 - Procissão Senhor do Bonfim, 2023



Fonte: PASCOM (2023)

As imagens também evidenciam os adornos dos andores com flores naturais e que tem um custo elevado, distintamente das festas quando ainda era capela que eram de flores de papel, porque naquela época as pessoas que frequentavam aquela igreja tinham, em sua maioria, baixo poder aquisitivo, o que comprova que esse templo religioso é formado por um novo público que dá esse novo desenho aos festejos do padroeiro desse edifício eclesial. As imagens mostram como esses eventos têm significado para essa igreja, que é um momento de fé de muitos indivíduos. A igreja aparece como elemento central desse contexto religioso de celebrações, já que são eventos oriundos da própria igreja e isso faz que cada vez mais as pessoas se aproximem e vivam festas e celebrações, sentindo-se pertencente desse patrimônio.

3.1 A igreja Senhor do Bonfim como um patrimônio na história do bairro Cruzeiro

Nas discussões aqui estabelecidas, ao eleger a igreja Senhor do Bonfim como patrimônio, partiu-se de uma premissa da mesma estar inserida em um contexto histórico-cultural que permitiu essa compreensão. A ideia de patrimônio tem vários sentidos semânticos, e é uma categoria carregada de significados e com entendimentos distintos sobre seu conceito. Fala-se do patrimônio econômico, imobiliário, arquitetônico, histórico dentre outros. Ferreira (2006, p. 79) diz “A palavra patrimônio, bem como memória, compõe um léxico contemporâneo de expressões cuja característica principal é a multiplicidade de sentidos e definições que a elas podem ser atribuídos”. Desse modo a autora chama atenção para as diversas compreensões no que se refere a patrimônio, como também nos sentidos que lhes são atribuídos.

Gonçalves (2009) sobre essa categoria sugere que

Sabemos, entretanto, que essas divisões são construções históricas. Pensamos que elas são naturais, que fazem parte do mundo. Na verdade, resultam de processos de transformação e continuam em mudança. A categoria “patrimônio, tal como é usada na atualidade, nem sempre conheceu fronteiras tão delimitadas. É possível transitar de uma a outra cultura com a categoria “patrimônio”, desde que possamos perceber as diversas dimensões semânticas que ela assume não naturalizemos nossas representações a seu respeito (GONÇALVES, 2009, p. 27).

O autor ratifica a ideia de que o patrimônio ao longo dos tempos ganha significações, e de acordo com a cultura vai trazer seu entendimento sobre o que é o patrimônio, então é importante que exista essa compreensão sobre esse conceito não deixando de considerar contexto histórico, pois cada sociedade terá sua própria concepção de patrimônio. Neste

momento vamos nos ater a pensar patrimônio enquanto construção histórico-social, por entender, como ressalta Araripe, (2004) que

Costumamos pensar que o patrimônio é passado, memória daquilo que ficou como herança. Mas o patrimônio, também, é presente, é memória do tempo presente. Isso porque não podemos entender o presente, nem tampouco pensar futuro, sem olhar para a memória – pano de fundo para se pensar as mudanças sociais. Em se tratando de passado temos um patrimônio que agrupa pessoas e acontecimentos que testemunham períodos vividos (ARARIPE, 2004, p. 114).

A autora nos faz refletir sobre o patrimônio enquanto construção histórica, repleto de significados e simbolismos em um determinado espaço e para uma determinada comunidade. Essa reflexão permite entender este templo como um espaço carregado de memórias e vivências impregnadas nas suas formas ao longo dos tempos. A análise dessas configurações fomenta uma compreensão das mudanças que permearam a história dessa igreja. Dessa forma, entende-se a igreja do Senhor do Bonfim como patrimônio por ser um templo que por muito tempo está presente naquele lugar e na vida daqueles que por ali passaram ou permanecem, na observância dos seus desenhos que são revelados a cada mudança para atender demandas que as justifiquem.

Funari (2006) traz uma abordagem sobre patrimônio que nos permite entender que

Tratamos do patrimônio como algo individual, de cada um de nós, mas, a partir de nossas percepções e sentimentos, podemos entender o uso do mesmo termo para se referir àquilo que é coletivo. Há uma diferença, essencial, contudo, o patrimônio individual depende de nós, que decidimos o que nos interessa. Já o coletivo, é sempre algo mais distante, pois é definido e determinado por outras pessoas, mesmo quando essa coletividade nos é próxima (FUNARI, 2006 p. 09).

Em suas palavras, o autor busca mostrar que o sentido de patrimônio tanto da forma individual como coletiva está imbuído de sentimentos e significados, ao passo que existe essa percepção sobre esses dois aspectos, individual e coletivo, porque quase não se pode dissociá-los, pois existe uma correlação entre eles. Então, quando se coloca que a referida igreja é considerada como um patrimônio pelos indivíduos que fazem parte da sua história, podemos estar nos referindo tanto ao sentimento atribuído de forma particular, como também por um conjunto de pessoas que são partícipes dessas convivências e do mesmo espaço.

Na perspectiva sobre o que é o patrimônio que podemos trazer as reflexões sobre as memórias presentes nesse templo religioso. Não se pode deixar de analisar os elementos que estão fortemente ligados, pois a incorporação do sentido do que é patrimônio, certamente está

atrelado às memórias. Ainda que pelas transformações que acometerem esse edifício eclesial, onde sobram resquícios das memórias que ali existiram, novas memórias passarão a ser costuradas, uma vez que existem pessoas que estiveram e ainda vivem nessa dinâmica de mudanças, de novas narrativas e novos significados.

Ao tratar do patrimônio cultural com seus significados para os grupos sociais, que de certa forma diz muito sobre sua identidade, pois a construção de diversos elementos é determinante para a concepção do que seja patrimônio, Erivania Azevedo Lopis (2017, p.13) entende que “Muitos defendem a premissa de que o patrimônio seria inerente às sociedades humanas desde sempre”, isso permite um entendimento de que as sociedades têm seu patrimônio que são oriundos de construções sociais. Dessa maneira Lopis (2017) pondera que

A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade (LOPIS, 2017, p. 13, apud CHOUAI, 1996, p. 18).

Pode-se entender, então, que as memórias possuem elementos de preservação da identidade de uma sociedade e contribui para a sua preservação. No tocante à intencionalidade do passado que se quer lembrar e guardar a partir de sentimentos e de laços existentes num determinado lugar. O patrimônio em si traz toda essa relação de afetividade, de lembranças que permanecem vivas, preservando a identidade de uma comunidade. Isso é corroborado por Jhon (2012, p. 320) que traz como ponto de vista “O Patrimônio Histórico e Cultural constituído por bens materiais e imateriais impregnados de um valor simbólico para a comunidade representa a memória que foi valorizada e materializada pelos poderes constituídos ao longo do tempo”. Isso mostra que o processo de formação/concepção de um patrimônio revela a ação de agentes sociais (Estado, políticos, a própria igreja e até as pessoas) que atuam de forma direta para que memórias sejam mantidas.

De acordo com a autora o patrimônio sofre influências de uma identidade coletiva e não está destituída de intencionalidades, na medida em que existem forças que promovem uma determinada organização para que este patrimônio venha a existir. Como é colocado por Jhon, (2012, p. 324) “ Por isso, é necessário que se faça também, a identificação do poder nas representações dos espaços de memória já que a própria noção de patrimônio, que envolve a construção de identidades coletivas está influenciada por uma concepção de poder”. A autora reflete sobre a presença de forças que interferem nesse processo de construção histórica do

patrimônio e não estão isentos de influências de quem está no poder, do Estado e da Igreja enquanto instituição.

As mudanças ocorridas na igreja Senhor do Bonfim refletem essa influência ideológica, pois ao analisarmos os fatores que levaram a essas transformações, estão imbricadas uma gestão que ao pensar essas mudanças, possivelmente não estavam isentas de uma intencionalidade. Havia a necessidade da ampliação, mas também havia a necessidade de atender a um público crescente com grupos sociais distintos, que vinha fazendo parte dessa igreja, que a via como um espaço de oração, logo era um lugar que precisava estar condizente com a estrutura arquitetônica com a comunidade local existente.

A identidade, a memória construída pelas pessoas que edificaram esse patrimônio no alto do Cruzeiro, é tão evidente que coloca esse templo religioso como um bem do próprio bairro e expande por vários lugares na cidade, e esse patrimônio tem como identidade a igreja do Cruzeiro e não a igreja Senhor do Bonfim, como oficialmente ela o é. Na verdade se formos parar para refletir o Cruzeiro é também um elemento que faz parte da construção dessa identidade, pois ainda se escuta “vou para o Cruzeiro”, fazendo uma alusão à igreja. Antes mesmo de sua existência, já havia a festa do Cruzeiro da Missão, como mostra a reportagem do jornal *O Progresso* de 1906, que indica que mesmo antes da existência da capela, aquele lugar já era visto como um espaço de oração onde já se realizavam reuniões em referência ao Cruzeiro, em comemoração ao tempo em que fora erguido.

Reportagem do Jornal O Progresso (1906), sobre o cruzeiro das Missões

Cruzeiro da Missão

Consoante ao que anunciamos em nossa última edição, realizou-se a 22 do fluente a festividade comemorativa do 5º aniversário da implantação do Cruzeiro, no Alto do Gonçalo, que demora a cerca de um kilometro desta cidade.

No sábado, 21 começaram os festejos, concorridos anos celebrados pelo revm sr. conego Moysés Gonçalves do Couto, zeloso pároco desta freguezia de S. Anna da Feira.

Na manhã de domingo houve missa festiva em que foi orficiante o mesmo estimado sacerdote, tocando o bem organizado grupo” Amantes do Progresso”.

A noite o largo regorgitava de povo.

O aspecto daquelle sitio, durante os festejos, era agradabilíssimo e impressionante.

Sob o Cruzeiro, alto, de 80 palmos presumíveis, levantava-se um toldo artístico abrangendo o sopedaneo da Cruz, affeiçoado em altar para as cerimonias do culto e carregado de castiças e ramalhetes de flores artificiaes. A direira do Cruzeiro erguia-se bonito corêto descoberto onde o grupo musical *Amantes do Progresso* executou muitas peças durante as noites de sabado e domingo.

Inumeras cordas de bandeiras e de lanternas multicores cruzavam-se por toda parte, indo prender-se a elegantes colmos, plantados aqui e ali, o que emprestava ao vasto largo um aspecto verdadeiramente festivo.

Barracas e botequins, correndo ao lado esquerdo e ao fundo, formavam angulo da parte da entrada, guarnecida na secção plana por dois arcos de folhagem.

Também à direita, açoutadas pelo vento, moviam-se lonas de barracas, embora menos numerosas.

Fócos de luz, bem dispostos, illuminavam grande area do largo, onde se condensavam os circumstantes e era extraordinário o número de famílias, notadamente senhoras e crianças.

Para traz da lotada ficava o pavilhão que eram apreçados doces, manjares, peças de culinária, objetos de ornatos etc, etc. Era ali o leilão, regularmente animado.

Levas e levas de romeiros desembocavam no largo desde a tarde de domingo até depois da novena, que terminou às 9 horas da noite.

Dessa hora em diante começou a retirada, aos poucos, havendo, entretanto, ainda cerca de quinhentas pessoas ali, quando foram queimadas varias peças de pyrotechnia, que geralmente agradaram.

Terminando esta ligeira notícia, felicitamos daqui à comissão promotora dos festejos pelo modo satisfatório por que se desempenhou de sua incumbência. (JORNAL O PROGRESSO, 29 de abril de 1906).

Hoje o Cruzeiro permanece sendo um monumento que é parte integrante daquele lugar, pois além de ser um símbolo que carrega uma história de vários contextos históricos, várias gerações e pertencente de uma força enraizada no imaginário social que está presente de forma marcante na memória das pessoas, e a igreja Senhor do Bonfim ao configurar-se como um patrimônio dentro desse círculo que foi edificado a partir desse Cruzeiro, que passou a ser desenhada uma história de fé e de identidade dessa comunidade, isso fica evidenciado na fotografia 53 que traz uma inscrição feita por moradores do bairro ao declarar seu amor pelo mesmo, localizado na Praça Senhor do Bonfim, ou como é popularmente conhecida, Praça do Cruzeiro, ao fundo da imagem, é possível visualizar uma parte do templo. Aparentemente a placa foi colocada em local estratégico, com o lado que dá para a rua Gonçalo Alves, quem trafega por ali poder visualizar essa inscrição que evidencia um sentimento de pertencimento a este lugar.

Fotografia 53 - Praça Senhor do Bonfim, 2024



Fonte: Arquivo particular da Autora, 2024.

Acerca do que foi dito, sobre a relação patrimônio e construção identitária, Ferreira (2006b, p. 80) reflete “Noções de tempo e identidade operam em conjunto para o reconhecimento de algo como patrimônio, e, mais do que reconstruir o passado supostamente conservado ou retido, a preocupação subliminar é garantir o presente e projetá-lo em um devir”. A autora explica que existem dois elementos o tempo e a identidade que são fatores relevantes para o reconhecimento de algo como patrimônio, mas ainda assim o patrimônio não traz características só do passado, ele vive o presente e pela sua dinâmica está sempre em processo de transformação. Araripe (2004, p. 114), nos diz “há, também, na memória contida no patrimônio um veio para se obter uma identidade e os laços de pertencimento com a comunidade onde se insere”. A autora acredita existir uma relação de pertencimento de identificação daquilo que se constitui patrimônio com sua história e suas vivências, com isso a igreja Senhor do Bonfim (Alto do Cruzeiro) traz consigo essa relação de pertencimento presente nas pessoas que a frequentam, no papel das comunidades que formam essa paróquia, com suas histórias e memórias.

O patrimônio se configura como parte intrínseca da sociedade, requer um olhar analítico no que tange a sua importância histórica, cultural, econômica e social. De acordo com Antônio Augusto Arantes (2009, p. 3) “As políticas modernas de patrimônio formam-se, assim, na Europa com o objetivo de preservar monumentos de pedra e cal, de valor histórico, artístico ou científico excepcional;”. Segundo o autor há muito se pensa sobre a preservação e restauro dos monumentos/ patrimônios por se entender a relevância de cunho social que o mesmo possui. Nessa perspectiva que leis e instituições foram criadas para salvaguardar esses objetos da história, como o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional) como também a nossa Constituição Federal no artigo 216, que define o que vem a ser patrimônio

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 2024 p. 192).

A Constituição Federal Brasileira, delibera sobre o que pode ser patrimônio, preservando esse bem cultural em nosso país, e no inciso primeiro já chama atenção para a preservação, em uma ação conjunta com o poder público e a comunidade. O artigo da Constituição assinala aspectos relevantes do que se considera patrimônio como a identidade e a memória dos diversos grupos sociais. Põe em destaque também as criações dos indivíduos, as construções e manifestações culturais. Com essa lei, nota-se uma preocupação de preservar esses elementos de referência na formação identitária e da memória dos grupos sociais.

A Unesco é uma instituição que visa resguardar o patrimônio cultural imaterial corroborando a importância do patrimônio para a sociedade.

Art. 2º, §1. Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio [...] é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL, 2003, p. 04).

A Unesco além de reforçar o sentido empregado pelo IPHAN, que diz sobre o que vem a ser patrimônio “ os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas)”, apontando as produções humanas e suas expressões e como essas produções são reconhecidas enquanto patrimônio, que existe uma dinâmica dessas produções em um determinado contexto histórico, sem deixar de lado o que antes era construído, fortalecendo assim, um sentimento identitário desses indivíduos. Então, é de suma importância discussões e reflexões sobre o que é patrimônio, sua relevância para a sociedade e a construção de leis que garantam que o patrimônio enquanto construção social seja resguardado.

A igreja Senhor do Bonfim (Alto do Cruzeiro) se insere nessas discussões enquanto patrimônio, por ser uma construção social, onde comunidades a reconhecem como um elemento identitário de sua fé cristã católica, pelas memórias que ali foram construídas, por se sentirem pertencentes àquele ambiente, por histórias que se fazem presentes nas celebrações, nos festejos, nos eventos que lhe dão uma visibilidade social.

Nesse contexto, que destacar a crença no Senhor do Bonfim, as celebrações que ocorrem no calendário litúrgico desse espaço celebrativo, que por muitas décadas está presente na vivência dessa comunidade com um número significativo de pessoas, que se pode compreender toda essa manifestação popular cristã como um patrimônio imaterial. Isso é reforçado por Chuva (2015, p.01) que diz

Um bem cultural pode ser incluído na categoria de patrimônio quando são atribuídos a ele sentidos e significados que o torna referência para um grupo, que se identifica com aquele bem, sendo um elo entre todos aqueles que compõem esse grupo. Por isso, todo patrimônio se constitui a partir de uma forte carga simbólica, que é imaterial ou intangível. Ao mesmo tempo, aquilo que é hoje reconhecido como patrimônio imaterial - as festas ou as celebrações, os modos de fazer, as formas de expressão e os lugares, conforme as categorias presentes no Decreto nº 3551, de 4 de agosto de 2000, que regulamentou o Registro do patrimônio cultural de natureza imaterial.

Por meio das fotografias, é possível evidenciar a vivência cristã-católica dessa comunidade, com seus ritos e crenças, que possivelmente encontra-se consolidada na sua manutenção, ao possibilitar que gerações deem continuidade a uma herança que já faz parte da história e das memórias desse templo. Logo, essa imaterialidade que se concretiza na fé e devoção desses paroquianos permite um entendimento sobre essas ações enquanto patrimônio imaterial dessa comunidade. Assim, esse edifício eclesial ao evidenciar toda uma imaterialidade (fé/crença) e materialidade (edificação), pode reforçar o entendimento de compreendê-lo como patrimônio.

O patrimônio aqui discutido não é tombado que venham a protegê-lo, mas vale refletir sobre sua preservação enquanto símbolo da identidade de uma comunidade, dentro desse contexto de transformação pelo qual passou esse templo religioso, com a motivação de também ampliar, mas sem a devida preocupação de preservar sua estrutura de origem, resultando na destruição parcial de um espaço carregado de memórias e histórias. É notório que existiu uma falta de consciência de preservação patrimonial sobre a aceitação ou não da reforma, O desconhecimento de aspectos histórico-políticos pelas pessoas, possivelmente traz como consequência essa destruição de memórias e da estrutura física que acometeu esse espaço de celebração.

Nessa linha de argumentação, Carvalho e Funari (2010) destacam

Como alternativa ao distanciamento entre a sociedade e seus diversos patrimônios e a consolidação das políticas da diversidade como um patrimônio, a Educação patrimonial apresenta-se como um excelente campo

de ação. Não se almeja atribuir à sociedade um conhecimento enciclopédico sobre quais são seus patrimônios, datas de fundação, autores, características físicas, entre outros dados. Ao contrário, a Educação patrimonial deve agir no sentido de construir, de forma democrática e participativa, diálogos entre a sociedade e seus patrimônios. Estes diálogos devem ser elaborados para “permitir a realização de conexões entre a vida cotidiana das pessoas com o processo histórico relatado (CARVALHO; FUNARI, 2010, p. 13).

É necessário que as pessoas compreendam o sentido de patrimônio, porque esse desconhecimento pode originar perdas irreparáveis na história de uma sociedade, de um lugar. Pensar nesse espaço carregado de memórias ser simplesmente substituído por outro sem muito considerar a sua história e relevância em um contexto patrimonial e atrelado a isso está o desaparecimento da memória, com seus vestígios sendo esquecidos ou eliminados. No entanto, são essas memórias coletivas e individuais que são a base da construção histórico e cultural de uma sociedade. Lopis (2017) contribui nessa questão ressaltando

Por isso, faz-se necessário o reconhecimento da real importância do patrimônio na cultura, na identidade de um povo, em sua noção de pertencimento social e de que esse patrimônio precisa ser preservado, não como demonstração de um momento imutável de nossa história, mas como um período de eventos e significações que suscitaram outros e nos perpetuaram como somos hoje (LOPIS, 2017, p. 2).

Segundo a autora, é preciso um pertencimento social com relação ao patrimônio, enquanto resultado de uma identidade que foi construída e traz consigo traços de uma história particular, de memórias que são parte inerente desse lugar, só a partir daí que existirá uma consciência de preservação. Lopis (2017) ainda nos permite compreender que “o patrimônio representa simbolicamente a identidade e a memória de um povo. Perceber que o patrimônio não é só um elemento em si, um mero vestígio, mas uma alegoria de um determinado tempo, que está cravado na memória”. Logo, essa compreensão de patrimônio pela sociedade, pode resultar na proteção de bens patrimoniais que sempre estão presentes em meio à sociedade, por fazer parte da sua história, cultura e essa construção pode ser compreendida como, segundo Pelegrini (2007, p. 87) “uma vez que entendemos o patrimônio cultural como *locus* privilegiado onde as memórias e as identidades adquirem materialidade”. A autora chama atenção sobre a percepção do patrimônio enquanto espaço privilegiado onde as memórias e identidades se concretizam, originando o patrimônio.

Pelegrini (2007) destaca que

Assim, podemos inferir que não somente os objetos ou as coisas, mas suas representações imagéticas e simbólicas circulam nas entranhas das memórias dos sujeitos sociais, em meio a sentimentos e vivências que resistem ao ocaso e se mantém devotadas a sustentar vínculos com os seus lugares de pertencimento, historicamente construídos. Essa articulação se dá, pois os objetos, sons ou aromas dinamizam a memória coletiva ou individual e constituem manifestações da materialidade da cultura de um grupo social, desencadeando tensões entre as reminiscências e o esquecimento, numa busca constante de fortalecimento de seus elos com o seu lugar de pertencimento (PELEGRINI, 2007, p. 91).

A autora diz que a dinâmica da memória tanto individual como coletiva se materializa a partir das construções sociais através dos objetos, das representações e do sentimento de pertencimento de cada lugar, e é nesse contexto que está a ambivalência do que é lembrado e esquecido. Pode-se dizer que essa é uma constante tensão no âmbito da memória e isso se traduz na resistência de manter viva as formações socioculturais, porque na construção de narrativas histórias são apagadas e o esquecimento é quase sempre intencional determinando o que lembrar e o que esquecer. Ferreira (2006b, p. 80) salienta “ao falar de conflitos nos remetemos à memória, à sua própria natureza ambivalente, que carrega a lembrança e o esquecimento como faces de um mesmo processo”. De acordo com a autora é possível entender essa relação conflituosa que é inerente à memória e o processo lembrar/esquecer caminharão juntos e de acordo com as forças subjacentes que estarão presentes, porque para que haja lembrança, é necessário que haja esquecimento.

Pollak (1989, p.3) nos faz refletir apontando que “existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios e “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento”. O autor chama à atenção para a existência dos silêncios que existem e eles podem promover o esquecimento do que não pode ser lembrado ou tenha que ser esquecido e são essas estruturas ideológicas que transitam na memória, não é estanque e acompanha a dinâmica social vigente. Froner (2013, p. 247) ressalta “na sociedade capitalista, a destruição da memória é apenas mais uma consequência da necessidade cada vez maior do novo, do imediato, do descartável, consumível, do espetáculo e, portanto, daquilo que silencia, porque não deixa marcas”. Com base no que diz a autora, na conjuntura vivida, marcada por um intenso movimento social no que diz respeito à produção, consumo e informação e momentos cada vez mais acelerados, acabam por permitir essa destruição da memória, pois hoje vive-se o imediato e a constante mudança.

Nesse sentido Monastirsky (2009) destaca

Nestes termos, por força da atuação do Estado, determina-se a escolha do que deve ser lembrado/esquecido e a forma de uso do patrimônio, em função de interesses ideológicos e econômicos, ainda que um dos momentos essenciais em todo o seguimento de escolha, preservação e uso do patrimônio cultural seja o da genealogia da memória, cujo processo apresenta-se como um campo de investigação permanente (MONASTIRSKY, 2009, p. 331).

Monastirsky (2009) conclui que a atuação de forças políticas exerce forte influência sobre o uso do patrimônio e com relação à sua preservação, pois será ditado o que deve ser lembrado/esquecido no que tange à memória e com isso a ideologia dominante irá narrar o que é conveniente para sua manutenção. Logo, a consciência de preservar que está ligada a um patrimônio que tem uma carga identitária forte, é história, travará uma força com os grupos dominantes, que por sua força irão determinar o que deve ser mantido na narrativa histórica ou não. É possível considerar que pode ter faltado às pessoas um senso de preservação o que permitiu ou irá permitir que memórias sejam esquecidas, desconstruídas. Assim, Lopis (2017, p. 18) chama à atenção para a necessidade de reflexões sobre preservação em que destaca “discutir questões patrimoniais é uma necessidade das sociedades atuais, que relacionam os usos desses monumentos de acordo com as necessidades da contemporaneidade”. A autora corrobora com o pensamento de se pensar a importância da preservação com relação aos patrimônios, uma vez que a presença do novo surge como algo atrativo, por causa da ausência de saberes sobre a relevância do patrimônio enquanto bem social.

A cidade de Feira de Santana tem a presença dessa falta de consciência de preservação, pois era um ambiente possuidor de muitos casarões e monumentos seculares no centro comercial da cidade e, no entanto, foram demolidos para dar lugar a estacionamentos ou então foram abandonados transformando-se em ruínas restando apenas o terreno e alguns destroços. Na cidade ainda existe alguns remanescentes que se mesclam com outros imóveis com traços arquitetônicos mais contemporâneos. É notório que não existe uma preocupação por parte das autoridades locais com a questão da preservação patrimonial e como consequência é possível observar uma completa dizimação de imóveis que fizeram parte da história da cidade e hoje não existem mais, como destaca Dórea (2018) sobre as construções antigas na cidade

Sob o impacto dos novos tempos, o patrimônio eclético feirense começou a vir abaixo de repente, cedendo lugar a novos empreendimentos voltados para o comércio e para a prestação de serviços. Sobraram uns poucos prédios públicos e edificações de função privada. No primeiro caso, a preservação dessas edificações continua à mercê da sensibilidade dos gestores públicos; no segundo, da resistência dos proprietários às pressões decorrentes da valorização dos terrenos na zona central da cidade (DÓREA, 2018, p. 12).

O autor relata sobre a destruição do patrimônio feirense em consequência de novos tempos, de um novo contexto socioeconômico que muitas das vezes o que vigora é atender o que propõe os interesses do capitalismo, desfazendo o que já existe e desconsiderando a relevância desses objetos da história para as memórias da cidade. Assim também se enquadra as transições da igreja Senhor do Bonfim, que considerou na sua ampliação o dito moderno, em detrimento da sua estrutura anterior, descaracterizando-a em favor de uma nova forma, na intenção da construção de uma nova narrativa que vai conduzir a uma nova percepção desse templo religioso.

3.2 A centralidade da igreja Senhor do Bonfim e as mudanças ocorridas no seu entorno

A igreja Senhor do Bonfim, monumento relevante tem visibilidade por ser uma referência do lugar e por fazer parte do processo de construção histórica. Na abordagem histórica aqui tratada sobre a origem da referida igreja, vale destacar que nesse espaço, só havia o cemitério no final do século XIX, a capela em 1918 e, posteriormente, algumas construções foram feitas, segundo relatos de alguns moradores, aos arredores da igreja só havia uma vegetação rasteira. Acompanhando o crescimento da cidade, a área começou seu tímido processo de povoamento e de algumas construções ao redor da capela, na década de 1960, começou a ser construído o bairro do Jardim Cruzeiro, que passou a ter limite com o bairro do Cruzeiro, e sediar outras instituições relevantes para a cidade.

Pode-se dizer que o crescimento urbano e populacional seja um condicionante de mudanças no espaço e esses fatores que resultam em uma nova configuração espacial, como também no desenvolvimento de funções e atividades de uma respectiva área. Como não poderia deixar de ser, o bairro do Cruzeiro sofreu influência da dinâmica histórico-temporal e passou de um local isolado, repellido pela população e tornou-se, de acordo com a nova estrutura urbana da cidade, um bairro muito próximo ao centro da cidade. É importante algumas inferências sobre o conceito de centro, uma vez que irá se abordar aqui a questão da centralidade desta igreja, ao que se refere a sua relevância por agregar o movimento de pessoas e atividades que fazem parte desse lugar e pela sua condição de igreja Matriz na Paróquia.

Para Silva (2013, p. 2), “o centro é visto como uma realidade material, historicamente produzida, que resulta da ação convergente, ao longo do tempo, de inúmeros agentes, que a partir de suas ações individuais contribuem para a conformação do centro”, de acordo com o autor, o centro seria uma área de atuação dos indivíduos, dentro de uma produção histórica.

Partindo do conceito de centro que nos reportamos ao conceito de centralidade, pois é dessa relação que mencionamos esse objeto de estudo. Silva (2013) ressalta que

A capacidade de reunir, de juntar, de concentrar, é uma característica da cidade: a capacidade de concentrar primeiramente uma realidade material (infraestruturas, ruas, prédios públicos e privados, dinheiro etc.) e também trabalhadores, consumidores, frequentadores, sentimentos e valores simbólicos. O centro como um ponto que concentra (concentrar = direcionar ao centro) coisas e pessoas a partir da sua centralidade, é um elemento central da realidade urbana. A centralidade seria justamente a capacidade de polarização, de integração/dispersão, manifestado por um centro a partir de sua configuração física. A centralidade não seria dessa maneira uma realidade material, como o centro, mas sim algo imaterial, uma capacidade de polarização, uma potência que se expressa a partir do centro (SILVA, 2013, p. 3).

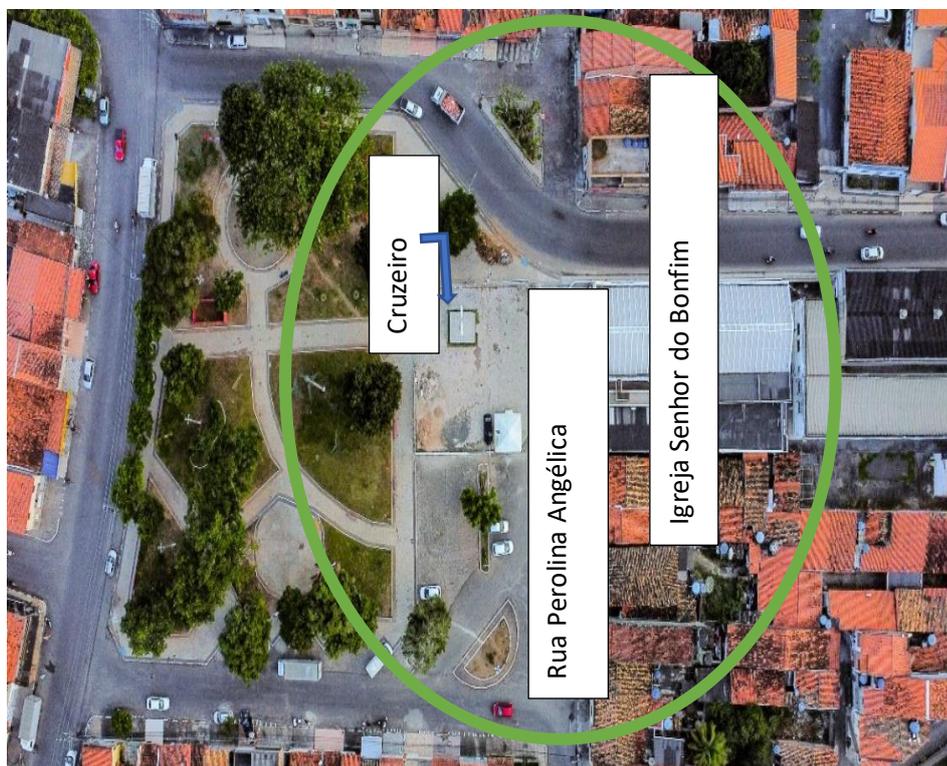
Silva (2013), nos convida a pensar a centralidade como algo que pode estar relacionado ao centro urbano, no que se refere ao fluxo de pessoas, atividades e produções, mas também na simbologia de um elemento central que atrai para si esse movimento de pessoas e atividades e dentro dessa conjuntura a igreja Senhor do Bonfim, representa uma centralidade nesse espaço urbano com uma significação mais ampla e que se refere ao seu papel enquanto patrimônio arquitetônico.

Enquanto construção histórica, esse templo religioso se reveste de características que lhe atribuem essa centralidade, por estar em um lugar que acompanha o crescimento urbano e que também foi atingido por mudanças. No que tange às transformações que ocorreram fora do espaço celebrativo, é possível identificar espaços e lugares que hoje trazem uma nova configuração, ou seja, além da igreja, é possível constatar que o seu entorno também passou por modificações. Como parte do espaço do templo, num primeiro momento faremos uma abordagem sobre as pessoas e habitações que circundam a igreja. Observando as construções, é possível notar a presença de casas antigas, umas sendo mantidas e outras com mudanças na fachada, existem moradores que são descendentes dos fundadores da igreja como filhos e netos e que são fiéis da igreja. Houve construções que foram transformadas em casas comerciais, como bares e restaurantes. As residências ali presentes são vestígios da ocupação daquele lugar e da forma como foi a organização das mesmas com relação a praça e ao templo religioso.

A referida praça da igreja, também conhecida popularmente como praça do Cruzeiro, mas oficialmente é “Praça Senhor do Bonfim” não ficou imune à dinâmica temporal e da ação do homem, ao longo dos anos passou por várias reformas, antes só existiam as árvores, o Cruzeiro e o Coreto. Na verdade, ela era separada da igreja por uma rua, Perolina Angélica

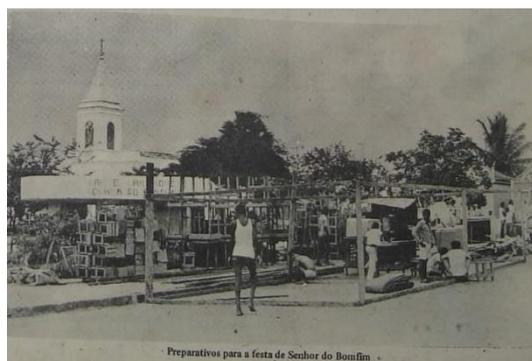
como pode ser visto na fotografia 54, que limita a igreja e a praça, antes de ser transformada em um prolongamento da praça e abarcar o Cruzeiro como pertencente ao espaço da igreja.

Fotografia 54 - Vista parcial da Praça Senhor do Bonfim, 2022



Fonte: PASCUM (2023)

A praça Senhor do Bonfim, conhecida como praça do Cruzeiro, é um lugar que é parte da história do bairro, pois ao seu redor que foram feitas as construções e ruas em seu entorno que dão acesso à própria igreja, ao bairro Jardim Cruzeiro, a rua Pontal e que liga a outros pontos da cidade como o Estádio e o Centro da cidade, a rua Gonçalo Alves. A praça também passou por muitas mudanças desde o processo de povoamento do local, com relação a utilização do seu espaço, como de lazer para os moradores, bem como nas festas de padroeiro da referida igreja (ver figura 16), a presença das barracas e estruturas, vendedores ambulantes em preparação para a festa, na montagem das barracas para a venda de produtos que eram comercializados durante a festa que duravam nove dias e eram adquiridos pelas pessoas que participavam do novenário, já que a festa do padroeiro tornou-se um evento no calendário da cidade. A fotografia permite evidenciar esse ambiente com a igreja ao fundo, na década de 1970 para a festa do padroeiro, a qual foi divulgada por jornal local.

Figura 16 - Praça do Cruzeiro, 1978

Fonte: Jornal Folha do Norte, 3 de janeiro de 1978

Durante todo o processo de desenvolvimento da cidade de Feira de Santana e na figuração dos seus bairros, uma nova configuração espacial foi se formando no que se refere a praça Senhor do Bonfim ou praça do Cruzeiro. Acompanhando também as alterações na igreja, a praça vem sendo remodelada, às vezes apenas com elementos naturais e bancos, ou para oferecer algo para os moradores locais, como uma infraestrutura de lazer e saúde, atrelando mais de uma função a este espaço. É notório que por conta da presença marcante da urbanização pela priorização de elementos urbanos, em detrimento aos elementos naturais, a praça Senhor do Bonfim é atingida por uma agressão ambiental, uma vez que muitas das suas árvores foram retiradas para que outros objetos viessem a fazer parte do seu conjunto

Isso fica evidente quando comparamos registros de imagens de momentos distintos de como esta praça se apresentava, onde é perceptível em uma imagem de satélite representado na figura 17, os contornos e parte interna da mesma que revelam que a mesma apenas trazia suas árvores e bancos, destituída de outros elementos que posteriormente foram inseridos, atribuindo a este lugar novas funções, como hoje é possível ver, em seu novo molde, após mais uma reforma.

Figura 17 - Praça Senhor do Bonfim, 2019

Fonte: Google Maps (2023)

A praça Senhor do Bonfim (Cruzeiro), atualmente, difere das suas formas anteriores, apesar de ainda se constitui num espaço de lazer. Recentemente (2021), passou por uma nova reforma e outros elementos foram inseridos neste espaço trazendo uma nova configuração para a mesma. A presença de parque infantil, aparelhos de ginástica e quiosque, como é realçado nas fotografias 55, 56 e 57 indicam que o poder público, a partir da praça, passa a oferecer aos moradores daquele lugar opções de utilização da praça.

Fotografias 55 - Recortes da Praça do Cruzeiro



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Fotografias 56 - Recortes da Praça do Cruzeiro



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Fotografia 57 - Recortes da Praça do Cruzeiro



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

A permanência de vendedores na praça também é outro aspecto que chama à atenção, pois é uma prática que sempre foi presente nesse local, como é percebido nas fotografias 58 e 59. A atuação desses vendedores acontecia na praça, ao longo da rua pontal e no ano de 2024, se estende para a rua Gonçalo Alves. A localização desses vendedores pode estar atrelada à localização das duas ruas que ladeiam à praça, a pontal que dá acesso ao bairro do Jardim Cruzeiro e a Gonçalo Alves que é de intenso fluxo de carro que liga o centro da cidade ao bairro do Cruzeiro e Sobradinho. Existem alguns vendedores que são fixos e outros que aparecem durante a semana pra comercializar os seus produtos e durante eventos como a Caminhada do Perdão, alguns vendem roupas, caldo de cana, frutas e verduras. Esses vendedores moram no próprio bairro ou em bairros vizinhos e durante muitos anos estão presentes na praça.

Fotografia 58- Vendedores na praça, 2023



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Fotografia 59 - Vendedores na praça, 2023



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

A praça Senhor do Bonfim (Praça do Cruzeiro) foi remodelada, existe a presença de árvores no local, mas a inserção de outros elementos como quiosques, parque infantil e aparelhos de ginástica, pode ter empregado um novo sentido a esse ambiente no que tange ao seu uso e no suposto aproveitamento desse espaço, para proporcionar outras utilizações para seus moradores e por quem transita pela praça. Depois da instalação desses instrumentos, foi notório um maior fluxo de pessoas principalmente nos finais de tarde a aos finais de semana. Pela sua localização, a praça é atingida por um considerável fluxo de pessoas, oriundas dos bairros circunvizinhos, o que deve explicar a presença de vendedores ambulantes no referido ambiente.

Por ser um espaço público, acaba adquirindo muitas funções, pois é uma constante a presença de vendedores autônomos ao longo da praça, principalmente nas ruas com maior trânsito de veículos e pessoas como também dos horários e dias das celebrações. Produtos que vão desde gêneros alimentícios, roupas dentre outros produtos dependendo do que vai ser vendido por quem lá chega e passa o dia. Ao fundo da igreja, onde está a rua Andaraí do bairro Jardim Cruzeiro, tem a presença de vendedores, como aparece nas fotografias 60 e 61, com a venda de frutas e uma barraca fixa de caldo de cana que atrai muitas pessoas principalmente aos finais de semana.

Fotografia 60 - Vendedor de Caldo de Cana



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Fotografia 61 - Vendedor de frutas e verduras



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Ao fundo da igreja pode-se destacar o Salão Paroquial que faz parte da extensão do templo iniciado na rua Pontal e a entrada na Rua Andaraí como observamos na fotografia 62 e é utilizado na realização de reuniões, encontros de grupos e eventos festivos. Na mesma fotografia identificamos o Centro Comunitário Dom Silvério Albuquerque, onde está funcionando a instituição Família Azul. Nesse prolongamento a presença de residências também é um aspecto a ser observado quando se trata do entorno da igreja.

Fotografia 62 - Vista do Salão Paroquial, Centro e residências – Cruzeiro, 2023



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Vale destacar a presença de um forte comércio local no entorno da igreja, com a presença de panificadoras, bares, laticínios, farmácias, além de residências com fachadas

antigas que mostram como ao longo dos anos acentuadas modificações permearam essa localidade, que no princípio era tida como uma região de mau agouro por ter um cemitério para vítimas de epidemias.

Pode-se dizer que alguns fatores contribuíram para o crescimento do bairro, como a construção do Estádio Alberto Oliveira, conhecido com Joia da Princesa, a construção do bairro Jardim Cruzeiro que propiciou o aumento do número de fiéis para a igreja. O bairro do Jardim Cruzeiro começou a ganhar forma na década de 50, onde o terreno localizado atrás da igreja foi transformado em loteamento²³ e no ano de 1956, a primeira casa foi construída e posteriormente outras construções foram feitas. À medida que houve o povoamento do bairro, conseqüentemente a igreja ganhou novos fiéis e surgiu mais uma comunidade que veio a fazer parte da paróquia, a chamada de Fim de Linha, por ter sido construída no final de linha do ponto de ônibus do bairro.

Outra instituição que deve ser considerada no processo de povoamento e transformações dessa localidade e que se faz presente na história do bairro é o Movimento de Organização Comunitária - MOC²⁴. É uma entidade civil, sem fins lucrativos, com sede à Rua Pontal, 61 – Cruzeiro na cidade de Feira de Santana. O MOC foi fundado pelo o primeiro pároco o Padre Albertino e foi um dos projetos de destaque na sua gestão e permanece até hoje. Os trabalhos foram iniciados em 27 de outubro de 1967, no qual o Padre Albertino buscou uma forma para ajudar os pobres dessa região. A menção do MOC, surge da necessidade de compreensão da relação desse movimento criado pelo primeiro pároco, sua influência na igreja e pelo seu olhar

²³ Livro de Registros de Plantas da Prefeitura Municipal de Feira de Santana - nº 137, p. 283. (1949-1960).

²⁴ O Movimento de Organização Comunitária - MOC em funcionamento desde outubro de 1967, é uma entidade civil, de direito privado, para fins filantrópicos e não econômicos, de caráter beneficente, educacional, voltado para o desenvolvimento sustentável da sociedade humana. A entidade prioriza ações no campo da incidência em políticas públicas, participação social, convivência com o Semiárido, agroecologia, relações sociais de gênero, economia solidária, educação do campo contextualizada, soberania e segurança alimentar e nutricional, desenvolvimento sustentável, direito à comunicação, entre outros. A instituição desenvolve suas ações baseadas em princípios e valores que fortalecem a sua missão. Dentre eles, estão à transparência, cidadania, justiça, equidade nas relações sociais e as práticas democráticas. Um dos princípios das ações institucionais é a valorização do conhecimento local, dos fazeres, dos sabores e saberes das pessoas, povos, grupos e comunidades, primando pela proteção e defesa dos direitos humanos de crianças e adolescentes, de jovens, de mulheres, dos povos do campo e comunidades tradicionais contribuindo na construção do desenvolvimento economicamente viável, ambientalmente sustentável, socialmente justo, cultural e humanamente solidário. Tem como visão Ser referência nas suas áreas temáticas de atuação, contribuindo para a erradicação da pobreza e o exercício da cidadania, na perspectiva da Convivência com o Semiárido e contribuir para o desenvolvimento sustentável, integral e integrado, a inclusão sociopolítica, econômica e cultural, bem como o exercício da cidadania de populações comumente excluídas, povos e comunidades tradicionais, encampando temáticas emergentes no campo das mudanças climáticas, das múltiplas identidades e na perspectiva da Convivência com o Semiárido e da Agroecologia. O MOC tem como público prioritário de suas ações órgãos paritários de gestão, como Conselhos de Políticas Públicas, trabalhadoras e trabalhadores rurais, agricultores e agricultoras familiares, pequenos produtores urbanos, professores rurais, excluídos dos meios de produção, organizações populares, crianças e adolescentes em situação de risco social. (MOC na Linha do Tempo 40 anos por um Sertão mais Justo, 2007).

sensível aos problemas sociais existentes, num contexto de problemas sociais que atingiam as comunidades mais pobres que formavam a paróquia

Era um trabalho que visava uma organização comunitária, segundo seu idealizador, mas sua história, liga-se à igreja do Cruzeiro por que na obra *MOC na Linha do Tempo 40 anos por um Sertão mais Justo* (2007, p.13), observa-se

Como padre, além das atividades paroquiais, Albertino exercia também função de destaque na Diocese, o que de certa forma impedia, para a comunidade externa, a compreensão de que o MOC era algo “fora” da Igreja. Essa visão era alimentada e reforçada por três outros fatores: o fato de o diretor do MOC ser, também, Coordenador da Pastoral Diocesana; o fato de buscar sua inserção nas comunidades sempre através das Paróquias; e ter, o MOC, assumido a tarefa de implantar o dízimo nas paróquias, cabendo-lhe, inclusive, a responsabilidade da cobrança das contribuições aos dizimistas, repassando-as às paróquias.

De acordo com esta obra, existia uma forte relação entre o sacerdócio, as demandas na Diocese e o desejo de ajudar as comunidades carentes. É sabido que o MOC não era da igreja, mas pelo pároco ser o presidente, sempre existia essa relação. Logo, pouco depois de assumir a igreja Senhor do Bonfim enquanto pároco, o Padre Albertino deu início às ações voltadas para as comunidades pobres. Esse movimento ganhou dimensão, e nas últimas décadas vem atuando tanto em Feira de Santana, como em outros municípios vizinhos. O MOC, é conhecido tanto no bairro do Cruzeiro, como do Jardim Cruzeiro e é uma instituição de destaque que se encontra localizada próxima à igreja. Na fotografia 63, é possível ver a fachada do MOC, que funciona em horário comercial para atendimento ao público e no lado oposto da rua, encontra-se a igreja Senhor do Bonfim.

Fotografia 63 - Movimento de Organização Comunitária - MOC



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

É nesse contexto de informações que se pode analisar, perceber e compreender a configuração do entorno da igreja Senhor do Bonfim, que não ficou imune à dinâmica social e histórica pela qual passou a cidade, e, em particular, esse lugar que abriga este templo religioso. É nessa perspectiva que Monastirsky (2009) enfatiza que

Considerar a interpretação subjetiva (memória, simbologia, sentimentos etc.) é permitir associar diferentes planos de percepção sobre a apropriação do espaço e do patrimônio. O espaço, neste contexto, é formado por formas visíveis que lhe conferem certa estabilidade temporal e pela subjetiva estrutura social (cultural). Os movimentos da estrutura social, sua dinâmica, apresentam, constantemente, necessidades novas, novos valores e, com isso, redefinem a organização do espaço (MONASTIRSKY, 2009, p. 232).

O autor reforça a ideia que existem elementos no espaço que sofrem influência do dinamismo temporal e as formas visíveis que estão presentes podem passar a ter novas funções e passar por transformações, possivelmente com novas representações em sua estrutura e na organização espacial.

3.3 Um contexto de transformações: uma análise sobre o passado e o presente

Refletir sobre passado e presente no âmbito das discussões aqui apresentadas torna-se essencial, pois existe esse transitar da história com relação a essa igreja, desde a sua forma inicial em 1918 até o ano de 2023, então perceber e analisar os elementos contidos nesse espaço temporal foram essenciais para que um panorama fosse traçado e compreendido sobre as mudanças que foram realizadas. Tratar das transformações que ocorrerem neste edifício eclesial desde o início da sua construção é trazer na memória resquícios de uma construção que teve papel fundamental na história de um bairro e possibilitou a uma nova organização para aquele lugar, bem como se consolidar no imaginário popular da cidade a partir do seu marco originário, o Cruzeiro. Le Goff (1990, p. 203) nos diz “A distinção entre passado e presente é um elemento essencial da concepção do tempo”. O autor reflete sobre a importância de se criar essa distinção entre passado e presente, mas com a atenção de não os dissociar, pois o presente constantemente traz marcas do passado.

É importante observar a igreja Senhor do Bonfim num contexto passado e pensar o presente, com base no que diz Meneses (1992, p. 12), quando faz uma abordagem sobre memória, passado e presente. O autor traduz seu pensamento refletindo “O objeto antigo, obviamente, foi fabricado e manipulado em tempo anterior ao nosso, atendendo às

contingências sociais, econômicas, tecnológicas, culturais, etc. desse tempo. Nessa medida, deveria ter vários usos e funções, utilitários ou simbólicos”. O autor nos chama a refletir sobre o uso de um objeto antigo de acordo com seu tempo, suas funções e sofre intervenções socioculturais, daí também ele nos afirma que

Assim, por exemplo, todo e eventual uso subsistente converte-se em valor cognitivo o que, por sua vez, pode alimentar outros valores que o passado acentua ou legitima. Longe, pois, de representar a sobrevivência, ainda que fragmentada, de uma ordem tradicional, é do presente que ele tira sua existência. E é do presente que deriva sua ambiguidade (MENESES, 1992, p. 12).

De acordo com o autor o tempo passado é o presente do que se foi criado, logo irá atender as demandas da sua época, com um sentido de uma construção histórica, neste momento ele possui uma legitimidade, uma reverência do seu tempo vivido e isso é mantido. Sua existência permanece, mas no presente pode-se ganhar um novo significado ou ser passível de novas leituras.

O passado pode ser pensado como algo longínquo, mas ele está presente em nossa vivência diária, se traduzindo em vestígios de um tempo que passou, mas deixa suas marcas, seja na nossa forma de viver, educação herdada, cultura, tradições, etc., porque de certa forma não foram criadas no momento vivido, mas são heranças que nos fazem compreender muitos aspectos do nosso viver diário. Essas construções sociais nos possibilitam criar nossa identidade, nos sentir pertencentes a um determinado grupo social. Dessa forma, compreender o sentido que atribuímos ao patrimônio enquanto produção histórica, Araripe (2004, p. 115) expõe

O patrimônio, pelo seu teor simbólico e sua significação, funciona como chave de entrada para a compreensão de uma época, de uma sociedade, ou de um momento da vida social. É que quanto mais mergulhamos no passado e nos debruçamos sobre os fatos particulares da vida cotidiana, mais podemos desvendar e compreender a estrutura e a regularidade desse passado e verificar quem em um mesmo contexto estão reunidos diferentes fatos que, na verdade, formam a unidade social (ARARIPE, 2004, p. 115).

Verifica-se em conformidade com o pensamento da autora que o patrimônio nos ajuda a entender toda uma organização social, na sua produção, organização e estrutura, que na verdade está presente em toda sociedade de forma distinta.

Aqui podemos falar que essas construções históricas abarcam vários aspectos de cunho social, político e religioso. Todos estão interligados, mas são interdependentes e exercem

grande influência na vida das pessoas, que por ser herança ou não, grupos sociais têm na religião um aporte para sua fé e está presente na vida de muitos indivíduos. Então construções como a capela, que com o passar dos tempos passou a ser uma igreja, é um objeto final que traduz como as pessoas manifestam sua fé, que é o lugar onde memórias são construídas tanto individual como coletivamente. Essas construções estão espalhadas, por muitos lugares, atendendo a variados grupos sociais e relacionados com o tipo de religião que eles seguem.

Retomando nosso objeto de estudo, a partir da elevação de um Cruzeiro pelo Padre Lazarista²⁵, cujo objetivo era desmitificar aquele alto como um lugar de má predição, por ter um cemitério onde se enterravam pessoas vítimas de epidemias, por ser um lugar isolado acabou tornando-se um ambiente de repulsa, mas se pensou que a Cruz poderia trazer um novo significado aquele lugar, uma vez que a intenção também com o Cruzeiro era orar pelas almas que ali descansavam. Depois que o Cruzeiro foi levantado, uma nova história desse local passa a ser traçada e esse espaço começa a ganhar forma, com a construção da igreja e, posteriormente, com outras habitações.

Quando em 1905, o Cônego Tertuliano Carneiro mobilizou uma comissão e pensou em construir a capela que foi feita pelas mãos das próprias pessoas que moravam por ali, cada vez mais se distancia a ideia de um lugar mal quisto e uma nova história passa a ser contada daí foi se desenvolvendo a comunidade eclesial daquela região. O contexto histórico desse momento é de uma cidade com características mais rurais do que urbanas, os bairros que circundavam a região da capela, eram e são considerados bairros de população pobre na cidade, conseqüentemente as pessoas que construíram e frequentavam a capela eram pessoas menos abastadas, e a estrutura da capela retratava as condições sociais das pessoas que frequentavam aquele espaço religioso. Padre Albertino, o primeiro pároco da igreja Senhor do Bonfim, na intenção de ajudar aquela comunidade, que propôs ao bispo a criação da paróquia e ele mesmo se propôs em ir assumi-la, pois aparentemente não havia interesse de outros padres em administrar uma paróquia constituída por pessoas pobres, diz em seu depoimento, como é mostrado no seguinte trecho extraído do livro “*O MOC linha do Tempo: 40 anos por um Sertão justo*” (2007, p. 9)

²⁵ Padre de Ordem religiosa denominada Congregação da Missão. Por volta do ano de 1625, essa Congregação recebeu o nome de Lazarista porque seu fundador, São Vicente de Paulo, fixou o conjunto de padres que o acompanhava no antigo leprosário denominado São Lázaro, na França. Nesse local, ocorriam retiros espirituais para sacerdotes e leigos. O objetivo de seu fundador era o de enxergar Cristo nos pobres e, por isso, essa Congregação consagrou-se em oferecer serviços aos empobrecidos. Conhecida com Congregação da Missão, a ordem também era denominada Lazaristas ou Irmãos Vicentinos (TAVARES, 2023 p. 05).

Pediram-me como se fosse um “depoimento de vida” sobre o MOC. Não me é muito fácil atender a esse pedido, por várias razões, mas sobretudo porque em minha memória, os primeiros anos do MOC se confundiam com os meus primeiros anos do sacerdócio e do meu compromisso de atuação junto às camadas pobres da população de Feira. Paróquia do Cruzeiro, início do MOC, período de repressão da ditadura militar, passaram por mim num emaranhado de sofrimento, luta e esperança. Difíceis de separar esses aspectos vividos junto à população mais pobre da cidade de Feira de Santana, representada nos bairros do Cruzeiro, Rua Nova, Baraúnas e outros. Paróquia do Cruzeiro: quando D. Jackson resolveu dividir a anterior Paróquia de Santana, até então a única da cidade, em quatro: a de Santana, de Santo Antônio, do Senhor dos Passos e a do Cruzeiro, lembro de um diálogo bem franco com D. Jackson, que queria colocar a sede da Paróquia do Senhor do Bonfim na igreja dos Remédios e eu interfeiri: “Por que não separa esta Paróquia a partir do Riacho (canal) que é um divisor não só físico, mas humano?” D.Jackson ponderou: “Qual é o padre que quer ir para lá?”, só tem pobres ... “Eu mesmo vou”, respondi. Para me experimentar, o Bispo me nomeou o primeiro pároco da Paróquia dos bairros pobres de: Cruzeiro, Rua Nova, Baraúnas e Galiléia. Isto foi em 1965.

De acordo com essa fonte, constata-se, que essa igreja enquanto capela possuía pessoas de baixo poder aquisitivo, bem distinta da de hoje. É sabido que essas comunidades ainda são constituintes dessa paróquia, no entanto outras foram agregadas. Então, como colocado por Pe. Albertino em seu relato, tanto por seu tamanho, como pelo humano, a capela retratava a sua comunidade. A cidade não ficou imune ao progresso, as mudanças oriundas do seu crescimento tiveram como consequência o crescimento demográfico e dos bairros, houve então a necessidade de ampliar a igreja, principalmente segundo relato de alguns moradores o teto da capela desabou e foram feitas as primeiras mudanças. Como motivação para as sucessivas mudanças que ocorreram nesse espaço de celebração, fala-se sempre sobre a necessidade da ampliação, porque com o aumento das comunidades, a construção do bairro Jardim Cruzeiro, foi premente a necessidade de ter um espaço maior para abrigar a todos.

Sua terceira modificação lhe confere o título de paróquia, na década de 60 e após a saída de Pe. Albertino, com a chegada dos padres espanhóis outras mudanças são realizadas, sempre no intuito de incluir as pessoas que participavam das comunidades. Na década de 90, Pe. Pinto dá continuidade as mudanças de Pe. Fausto, remodela a Secretaria Paroquial e daí se tem a igreja Senhor do Bonfim com suas características, ainda com mudanças resultantes da necessidade de ampliação, na sua simplicidade enquanto igreja matriz de várias comunidades, as carentes e as que posteriormente passaram a fazer parte, a partir daí são novos grupos que são partícipes da paróquia Senhor do Bonfim no Alto do Cruzeiro

Com a saída de Pe. Pinto, outros padres administraram a igreja, mas no ano de 2015 com a chegada de Pe. Cícero começou o processo de metamorfose desse templo religioso. Com

o projeto de reforma, começa a ser apagada a igreja Senhor do Bonfim existente até o ano de 2012, para dar lugar a uma nova igreja Senhor do Bonfim no ano de 2015, neste momento só temos resquícios da igreja antes da reforma, hoje só nos é visível a torre do que antes fora a capela e as paredes da entrada que mantêm o nome das pessoas que colaboraram com as outras reformas, no mais, quase tudo o que era da antiga igreja Senhor do Bonfim foi substituído/destruído.

Desde o início da sua construção, a capela do Alto do Cruzeiro possuía um público de pessoas simples, que viam aquele espaço como um lugar de orações, a imagem do Senhor do Bonfim era ornada com flores de papel e a confraria era de papelão, refletindo as condições sociais das pessoas que ali frequentavam. Vê-se então, como mostra a fotografia 64, que a igreja é ornamentada de forma bastante diferenciada, não mais com flores de papel, mas com flores naturais, corroborando o pensamento de que o público que faz parte da igreja é completamente distinto dos indivíduos das décadas anteriores, considerando que uma ornamentação desse porte é de alto custo, observa-se isso também nas fotografias 65 e 66 na festa do Padroeiro, na ornamentação do Presbitério. Considera-se que existiu um público que apresentava um desenho deste templo e pós reforma deparamo-nos com um desenho que retratam as pessoas que esboçam a igreja Senhor do Bonfim, no Alto do Cruzeiro.

Fotografia 64 – igreja Senhor do Bonfim, preparada para um Casamento, 2022



Fonte: PASCOM (2023)

Fotografia 65 – igreja Senhor do Bonfim, Festa do Padroeiro, 2022



Fonte: PASCUM (2023)

Fotografia 66 – igreja Senhor do Bonfim, Festa do Padroeiro, 2023



Fonte: PASCUM (2023)

Nem sempre os espaços ficam imunes a dinâmica do tempo, com relação ao desenvolvimento econômico e social, a cidade de Feira de Santana desde o século XIX vinha sendo atingida por essas mudanças, que acabaram sendo refletidas em todo o seu espaço, em particular o urbano. Segundo Dórea (2018, p. 11), “Com o acelerado processo de urbanização

que tomou conta do país, nas últimas décadas do século XX, Feira de Santana se viu, mais uma vez, sacudida por grandes transformações físicas e socioeconômicas que mudaram sua geografia, sua vida e o harmonioso desenho urbano que a caracterizava”. Nesse contexto, os bairros que estão localizados próximos ao centro, em particular a região do Cruzeiro também passa por esse processo de reorganização urbana e como dito anteriormente, um local que era considerado isolado e distante, passa a ter uma proximidade com o centro da cidade.

Nesse contexto de mudanças, que novos bairros, já com uma nova estrutura começam a surgir, em particular o Jardim Cruzeiro, cujos moradores já possuem condições de moradia distinta das outras comunidades que fazem parte das paróquias. Logo esse público já começa a fazer parte da história da igreja, o bairro começa a ganhar visibilidade e a igreja do Cruzeiro está situada entre os limites do bairro Cruzeiro e Jardim Cruzeiro e na sua lateral direita, a igreja é ladeada pela rua Pontal, que pertence ao Jardim Cruzeiro.

Meneses (1992, p. 14) pondera “a memória é filha do presente. Mas como seu objeto é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer projeto”. O autor reflete sobre a dinâmica da memória ao transitar entre presente, passado e futuro e na sua afirmação de ser filha do presente, pois estas sempre serão percebidas no momento presente, com seu referencial de passado, e escreve o futuro. Isso implica numa afirmação de que as memórias individuais e coletivas desse templo estiveram ou estão presentes hoje no imaginário daqueles que fizeram parte da construção dessa igreja, nos desenhos que foram representados pela mesma, no seu processo de mudanças que configuraram a igreja Senhor do Bonfim na década de 1990.

Ao analisar o passado e o presente da igreja Senhor do Bonfim, no recorte temporal aqui estabelecido, é possível dizer que memórias foram apagadas, e nos deparamos com um desenho atual, que provavelmente está em um processo de construção de novas memórias. A materialidade que ali existia foi substituída por outros materiais e a organização do espaço celebrativo, completamente distinto do que havia antes da grande reforma. Os fragmentos de memória desse templo, apesar das reformas realizadas, ainda estão presentes nas placas em homenagens, objetos como imagens e parte arquitetônica, como a torre.

É provável que existam poucos resquícios da igreja Senhor do Bonfim da década de 90, é percebido a existência de novos espaços de oração neste mesmo ambiente. Aqui não se trata de uma troca de função, mas de uma substituição ou ampliação de ações dentro desse espaço religioso, que certamente ampliarão a visibilidade desta igreja, além dos limites do espaço onde esse templo eclesial está localizado. Le Goff (1990, p. 213), afirma “o passado só é rejeitado quando a inovação é considerada inevitável e socialmente desejável”. O autor nos faz pensar

sobre as implicações advindas das mudanças em quase todo o edifício eclesial, a ampliação pela necessidade de atender a um público de maior poder aquisitivo no entanto a presença no discurso de muitos paroquianos que se orgulham em dizer o quanto sua igreja está “linda”, mostra uma aceitação da mudança.

O templo religioso que existe hoje (ver fotografias 06 e 07), com seu novo desenho, busca atender a um novo grupo de pessoas e de elementos do espaço celebrativo preconizados pelo Vaticano II, retrata um novo contexto, em uma perspectiva ideológica completamente distinta da sua forma e intenção original, trazendo um significado paradoxal com o que se intencionava no momento de criação da capela, daí é possível perceber o poder que emana da Igreja em ser responsável por uma construção/(des)construção de narrativas que produzem a existência de novas memórias. Existe a intenção de construir uma memória do referido templo como de um Santuário de orações, destinadas ao bom fim, em uma alusão ao seu padroeiro que é o Senhor do Bonfim, e a construção desse imaginário individual/coletivo, pode reforçar a concepção desse edifício enquanto patrimônio histórico/ cultural.

As fotografias mostram como a igreja Senhor do Bonfim se configura nos dias atuais, com uma nova estrutura tanto no seu interior, como na sua parte externa, completamente diferente de como era no ano de 2012, após uma grande reforma, o que nos faz perceber como esse /patrimônio sofreu influências culturais e históricas. Entender este templo como um espaço carregado de memórias e vivências impregnadas nas suas formas ao longo dos tempos e analisar suas configurações fomenta uma compreensão dessas mudanças que permearam a história dessa igreja. Ao considerar passado e presente neste templo, existe uma construção até o ano de 2012 e outra no ano de 2015, sendo que a de 2015 continuou seu processo até 2023 e ainda não houve conclusão. O que temos hoje é apenas um mesmo espaço, que traz o mesmo nome, mas com um templo novo porquê do antigo existem poucos resquícios.

Esse novo monumento foi fruto de uma escolha, concebido enquanto patrimônio pode-se dizer que ele foi pensado com alguma intencionalidade, sobre isso Ferreira (2006, p.80) diz “quando falamos de escolhas nos referimos ao caráter sempre eletivo daquilo que vai representar um grupo, uma sociedade, ou a própria humanidade no seu sentido mais amplo”. De acordo com a autora, é possível que esse novo templo venha representar um novo grupo, uma nova condição, pode não ter sido a intenção do mentor da reforma, mas no percurso do processo novas intenções, novas ideologias vão surgindo e venham a ser materializadas e consolidadas. Assim, Pelegrini (2007, p. 96) coloca “o próprio conceito de patrimônio é histórica e socialmente construído, portanto, seus conteúdos e valores se alteram com o passar

do tempo”. Nesse sentido o patrimônio pode sofrer mudanças de acordo com o tempo e a conjuntura vivida. Sobre isso, Pelegrini (2007) conclui que

De fato, as coletividades “convivem em constante interação e mudança”. Essa diversidade resulta numa “multiplicidade de pontos de vista, de interesses e de ações no mundo” que, por sua vez, influenciam os valores que definem sua relação com o patrimônio e o sentido de pertencimento de uns agentes sociais em relação aos outros, sejam eles homens ou mulheres, crianças ou adultos, jovens ou idosos (PELEGRINI, 2007, p. 96).

A autora pondera que, de fato, existe uma dinâmica que permite que mudanças aconteçam, transformando todo um contexto e influenciam valores, questões identitárias e dão um novo significado ao patrimônio, ou seja as interações existentes nas relações sociais, o contexto vivido, podem conduzir a uma redefinição de ideias. Não se pode ter uma noção até que ponto isso é possível, mas é plausível acontecer em algumas situações, em particular na igreja do Alto do Cruzeiro.

Não se pode deixar de falar da relevância da consciência de preservação, que independente das interações sociais, da dinâmica temporal, deve estar presente no consciente das pessoas para que o sentido da memória atribuído a este objeto social não seja apagado. Gonçalves (2010, p. 216 *apud* Gonçalves 2015) salienta que é importante “pensar os patrimônios como sistemas de relações sociais e simbólicas capazes de operar uma mediação sensível entre o passado, o presente o futuro”. O autor diz que o patrimônio vai estar presente dentro de uma cronologia que estarão separadas pelo tempo, mas será parte integrante de cada um trazendo consigo suas características e especificidades, essas que serão traduzidas em memórias.

Nessa perspectiva, a memória está presente com seu papel de representar os fatos ocorridos, construídos e que permanecem dando sentido ao patrimônio, este que pode estar em um momento de transformações com o emprego de novos significados que diferem daqueles do momento que foi construído. Nesse sentido Monastirsky (2009) reflete

a memória dicotomiza-se entre a sua participação na reconstrução histórica para manter vivo o vivido, a tradição e a genealogia identitária diante à aceleração do tempo e o risco da perda das referências, e na desconsideração e indiferença dada à memória, com a inconsciente valorização do novo em detrimento ao velho, provocada pela irresistível lógica do progresso e do desenvolvimento social e econômico (MONASTIRSKY, 2009, p. 325).

O autor pondera sobre a atuação da memória em sustentar elementos que lhe são essenciais, para que não se perca ao longo do caminho todo o sentido que lhe é trazido em preservar as vivências, as marcas identitárias, manutenção da própria memória, quando existe essa atribuição de importância do novo, relegando o que já existia, por um “progresso” estar se impondo como resultado da dinâmica socioeconômica.

Com efeito, é perceptível que existe um jogo de escolhas, e essas escolhas são determinadas por uma ideologia, Monastirsky (2009, p. 330) aponta que “A difusão do patrimônio cultural está atrelada às nuances de interpretação que o patrimônio apresenta (especialmente com relação à memória) e às interferências postas em curso por instituições que regulam o processo de escolha, preservação e uso”, de fato a colocação do autor denota que neste processo de mudanças existe a presença de um grupo que irá escolher o que deve ser lembrado e esquecido, como também o que deve ser preservado ou não, dependendo da sua intencionalidade e da imagem que se quer construir.

Gondar (2000, p. 327 *apud* Monastirsky 2009) chama à atenção quando “afirma que o esquecimento é necessário, não apenas para a evocação da lembrança, mas para a própria constituição da memória, ou seja, a memória é construída através da escolha do que se quer esquecer”. Na opinião da autora o esquecimento faz parte da construção da memória, nessa teia de conflitos que se pondera o que precisa ou não ser lembrado. Mas na contramão desse pensamento, Araripe (2004) nos chama à atenção afirmando

É interessante, portanto, além de pensar numa memória que mantenha conexão com os bens patrimoniais - tais como monumentos e fatos históricos, que se considere o indivíduo como um cidadão e, por conseguinte, merecedor de memória – individual e coletiva - que lhe permita uma consciência histórica capaz de possibilitar a esse cidadão o (re)conhecimento desses bens como parte de sua memória e da sua história (ARARIPE, 2004, p. 120).

A reflexão apresentada pela autora é relevante no sentido da necessidade dessa consciência histórica que é preciso que todo cidadão possua com relação aos bens patrimoniais que fazem parte da sua história, da sua memória, que lhe permita ser constituintes dessa construção e não permanecer inerte na defesa do que considera legítimo como parte da sua identidade, do seu pertencimento àquele patrimônio.

Em outros termos, é essencial que existam espaços e momentos para que existam discussões e reflexões sobre o que é essa consciência histórica para que os indivíduos possam se revestir de criticidade e compreender quando é o momento de agir e interferir para que sua história, memória não seja apagada ou esquecida, pois o homem em si é formado por suas

memórias que estão presentes no seu cotidiano, nas suas relações, construções o que a torna ser tanto individual como coletiva. Nesse sentido Araripe (2004, p. 121) pontua “sem memória é impossível ao homem situar-se no tempo da história e, portanto, sentir-se sujeito da história”. Como afirma a autora, ele precisa situar-se, encontrar-se no seu contexto para sentir-se partícipe, não como apenas indivíduo, mas também como sendo parte da sua construção, para se sentir sujeito da história, com suas memórias e pertencimento.

Na análise dessa construção / (des)construção, ao refletir sobre essa questão temporal do passado e presente nos deparamos com uma complexa compreensão em distinguir, ou mais precisamente contextualizar o passado e o presente. Na verdade, a distinção encontra-se presente apenas no campo temporal, o passado está no presente e o presente pode ser compreendido a partir do entendimento dos elementos do passado, pois esses elementos é que possibilitam a existência de ambos, então não é pertinente dissociá-los. O futuro se faz presente, quando no presente memórias são construídas e consolidadas. No contexto de reflexões das mudanças que aqui foram apresentadas, esse transitar no antes e no depois, no passado e no presente, apenas permitiu uma análise aprofundada dos elementos contidos na história, os que permanecem e os que não mais existem.

Os vestígios de memória deixados, refletem ainda que de forma tímida a história que foi construída, o que fez até um dado momento da história esse edifício eclesial ser reconhecido como um patrimônio daquele lugar, a partir do erguimento de um Cruzeiro, que des(construiu) uma narrativa, associando-o então a um lugar de oração, que se materializou em forma de capela, consolidando uma face identitária que povoou o imaginário popular e ganhou visibilidade por sua localização e devoção.

Esse templo presente no bairro do Cruzeiro, mesmo após a sua reforma, a qual o levou a quase total destruição, modificando-o na sua estrutura ainda traz em sua fachada o desenho da sua construção inicial. Em conversa informal com o pároco, o mesmo relata que segundo o Projeto da reforma da igreja, a fachada foi pensada com essa finalidade, de deixar registrada como era a igreja quando fora construída. Mediante essas informações é possível constatar que existe a presença de elementos do passado e encontram-se presentes e que esse edifício eclesial ainda possui indícios da sua antiga construção. Ainda como componente deste espaço no qual esse edifício eclesial está localizado, podemos evidenciar o Cruzeiro, que já foi trocado algumas vezes, mas é sempre fincado no mesmo lugar em que fora erguido revelando-se como o principal vestígio da história dessa igreja.

CONCLUSÃO

Diante do exposto é possível dizer a partir da análise dos (re)desenhos da igreja Senhor do Bonfim, no Alto do Cruzeiro, com a intenção de compreender como se deu esse processo de mudanças e que resultou na sua configuração atual. A cidade de Feira de Santana, como *locus* desse objeto de pesquisa, ganha menção por seu destaque como entreposto comercial e por este templo religioso, de acordo com os estudos realizados ter acompanhado o desenvolvimento desta cidade, e na sua reconfiguração espacial exerceu influência na visibilidade desse edifício eclesial, e fatores de ordem geográfica também condicionaram aos processos metamórficos pelos quais passaram essa igreja. A presença da religiosidade também está atrelado ao fato da relevância desse templo nesta cidade, uma vez que sua consolidação enquanto paróquia está associada à história da Catedral Metropolitana de Sant'Ana, a igreja matriz do município, pelo fato das três primeiras paróquias fundadas na cidade, todas pertenciam à paróquia da Matriz, e após o desmembramento e formação dessas paróquias, esses templos ganharam autonomia e passaram a atuar de forma independente nas localidades onde estavam inseridas.

A igreja Senhor do Bonfim encontra-se localizada no bairro do Cruzeiro, nome também pelo qual é conhecida a igreja, como “igreja do Cruzeiro”. Nesse processo de busca sobre informações desse espaço celebrativo, ficou evidente que as pessoas de Feira de Santana desconhecem a igreja Senhor do Bonfim, porque ficou impregnado no imaginário popular que existe no bairro Cruzeiro a igreja do Cruzeiro, praticamente todos se reportam a ela assim. É possível que essa associação da igreja ao seu marco inicial tenha ocorrido de forma espontânea, pois foi constatado que o Cruzeiro precede a construção da igreja, essa que ganhou como padroeiro o Senhor do Bonfim, santo religioso de devoção na cidade de Salvador e que depois se expandiu pelo interior da Bahia.

Foi fundamental a aquisição de informações sobre a cidade, bem como o bairro onde está localizado o objeto de estudo, pois na sua história foram revelados elementos importantes que fundamentaram este estudo e nos permitiu afirmar que essa igreja é um símbolo de grande significado nesta cidade, sendo entendido como um patrimônio para a mesma, por todos os sentidos que ela carrega, não só na sua localidade, mas ultrapassando seus limites territoriais e também por estar presente no imaginário popular, mesmo de quem não a conhece, mas sabe que tem a igreja do Cruzeiro em Feira de Santana.

Nesse sentido, foi possível analisar, comparar e conhecer os desenhos da igreja Senhor do Bonfim, as camadas de memória que existem na sua história, foi possível ainda entender que este templo expressa vestígios de um passado que lhe atribuem essa significação, pelo que

restou dos seus muros, pelas placas que recordam as pessoas que colaboraram na concretização da sua edificação e, principalmente, por seu marco inicial estar ali presente, mesmo depois de tantas mudanças.

As fotografias tiveram papel determinante por possibilitar o reconhecimento de um ambiente da igreja que já existiu, com todas as suas histórias e memórias, com especial menção da década de 60 quando foi elevada à paróquia, com uma estrutura arquitetônica simples e elementos existentes desde o início da sua construção. Com o crescimento vertiginoso da cidade de Feira de Santana, durante esse tempo e, conseqüentemente, um crescimento demográfico, as comunidades que fazem parte da paróquia Senhor do Bonfim, também cresceram e houve a intenção da ampliação do templo para agregar os fiéis. Logo, este estudo identificou que uma das motivações que levou a se pensar em mudanças nesse espaço religioso foi a necessidade de ampliação. Na abordagem das décadas de 80 e 90, nos é revelado que a igreja neste intervalo de tempo, passou a ter uma configuração que em alguns aspectos praticamente se manteve até o ano de 2012. Rever esse parágrafo está muito estranho. Seja objetiva.

Com a concretização da reforma, a igreja foi completamente descaracterizada, com a existência um novo templo, com uma nova fachada. O novo projeto da igreja, elaborado por um especialista em arte sacra, buscou atender o que preconizava o Concílio do Vaticano II, substituindo quase que completamente elementos do antigo templo, redistribuindo os elementos do espaço celebrativo e dando uma nova configuração a esse templo eclesial. A igreja foi ampliada, mas junto com a ampliação veio a mudança, junto com a mudança, a destruição. Destruição das memórias que ali existiam, tanto individual como coletiva, foi um considerar o novo em detrimento do antigo. Parece que não foi pensado uma maneira de ampliar sem destruir e considerar a preservação como prioridade nesse processo de mudanças. Havia a necessidade de ampliar, mas havia também a necessidade de mudar? Foram pensadas possibilidades, será que existiu um amplo debate para que essas mudanças fossem acatadas, será que houve anuência de toda a comunidade para a igreja Senhor do Bonfim da década de 90 fosse extinta e uma nova igreja com estrutura e traços arquitetônicos ocupasse seu lugar? Não só a população, mas historiadores e arquitetos especialistas em patrimônio (pois um arquiteto especialista em arte sacra, como visto, pode não ter sensibilidade para esses temas).

São muitos questionamentos oriundos no processo de construção desse trabalho, no sentido que a igreja Senhor do Bonfim é concebida como patrimônio, por sua centralidade na influência da sua localização e no gerenciamento das comunidades que ela está gerindo que fazem parte de bairros circunvizinhos que tem a sua importância na cidade. Nesta comunidade estão os grupos sociais que tem uma história, que tem seu sentimento de pertencimento e

formação identitária a partir desse patrimônio, este que foi eleito pelo seu significado em si e por ser marca da história dessas pessoas. No entorno desse edifício eclesial está a praça Senhor do Bonfim, também conhecida como praça do Cruzeiro, que é um espaço que faz parte da história desse templo, pelas suas várias funções ao longo dos tempos. A praça já foi palco das festas de largo que aconteciam nas festas do padroeiro no mês de janeiro, com a presença de filarmônicas atuando no Coreto, que fora destruído. As residências que estão ali mudaram suas fachadas, mas fazem parte do processo histórico daquele lugar, apenas se destacando a presença de algumas casas comerciais.

Com base nas reflexões aqui levantadas, como o que nos mostram as fotografias, que são um dos documentos/fontes utilizados para investigar, analisar, inferir sobre esse constructo que o conceito de patrimônio foi trazido no âmbito dessas discussões. E à luz desse conceito que ponderações foram realizadas, discutidas e serviram como fio condutor para o desenvolvimento desta pesquisa. A escassez de fontes, registros sobre esse templo, só fez despertar mais ainda o interesse em buscar sinais da sua história. Logo, os achados permitiram compreendê-la enquanto patrimônio, por sua simbologia e ainda que mudanças tenham ocorrido, a história desse templo continua sendo escrita e novas memórias estão sendo construídas.

Efetivamente, o que vemos hoje, é um templo completamente distinto do ano de 2012, com uma fachada que traz elementos da igreja enquanto era uma capela com uma separação nítida da estrutura da forma antiga da capela e a parte ampliada, com cores e materiais diferentes, um interior completamente transformado com novos elementos. Da igreja de 2012 permanece elementos como o sacrário, a torre e a imagem do padroeiro, o Senhor do Bonfim que é a mesma que foi doada por um benfeitor e as paredes da entrada que foram as únicas que não foram demolidas e na parte externa a presença do objeto histórico que originou toda essa tradição religiosa que é a Santa Cruz, o Cruzeiro. Se a intenção do Pe. Lazarista era transformar aquele lugar ermo em lugar de oração e acolhimento espiritual isso foi consolidado, pois a herança deixada por ele resultou em uma reconfiguração daquele lugar, na (re)construção de um templo que era uma capela, depois transformada em igreja matriz de uma paróquia e transpassou limites. Conclui-se, portanto, que o erguimento do Cruzeiro, marca o início de toda a história em torno desse patrimônio que é a igreja Senhor do Bonfim (igreja do Cruzeiro) que ao longo dos tempos ganhou visibilidade e hoje possivelmente é reconhecida por fazer parte da história da cidade de Feira de Santana e por seu papel religioso.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Oscar Damiano. **Dicionário Personativo, Histórico, Geográfico e Institucional da Feira de Santana**. 3ª edição. Ed. Gráfica Nunes Azevedo LTDA: Feira de Santana, 2002.
- ALVES, A. S.; JESÚS, M. O. de; FREITAS, N. B. **Paisagem urbana e produção do espaço em Feira de Santana (BA): uma análise comparativa entre os anos de 1919-2019**. URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade, Campinas, SP, v. 12, p. e020012, 2021. DOI: 10.20396/urbana.v12i0.8660729.
- ARANTES, Antônio Augusto. **"Patrimônio cultural e cidade." Plural de cidade: novos léxicos urbanos**. Coimbra: Almedina (2009): 11-24.
- ARARIPE. Fátima Maria Alencar. **Do patrimônio cultural e seus significados**. Transformação, Campinas, 16(2):111-122, maio/ago., 2004.
- ARAÚJO, Ana Paula Batista. DOMANSKY, Andressa. **Fotografia e memória: As Igrejas de Santo Ângelo**. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.2, n. 7, Jul./Dez. 2012- ISSN-n2177-4129.
- ARAÚJO, Marlon da Silva. **Igreja Santa Rita de Cássia: Anteprojeto de uma Igreja católica em Cabedelo**. João Pessoa, 2022.
- AZEVEDO, Livia Dias de. **Feira de Santana: Entre Culturas, Paisagens, Imagens e Memórias Visuais Urbanas - Um estudo que dialoga com as décadas de 1950 A 2009**. Feira de Santana, 2009.
- BIBLIOTECA SETORIAL MONSENHOR RENATO DE ANDRADE GALVÃO – Museu Casa do Sertão e Centro de Estudos Feirenses/UEFS- BSMG. JORNAL FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 1945-1976, Semanal. (Digitalizado)
- CAMINHADA DO PERDÃO. **Caminhada do perdão**. Disponível em: <<https://www.caminhadaoperdao.com.br/?lightbox=dataItem-lqejphdd3>>- Acesso em: 27 de fev.2024.
- CARVALHO Aline Vieira de. FUNARI, Pedro Paulo. **Memória e Patrimônio: diversidade e identidades**. Revista Memória em Rede, 2010.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. CNBB- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 2022.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Constituição da república Federativa do Brasil** [recurso eletrônico] — Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Altos Estudos, Pesquisas e Gestão da Informação, 2024. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>>- Acesso em: 13 de jan. 2024
- CHUVA, Márcia. **Da referência cultural ao patrimônio imaterial: introdução à história das políticas de patrimônio imaterial no Brasil**. In REIS, Alcenir Soares dos &

FIGUEIREDO, Betania Gonçalves. Patrimônio Imaterial em perspectiva. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015. pp.25-49

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO - CDC. Promulgada por João Paulo II, Papa. Edição Revista e Ampliada com a legislação Complementar da CNBB e com as cartas Apostólicas em forma de Motu Proprio Mitis iudex Dominus Iesus e de concordia inter Codices. Edições Loyola Jesuítas, 2017.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. **Constituições, Decretos e Declarações**. 29ª edição. Editora Vozes: Petrópolis 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL 52ª Assembleia Geral Aparecida - SP, 30 de abril a 9 de maio de 2014.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997.

COPPEE, François. **O século que morre**. In. O PROGRESSO. Feira de Santana, n.47.23 dez.1900. p.1-2 (Digitalizado)

CUNHA, Hugo Joel Pereira. **Anúncio e Memória da Ressurreição. O lugar da proclamação da Palavra de Deus: iconografia e iconologia**. Porto, 2021

DIRETÓRIO DA ARQUIDIOCESE. **Vida de Irmãos**. Feira de Santana- Bahia, 2012.

DÓREA, Juracy. **Feira de Santana: memórias e remanescentes da arquitetura eclética**. Feira de Santana: Editora UEFS., 2018.

EÇA, Teresa Torres. **Desígnios do Desenho no contexto da cultura visual**. Educação & Linguagem. v.13, n. 32, 153-168. jul.-dez., 2010.

FERREIRA, Antônio Moreira. **A Feira do século XXI. Memórias**. Feira de Santana. Editora Talentos, 2006a.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. **Patrimônio: Discutindo alguns conceitos**. Revista Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 3, p. 79-88, 2006b.

FRONER. Yacy-ara. **Patrimônio Arquitetônico: Conceitos contemporâneos nas cartas de Icomos**. Oculum ens. Campinas 10(2). 243-255. Julho-Dezembro 2013.

FUNARI, Pedro Paulo A.; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GAMA, Raimundo Gonçalves. (coord.) **Memória Fotográfica de Feira de Santana**: Fundação Cultural de Feira de Santana: 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GOOGLE MAPS. **Imagens**. Disponível em: <<https://www.google.com/search?sca>> - Acesso em: 15 de mar.2023.

GOMES, Luiz Vidal Negreiros. **Desenhismo**. Santa Maria: editora da UFSM, 1996.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O Patrimônio como categoria de pensamento**. Org. Regina Abreu, Mário Chagas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

_____. **O Mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição**. Estudos históricos. Rio de Janeiro. vol. 28, nº 55, p. 211-228. Janeiro-junho.2015

GONÇALVES, Luís Jorge. **Santuários: Cultura, Arte, Romaria, Peregrinações, Paisagens e Pessoas**. Revista Santuários, Cultura, Arte, Romarias, Peregrinações, Paisagens e Pessoas. 2014. ISSN 2183-3184. Vol. 1 (2): 13-15.

GUIA DE ORIENTAÇÕES PARA PROJETOS, EXECUÇÕES E CONSERVAÇÃO DE IGREJAS. Diocese de Santo André. 2016

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **CIDADES – IBGE. 2015**. [online]

IBGE. **Cidades – IBGE**. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/panorama>> - Acesso em: 13 de jan. 2024

IPHAN. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/patrimonio-cultural/patrimonio-imaterial> - Acesso em: 20 de jun. 2024

JHONSON, Cuthbert. JHONSON, Stephen Osb. **O Espaço Litúrgico da Celebração. Guia litúrgico prático para a reforma das igrejas no Espírito do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Editora Loyola, 2006.

JOHN, Nara Marlei. **Identificação, valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural**. XI Encontro Estadual de História: História, memória e patrimônio. 23 a 27 de julho de 2012. FURG. Anais Eletrônicos.

JÚNIOR, Mario Abel Bressan. **A memória afetiva e os telespectadores: um estudo do Canal Viva**. Porto Alegre, 2017.

LEÃO, Lourdes Meireles. **Metodologia do Estudo e Pesquisa: facilitando a vida dos estudantes, professores e pesquisadores**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, São paulo Editora: UNICAMP, 1990.

_____. **São Francisco de Assis**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LEIS MUNICIPAIS 2004. Disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/a/ba/f/feira-de-santana/lei-complementar/2004/2/18/lei-complementar-n-18-2004-define-o-perimetro-urbano-delimita-os-bairros-da-cidade-de-feira-de-santana-e-da-outras-providencias> -> Acesso em: 04 de mar. 2023.

LIVRO DE TOMBO DA IGREJA MATRIZ DE SANT ´ANA. Maio de 1930.

LIVRO DE TOMBO DA IGREJA SENHOR DO BONFIM. 1964.

LIMA, Marcos Antonio Moraes. **O espaço celebrativo segundo a imagem da Igreja.** Revista Contemplanção, [S. l.], n. 1, 2015.

LOPIS, Erievania Azevedo. **Patrimônio histórico cultural: preservar ou transformar? Uma questão conflituosa.** Revista Mosaico – Volume 8 – Número 12 – 2017.

MAUAD, A. M. **Como nascem as imagens? Um estudo de história visual. História: Questões & Debates,** Curitiba, n. 61, p. 105-132, jul./dez. 2014.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiro, São Paulo, v. 34, p. 09-24- 1992.

_____. **Fontes visuais, cultura visual, História Visual.** Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.23, nº 45, p. 11-36. 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOVIMENTO DE ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA (MOC). Disponível em: <<https://www.moc.org.br/o-moc>> - Acesso em: 27 de fev.de 2024.

MOC na Linha do Tempo 40 anos por um Sertão mais Justo. Feira de Santana, 2007.

MONASTIRSKY, Leonel Brizzola. **Espaço Urbano: memória social e patrimônio cultural.** Terr@Plural, Ponta Grossa, v.3, n.2, p.323-334, jul./dez. 2009.

MORAES, Dênis de. **Notas sobre imaginário social e hegemonia cultural.** Contracampo, n. 01, 1997.

NETO, Francisco Antonio Nunes. **A invenção da tradição: A “devoção” ao Senhor Bom Jesus do Bonfim na/da Bahia.** Interfaces Científicas - Humanas e Sociais. Aracaju, v.1- n.2, p. 45-55, fev. 2013.

NEVES, L. de A. **Memória, História e sujeito: substratos da identidade.** História Oral, 3. 2000, p. 109-16

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** São Paulo: Proj. História, 1993. p. 07-28.

OLIVEIRA, Antonio Eduardo Pereira Pontes (Org.) **Orientações e normas da Igreja sobre o Espaço Litúrgico: adequação.** Curitiba: FASBAMPRESS, 2023.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Matergrafia e patrimônio: Santuários Marianos como espaço simbólico e vetorial da Latinidade.** Ateliê Geográfico - Goiânia-GO, v. 13, n. 3, dez/2018, p. 170 - 194

OLIVEIRA, Francisco Isaac D. de. **A Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos como espaço de Memória**. Revista Relicário. Uberlândia. V. 6n. 12. jul./dez, 2019.

PELEGRINI, Sandra C. A. **O Patrimônio Cultural e a Materialização das Memórias Individuais e Coletivas**. UNESP- FCLAs – CEDAP, v.3, n.1, 2007 p.87-99.

PEREIRA, Antônio Moreira. **A Feira do século XX (Memórias)**. Editora Talentos: Feira de Santana, 2006.

PLANO DE PASTORAL. Arquidiocese de Feira de Santana. Editora Fonte de Vida, 2002.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: **Estudos Históricos**, 5 (10) p. 200-212. Rio de Janeiro, 1992.

_____. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: **Estudos Históricos**, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

Revista Contracampo, Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM/UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil, ISSN online: 2238-2577, ISSN impresso: 1414-7483.

Revista Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.7, Jul/Dez. 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de Imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

SILVA, Oséias Teixeira da . **O conceito de centro e centralidade como um instrumento de compreensão da realidade urbana**. Conference: XVIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana At: Rio de Janeiro – Brasil. November 2013.

SOUZA, Paulo Tarso Bispo de. **Terra Formosa e Bendita, criação da Diocese de Feira de Santana**. Editora: Feira de Santana, 2023.

TAFFARELLO, Tadeu Moraes. **Itinerário de uma reescritura: Procissão do Enterro na Semana Santa de Prados-MG. Silvio Ferraz**. XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – B. Horizonte – 2016.

TAVARES, Michelle Mattar Pereira de Oliveira. **Seminário Sagrado Coração de Jesus. Os padres Lazaristas e a formação religiosa em Diamantina- Mg, 1950-1964**. 1ª ed. – eBook- Jundiaí, São Paulo: Paco Editorial, 2023.

TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. **Desenho e Fotografia: Memória da História dos transportes em Salvador**. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 42, p. 115-130, jan./jun. 2010.

UNESCO. Disponível em: <<https://www.unesco.org/en/fieldoffice/brasil>-> Acesso em: 06 de jan. 2024.

ANEXO

HINO AO SENHOR DO BONFIM

Glória a ti neste dia de glória
Glória a ti, redentor, que há cem anos
Nossos pais conduziste à vitória
Pelos mares e campos baianos

REFRÃO - Desta sagrada colina**Mansão da misericórdia****Dai-nos a graça divina****Da justiça e da concórdia**

Glória a ti nessa altura sagrada
És o eterno farol, és o guia
És, senhor, sentinela avançada
És a guarda imortal da Bahia

Aos teus pés que nos deste o direito
Aos teus pés que nos deste a verdade
Canta e exulta num férvido preito
A alma em festa da sua cidade

Alma heroica e viril deste povo
Nas procelas sombrias da dor
Como a pomba que voa de novo
Sempre abriste teu seio de amor

Composição: Arthur de Sales / João Antônio Wanderley.